Théo-Filho

365 dias de boulevard

(2.ª edição)

LEITE RIBEIRO & MAURILLO, editores
3, Rua Santo Antonio, 3

RIO DE JANEIRO
1920

OBRAS DE THÉO-FILHO

CONTOS

Dona Dolorosa — Edição do *Correio da Manhã* (Esgotada).

Bruno Ragaz, anarqista — Edição de Magalhães Moniz & C. — Porto. (Esgotada).

ROMANCES

A tragedia dos contrastes — Edição de Guimarães & C. — Lisbôa. (Esgotada).

Mme. Bifteck-Paff — 3.ª Edição de Guimarães & C. — Lisbôa.

Anita e Plomark, aventureiros — Edição de Antenor & C. — Rio. (Esgotada).

Os aventureiros no transatlantico — A sair.

VIAGENS

365 dias de Boulevard

Do vagão-leito á prisão.

Livro de guerra
Avaré—Paris—Boulogne } (No prelo).

De colaboração com Robert de Bédarieux

(Sous presse)

Anita et Plomark, aventuriers — (Roman).

Les aventuriers sur le transatlantique = (Roman).

EM PARIS

Pampilhosa — Villar Formoso — Salamanca — Medina — Hendaye— Bordeaux—Libourne— Angoulême— Quai-d'Orsay...

Duas horas da madrugada! Paris, finalmente.

— Onde deseja ir?— perguntou-me um *chauffeur*, á sahida da *gare*, apossando-se de minhas malas.

— A qualquer hotel...

Fatigadissimo após uma viagem de estrada de ferro cheia de peripecias, acommodei-me no assento do automovel, sorrindo ao bello inverno que iria passar na capital franceza. De repente, porém, depois d'algumas pequenas voltas, o vehiculo parou. Irritado, abri a portinhola...

— Que ha? — indaguei, pressuroso.

— Estamos bloqueados — respondeu-me o *chauffeur* — O povo tomou conta das ruas...

— Por que?

— Como hoje é dia de Natal... protesta-se contra a vida cara...

— Ah!

Bocejando, acommodei-me outra vez no fundo do automovel. Diante de mim estava o Paris revolucionario e magnifico das barricadas, dos conflictos sanguinolentos, das mulheres espirituosas, o Paris galante e o Paris heroico. Subitamente loquaz, indaguei do cinesiforo:

— O povo protesta apenas por desfastio?...

— E' que está tudo carissimo... quase como em 1870... quando eramos sitiados...

1870, para o francez, significa realmente fome. Na noite de natal de 1870, o thermometro desceu dez gráos abaixo de zero. Começara o regime da carne de cavallo. A Municipalidade vendera um poldro de corridas, pertencente a um inglez, por 50.000 francos, segundo avaliou o *Figaro*. Os restaurantes populares fechavam as portas. Os grandes restaurantes vendiam a preços fabulosos. O kilo de manteiga valia trinta e cinco francos. Pagavam-se oitenta francos por um perú e oito francos por uma posta de peixe. Certo açougueiro do Boulevard Haussman comprara por vinte e sete mil francos os tres elephantes do Jardim das Plantas. «O pé do elephante é o melhor prato do dia» asseguravam os jornaes. As peras custavam dois francos e os bolos economicos, sem ovos nem leite, custavam dez

francos. O espectro dos ratos perseguia as almas sensiveis —conta Heitor Fleichman. O *Paris Journal* annunciava: — «Um rato custa sessenta centimos e em Paris ha mais de vinte milhões. Comem-se ratos com azeitonas, á moda dos marrecos». Dois mezes depois o rato era um mytho.

E todas esses recordações lamentaveis me acudiam á memoria, considerando o protesto do povaréo por causa do augmento de alguns centesimos no preço dos productos provenientes do campo. Ordenei ao meu guia:

— Volte e siga por outra rua...

— Ha gente por todos os lados, patrão...

Alguns *sergents de ville* chegavam finalmente para restabelecer o transito e deixar seguir a longa fileira de automoveis e fiacres. Fazia um frio de rachar... A neve cahia em leves flocos espumosos.

Tratei,no dia seguinte, de alugar um alojamento e fui encontrar um pequeno *appartement* num segundo andar do boulevard Poissonniére, entre a rua do Sentier e o faubourg Poissonnière, em frente ao edificio do *Matin*. Esse *appartement* era mobilado com trastes pardos, tapetes pardos, molduras pardas. O seu proprietario, por conseguinte, devia ser um homem do norte...

Despendi algumas centenas de francos em tranfor-

mações, comprei estantes, mudei os revestimentos das parêdes, arranjei dois divans americanos na loja dum collecionador e puz sobre a chaminé estatuetas de gesso que tinham as rubricas de Fox e Allan Kurtz. Por uma das janellas do meu gabinete de trabalho eu avistava tudo o que a cidade luz tem de encantador e vivaz, o movimento das ruas, incessante e variavel, o boulevard transitado que toma na esquina do *faubourg Poissonnière* o nome de *Bonne Nouvelle.* Quanta serenidade de um lado, quanto barulho de outro! De um lado, quatro deliciosas copias de Henry Gsell, Joseph Bail, Marcel Baschet e Abel Faivre. De outro lado, em baixo, na rua muito larga, vultos que pareciam marchar com fitos lugubres, ridiculos no nevoeiro, automaticos. Omnibus, autobus, fiacres, carroções... Uma febre de movimento que me fatigava o olhar e o cerebro...

Mas sonha-se sempre na fadiga. E esses sonhos, nascidos das observações, eu os collecionei, pachorrentamente, em tiras de papel, para os meus leitores, para aquelles que amam o devaneio das viagens e a prosa sincera e simples.

BAS-FOND

Ha dois Paris: o que trabalha e o que se diverte. D'ahi tres camadas sociaes: a dos ricos, a dos pobres e a dos miseraveis. Os ricos esbanjam e entediam-se, os pobres aburguezam-se, os miseraveis soffrem. Das casas dos Campos Eliseos ás mansardas da Villette o abysmo é estupendo.

O brasileiro que visita a Europa, retira-se de Paris sem o conhecer completamente, porque fica desde o começo na primeira camada social. Como tem dinheiro nos bolsos, alista-se prazenteiramente no regimento dos egoistas. (A colonia brasileira de Paris, seja dito de passagem, é desunidissima. O brasileiro do *faubourg* tem medo do que chega da terra — porque com frequencia este ultimo sente falta de dinheiro. Tonto num paiz que não conhece, esbanja a fonte de receitas e de um dia para o outro necessita, appella para o patricio e recebe caretas. Certa vez, no consulado, encontrei ao

mesmo tempo tres familias differentes que iam queixar-se ao consul... iam queixar-se de falta de dinheiro, do atrazo dum paquete que traria ordens ao banco... (Que tinha porem o consul com o caso?...).

Engrossando a fileira dos ricaços, o brasileiro torna-se snob, mas um snob-insuportavel, um snob sul-americano. Não lhe falem em *bas-fonds*, não lhe falem em originalidades monmartrenses. Elle quere ir ao Maxim's, ao Cassino d'Enghien, ao pavilhão Chinez, quere fragatear d'automovel, quere jantar no Paillard. Depois de durante dois mezes ver mulheres insôssas e comer iguarias sem nenhum gosto, embarca para o Brasil. Nas avenidas do Rio, de S. Paulo ou de Belém proclama bestiarias:

— Paris, oh! Esplendido... Uma noite, na Comedie Marigny, encontrei-me com uma actrizita chamada Colette... etc...

— Paris, oh! Extraordinario, a torre Eiffel! Uma tarde, visitamos esse monumento... Foi lá que conheci miss Merpiss...

— A mulher franceza, hip!... hip!... é simplesmente sublime... hurrah!...

— E as dansarinasinhas, hein?...

Um milhão de coisas interessantes fervilha, comtudo, emquanto o oiro escorrega. Os bairros operarios offerecem durante a noite o espectaculo formidando das dificuldades do pobre. Em Batignolles, em Belleville, no bairro latino, na Butte, no bairro d'Italie, na

Bastilha, alta madrugada, com o frio a rachar e a neve a cahir, ha creaturas que se escondem nas portas e nas escadas: mulheres jovens, mulheres velhas, bebedos, criminosos, uma sociedade mesclada...

— Que fazes ahi? — perguntei certa madrugada a uma creaturinha que tiritava num canto do boul'-Voltaire.

— Nada — respondeu-me ella.

— Porque não vaes para casa? São tres horas...

— Não tenho casa...

— E tua familia?

— Papae está sem emprego e ficou bebendo no Bistrô... Mamãe entrou para o hospital... Irmãsinha sahiu para mendigar e não voltou... Onde ir?... Queres levar-me?... Queres-me para ti?... Dar-me-has um leito e ficarei tranquilla...

Conduzi a rapariga a uma hospedaria da *Armée du salut*, sociedade bemfeitora, fundada pelo general Booth, que morreu ultimamente na Inglaterra. Durante tres dias e tres noites a *Armée du salut* se encarrega de dar cama e comida aos necessitados. Em quase todos os quarteirões de Paris existe uma hospedaria dessa associação benificente. Inutil affirmar que as camas estão sempre repletas...

Nunca assisti a espectaculo mais horrivel do que o da distribuição de sôpa numa hospedaria do *Salut*. Os lastimosos enfileiram-se ao longo da calçada, dois a dois, com uma tijela na mão. Veem-se bellezas

raras, mas depauperadas pela fome ou por molestias invisives. Veem-se velhos que mal tem forças para fazer cinco passos; mulheres arruinadas pela syphilis, sem cabellos, sem dentes, com o rosto cheio de manchas vermelhas, crianças estropiadas com ares de vicio precoce. Um rapaz tão magro como uma caveira contou-me ali:

— Eu era anarchista, mas os patrões me aceitavam... Um dia a machina comeu-me um braço; fiquei aleijado... Desde então não me querem dar trabalho... Dizem que é por causa do braço...

D'outra vez uma adolescente contou-me:

— Trabalho, mas meu irmão toma toda a minha féria. E como não quero morrer de fome, venho as casas de caridade... Já tenho corrido oito... Oito vezes tres, vinte e quatro. Ha vinte e quatro dias que como e durmo de graça... Meu irmão é *apache*... gosta de vinho... tem dezasete annos...

Estes dois exemplos nada porém significam. A miseria fantastica, é a que se esconde por debaixo das pontes. Emquanto nos clubes do bairro da Opera jogam millionarios ao lado de loubateiras, nos caes sombrios, sob as abobadas de ferro, uma tragedia dantesca se desenrola na escuridão. Mendigos, transfugas da justiça, dementes, alcoolatras procuram dormir sobre a pedra gelada. A's vezes, pela manhã, um dos hospedes fica na posição em que passou a noite. Os

companheiros apressam-se, partem grunhido. O dorminhoco não se levanta. Apparece finalmente um *sergent de ville* que saccode o vagabundo. Mas este não dorme: seus olhos estão abertos, embaciados e olham fixamente. Morreu de frio...

As provincianas abandonam a aldeia e veem procurar collocação na Cidade Luz. De dez, seis encontram que fazer, quatro ficam na rua. Essas quatro são jovens, têm menos de vinte annos, são virgens... E uma noite, famintas, entregam-se ao passante que lhes dirige a palavra e que na maioria das vezes são rufiões, são *marloux* repugnantes. Em geral a provinciana vem cahir na bocca do lobo: o lobo Paris tem uma bocca chamada *traitre des blanches*. A policia não poderá soccorrer todos os miseraveis nem prender todos os *souteneurs* e por isso irrita-se. E quem fala mal da do Rio de Janeiro nunca passou uma noite num commissariado de Paris.

Assisti á prisão de tres rapazes accusados de ladroeira. Por curiosidade segui-os até á delegacia.

— Ah! ah! ah! — exclamou o commissario quando os recebeu. Que fizeram vocês?

Os ladrões responderam:

— Roubamos porque tinhamos fome...

O commissario levantou-se:

— Ousam confessar! Ousam confessar que roubaram e que tinham fome!... Ousam confessar que

tinham fome? Porque é que tinham fome? Eu tenho fome, eu?... Não... Eu trabalho... Nada de explicações... Não falem, já sei... Vou dar-lhes uma correcção *comme il faut*... Soldados, offereçam de comer a estes homens...

E immediatamente presenciei uma scena medonha. Um grupo numeroso de *sergents de ville*, gigantes de força e de estatura, cahiu sobre os presos e começou a surra-los. Ouvi gritos, gemidos e ruidos de sôccos...

Pensei protestar... Para que?... Fugi. Na rua ouvi ainda os gemidos dos presos, os *hurrahs* dos policiaes e a voz do commissario:

— Assim... assim... Nunca mais ousarão ter fome, esses malditos socialistas... esses inimigos da nossa cara republica...

UMA NOITE NAS "FOLIES BERGERES"

Jack Johnson, campeão americano, dança a dança dos ursos nas *Folies Bergères*. Como, porém, é muito largo de espadua e herculeamente apessoado, e como a dança dos ursos requere uma série de manobras que obrigam o dançarino a abrir as pernas e levantar os braços, Jack Johnson não parece com o urso dançando a dança dos ursos; parece com a rã...

Paris corre todas as noites ás *Folies Bergères*, afim de ver o brutamontes, cuja fama tem sido tão commentada nos dois ultimos annos. De facto, raro é o mez em que se não commenta uma façanha de Jack Johnson. Ora é preso por velocidade excessiva de automovel, ora pelo rapto duma joven senhorita, ora por gerencia de casa de jogo, ora por commercio illicito de menores. Em Chicago, numa tarde de *meeting*, defendeu-se duma multidão hostil que o queria lynchar. Em Nova Orléans, ficou vinte e quatro

horas dentro dum curral a abrigar-se duns brancos que desejavam esborcelar-lhe a cara. Por occasião do seu celebre combate com Jeffries, deram-se os incidentes que o publico conhece. Ultimamente a policia de New-York poz-lhe a mão no collete, inculpando-o de trafico das brancas.

Libertando-se da America do Norte, com a fortuna bastante diminuida, Jack Johnson correu immediatamente para a Europa. Acompanharam-n'o duas duzias de criados, tres automoveis e uma mulher loira e formosa. Essa mulher loira, ao que parece, é a esposa de Jack Johnson, é a sua quinta ou sexta esposa, pois que, ao que parece ainda, Johnson divorcia-se porque maltrata o bello sexo... As suas caricias são caricias de bugre.

Exhibindo-se num *music hall* parisiense, Jack Johnson provou não ser sómente o mais formidavel dos boxeurs mundiaes. Apparece-nos tambem como um dançarino cheio de ligeireza e flexibilidade. E como dança com a bella senhora Johnson, o publico declara-se cinco vezes encantado: uma branca vale ou não quatro negros?...

Uma noite, nas *Folies Bergères*, enquanto a Snra. Johnson me cumprimentava com um sorriso gracioso, o negro boxeur Jack me apertou as mãos com uma ex-

pansão americana. Conversámos immediatamente. Johnson exprimia-se num francez *macarroni*... A Sra. Johnson, esperando que o *rideau* fosse levantado, trauteava numa lingua que não era a sua:

Quand je danse avec mon grand negro
Il a une façon de m'enlacer
J'en perd la téte,
Je suis comme une bête!...

A voz do boxeur não tinha a tonalidade da voz de sua companheira. Sahia grave, lenta, compassada:

— Os americanos são uns malvados... Que mal lhes fiz para ser victima da ingratidão do meu paiz? O caso Jeffries?... Um caso morto... E no entanto perseguiram-me como se eu fosse um criminoso... Para escapar á colera da população dos Estados Unidos, mandei vir do Canadá toda uma équipe de *foot-ballers* negros e puz-me entre elles, na volta, num trem especial que fretei propositalmente. Passei a fronteira escondido no *sleeping-car*. Assim que cheguei a Montreal comprei um bilhete para o Havre, de sorte que as autoridades canadenses não me puderam reconduzir aos Estados Unidos...

Olhei-o e lembrei-me dum perfil que vi não sei onde, um desenho mui raro de uma cabeça «cuja fórma era um ovo perfeito, um ovo cuja grossa extremidade repousava no peito largo, fendido na bocca, onde brilhavam incisivos de oiro — nariz proeminente, fronte fugitiva, craneo rapado — olhos negros e extremamente dôces, quase de sonhador».

— Caro Jack, consolei-o, nada de desanimo.

A branca e formosa senhora Johnson continuava a trautear:

Il me cogne, il me demolit, il me crève,
Mais que voulez-vous? Moi, j'aime ça!

E alheio a ella, Jack Johnson divagava.

— Si me tivessem prendido na America, minha detenção duraria dois annos... Morreria de fraqueza... Felizmente safei-me... Deixei lá 550 mil francos de multa e um colar de minha mulher, do valor de 15 mil dollars... Estou na França, mas não arruinado, como timbram em affirmar... Pagarei 50 mil francos a quem puder combater commigo durante quinze minutos... Os meus automoveis repousam na garage do hotel em que estou. Paguei por elles 833 dollars de

frete e 3,794 francos de direitos alfandegarios. Oh! como a França é hospitaleira! Instalar-me-ei com prazer nas visinhanças de Paris... já comprei para isso um chalé muito bonito... Na semana passada fiz uma viagem á Inglaterra afim de obter um pequeno gráo na ordem da maçonaria... Vou fundar um sanatorio para neurasthenicos e offereço-lhe desde já, gratuitamente, os meus prestimos... Talvez vá em breve a S. Paulo e ao Rio... No Brasil os negros têm liberdade... nos Estados Unidos são perseguidos e lynchados... Quando me mudar convida-lo-ei a visitar minha bibliotheca... Adoro Frederico Masson e Napoleão... No dia 2 de Agosto estive em Waterloo...

A senhora Johnson cantarolava ainda:

Y a pas, j'suis sa chose, à lui,
J'l'ai dans le cœur, quoi! c'est mon chéri...
Ah! oui, je l'aime,
Je l'aime, mon grand negro!...

Jack concluiu, taciturno:

— Nunca me consolarei da desgraça de não poder voltar á America... Nunca mais!...

Uma melancholia exasperadora contrahiu-lhe a figura. A Sra. Johnson approximou-se-lhe:

—*Comment, petit Jack?... Pleure pas, mon bébé! C'est fou, cheri, absolument fou... Allons donc, mon petit côcô, mon petit lapin!...*

E Jack Johnson, com um largo sorriso, começou a prestar attenção ás danças dum bando de *girls*...

O CAFÉ DE ROBESPIERRE

— Tudo está morto! vociferava Jacques Gerveux. O bairro latino perde a sua popularidade; a *Butte* não tem mais moinhos... O *Chat-noir* e o *Quart'z-arts* são *cabarets* para americanos...

Desciamos, contentes, a avenida da Opera, após um almoço copioso. Fevereiro offerecia-nos um dia calmo, quase primaveril, um dia de inverno que enganava o inverno. Por cima dos telhados do Louvre escorregava a luz do sol...

Jacques Gerveux era uma endiabradissima ruina de cem annos. Falava-me do seu tempo de juventude, falava-me de Napoleão III, falava-me de Thiers.

— Napoleão III, excellente amigo, foi um pobre ambicioso. Conheci Victor Emmanuel da Italia, que dava moedas de prata aos gavroches, nas aléas do Bois... Um grande homem, esse italiano fogoso... Conhece de nome a condessa de Castiglione?... Pois

a condessa de Castiglione é a celebre senhora a quem lord Hertfort deu um milhão para passar uma noite em sua companhia,.. Ah! Ah! Ah! Mas isso não tem nada de sobrenatural! Imagine que o machiavelico Victor Emmanuel estava de relações esfriadas com Napoleão III, por causa de certa transacção politica. Entretanto seu desejo era fazer as pazes com o sobrinho da aguia de Austerlitz. A condessa de Castiglione residia, então, em Florença, casada com Verazis de Castiglione, senhor arruinado... Que fez Victor Emmanuel? Expediu-a a Paris, como um simples fardo postal... como dois simples fardos, porque ella partiu com seu marido Verazis, indo surgir na capital franceza como amante official de Napoleão III. Que furor, que ciumes, quantas paixões!... A imperatriz ameaçava céos e terras, exigia a expulsão da florentina. Cora Pearl temia a concurrencia, cobrindo Victor de vituperios. O marido da exilada fazia-se de innocente. Todo Paris repetiu a sua phrase do baile da Opera: «Minha esposa é duma economia espantosa, contava Verazis. Passamos apenas com dez mil francos por mez!» Gastavam 300.000 dos cofres do Estado... Ah! Victor Emmanuel, que malicioso, que grande estadista! «Meu caro amigo, dizia elle ao advogado Broferio, saiba que me gabo de ser *il primo porco* da Italia...»

Chegamos á esquina da rua de Saint-Roch, estreita, fugindo rumo ás Tuilleries. Sentamo-nos num terraço e pedimos dois cafés com leite.

Quando moço, Jacques Gerveux trabalhára em jornaes que se eclipsaram, publicára folhetins, conhecêra celebridades, fôra amigo de Alexandre Dumas.

—Estamos neste café moderno que vende caro... na esquina da rua de Saint-Roch! Pois bem, era a dois passos d'aqui que se reunia nosso cenaculo, no *Café de Robespierre*, demolido quando se construiu a avenida da Opera. A celebridade desse café atravessára as aguas e tinha ido ao boulevard Saint-Michel, que ainda não se cognominava Boul'Mich. Philibert Audebrand, frequentador das nossas reuniões, escreveu a seu respeito um livro substancioso. Situada na rua Neuve des Petits Champs, a casa onde funccionava o café dava tambem para a rua Neuve Saint-Roch, achando-se a igual distancia do theatro Italiano e do jardim das Tuilleries. Ao voltar dos Jacobinos, Robespierre passava sempre por lá, afim de tomar o seu refresco...

O que mais me admirava no ancião era a pujança com que conservava na memoria acontecimentos que pareciam datar de seculos.

—Em 1845, estive mais duma vez com Charles Baudelaire, no café de Robespierre. Perdi-o de vista e quando nos reecontramos, já Baudelaire se tornára maniaco e meio demente. Seus cabellos estavam brancos e sua barba aparada. Advinhava-se a loucura que o mataria mais tarde. Madame de Paiva, a esplendida americana que contruiu a famosa casa de Morny, nos

Campos Eliseos, amava Baudelaire, mas elle, a quem as mulheres causavam horror, resistia a esse demonio, amazia dum rei e que tinha um filho bastardo dum principe allemão...

Uma saudade enorme elevava-se do fundo do meu ser, uma saudade que invocava o periodo que nos parece longinquo e que no emtanto foi a época dos nossos avós.

— No *Journal* dos Goncourts, continuava Jacques, encontra-se a descripção das recepções de madame de Paiva e das orgias que ella organisava. Seus predilectos eram Sainte-Beuve, Theophilo Gauthier, Balzac e Arsénio Houssaie. No *Café de Robespierre*, por esse tempo, acolhiamos sympathicamente todo aquelle que tivesse um titulo, uma condecoração ou muito dinheiro. O sibaritismo e a farça andavam na moda. Os humoristas da nova escola começavam a apparecer. Uma vez discutimos 24 horas a proposito do seguinte: *Que fazia Deus antes da creação do mundo e que fez elle depois?* Em certa tarde, Augusto Commerson perguntou-nos: *Si o casto José não tivesse manto, por onde a Putifar o teria retido?* Consideravamos Augusto Commerson como um novo Rabelais, um Voltaire optimista. Theodoro de Banville dizia que elle tinha o axioma de Balzac, o traço de Gavarní e a eloquencia de Aristophanes. Foi no *Café de Robespierre* que Nadal Brutinel, combatente das barricadas de

junho, ex-gerente do *Proscrit*, de Ledru Rollin, lançou um dia o brado guerreiro: *Logar para a jornalistica!* Em dois tempos *o café* ficou sendo o cenaculo tanto dos jornalistas republicanos como dos jornalistas do cezarismo e da monarchia constitucional. Demolimos a *Vida de Jesus*, de Renan, e cobrimos Prosper Merimée de sarcasmos hiperbolicos. Como a primeira letra do nome de Sainte-Beuve era *S*, classificavamo-lo ao lado de madame de Sevigné, de madame de Stael, de madame George Sand. Nestor Roqueplan sentenciava o seguinte: o jornal é um desterro do qual se evadem de dez em dez annos dois ou tres jornalistas — que ainda assim ficam marcados com o ferrete dos condemnados. Diziamos mal dos helenos, desesperando Antonio Grenier e Edmundo About. Amavamos Gustavo Bourdin, um bello typo, Henrique Murger, o bohemio, e Julio Viard, inventor da pequena noticia denominada *Echo*. Ah! caro amigo, hoje tudo está morto!...

E quase raivoso, dolorosamente:

— Esvairam-se as nossas *grisettes* sentimentaes. Os modernos que convivem com a *midinette* nunca imaginarão o que eram as nossas *lorettes*... Tudo está morto... A condessa de Castiglione morreu... Demoliram o café de Robespierre... Sou eu a ultima carcassa do segundo imperio...

E numa subita exaltação de nervos, fez rolar pelo chão a sua chicara quase vasia...

NO CAMPO

Naquella manhã serena, quando o sol começava a espiar pelas fisgas das janellas do meu apartamento, o creado bateu-me á porta do quarto de dormir e apresentou-me este bilhete: «Esperamos-te na praça da Opera, do lado do Metro, ás 10 horas. Iremos ao campo. Julieta Micheline levará no seu fardel pães, batatas fritas e pêras. — Teu *Roberto de Bedarieux*».

A's 10 horas encontrei-me no logar convencionado. Julieta Micheline com o seu vestido branco e um chapéo de palha de largas abas, sorria, cheirando um ramilhete. Andréa Loger, a esbelta violinista que em 1910 conseguiu um premio no Conservatorio de Paris, dava o braço ao meu amigo Roberto de Bedarieux. Tanto Julieta como Andréa e Roberto de Bedarieux estavam com bôas disposições. Elles receberam-me e Julieta exclamou:

— Hoje seremos sabios e serios. Só falaremos

de arte. Comeremos batatas fritas e beberemos agua do Sena. E' um castigo e será um consolo. Ordeno-lhe que me dê o braço: sou inoffensiva...

Ria com aquelle poder magico tão conhecido dos que a applaudem em Neuilly, nos concertos particulares da senhora de Croinet.

— Nada de tristeza! A caminho! bradou.

Marchamos a pé até ao Louvre, onde tomamos a barca de Suresnes. Saltamos em Bellevue.

Iamos em busca do humor. Se conseguissemos arrancar das selvas um pouco de jubilo para as nossas almas enjoadas do ar de Paris? Julieta, o fino passarinho das rapsodias musicaes de Mendelsohn, Bertheroy e Domenico Scarlatti, levava o almoço numa cesta oblonga. Andréa levava um violino. Roberto de Bedarieux levava um espectro de sonhador, evocando o seu romance com a violinista, desde a noite em que a conhecera no salão da baroneza de Manville, empunhando o seu instrumento inspiradissimo e espantando com a interpretação do *Menuet du Septuor* de Beethoven e com a canção terna e bachica chamada *Le petit doigt de vin.* Até quando duraria o idilio começado naquella noite?

— Não sei — dizia Andréa. Não gosto de pensar no futuro. Ganhemos o bosque de Meudon, a floresta...

Os pequenos restaurantes da beira da estrada chamavam a nossa attenção. Como velhos albergues

dos albuns de Caldecott, attraíam pelo pittoresco, pela frescura, pela graça selvagem. Tinham titulos como *Ao prato de oiro, O velho carreteiro, A sôpa maravilhosa*, etc. Os proprietarios, com ares de leões de Neméa, convidavam nas portas :

— Pódem trazer almoço! Vendemos excellente cerveja !

— Amolem-se! sentenciava Andréa.

E guiava-nos através do bosque, sorrindo a mostrar sempre os seus dentes alvos.

Descemos a passos lentos a extensa avenida do *Chateau*. Pares esgueiravam-se pelos caminhos transversaes. Seguindo pela rua dos Capuchinhos, vimo-nos deante das ruinas do Castello de Meudon, saqueado e incendiado durante a guerra de 1870. Duas acacias guardavam a entrada do seu portão medieval. As paredes, ao lado, vacillavam, esburacadas.

— Visitemos o Castello! disse Julieta, agarrando as grades com mãos febris.

E gritando para dentro :

— Allô! Allô! Não ha ninguem ? Olé !...

Com o silencio que reinava, dir-se-ía que jamais habitára alli um ser humano. Entretanto viamos paredes e destroços e hervas... Uma herva muito curta e muito verde...

Desilludidos da esperança da visita ao Castello, fomos pela Avenida Marcelino Berthelot até á celebre

estrada construida para Luis XIV ir de Paris a Versalhes. Julieta parecia cansada e triste:

— Detesto Paris! dizia. Não gosto do seu ruido, mas quando me afasto delle é como se perdesse vida ou sangue.

Parando, suspendeu no tronco duma arvore a cesta com o almoço frugal. Respirou, passando o lenço pelo rosto. Tomavamos alento para continuar... Queriamos um sitio onde não fossemos importunados por nenhum indiscreto. Mas de subito ouvimos um piar doloroso e convulsivo. Levantámos a cabeça e deparámos com uma avesinha que tentava equilibrar-se num galho finissimo e que piava...piava...

—E' uma andorinha!...Que tem ella?

—Está doente!

—Soffre de calor!

—Está com a aza partida. Não vêem o sangue?...

Perdendo o equilibrio, a avesita tombou, tentou reconquistar o vôo e não pôde. Vendo-nos, começou a fugir, aos pulos, aos pequenos pulos, piando... piando...

Perseguimo-la. E entre nós se travou terrivel luta. Pulavamos sebes, evitavamos troncos, evitavamos barrancos. O calor da corrida enchia-nos de irritação. Julieta segurou no vestido. Andréa seguia-lhe os passos. O suor collava-nos as camisas aos corpos. Sempre separado de nós pela mesma distancia, o passaro tentava galgar espaços.

—Vae cansar! Coitadinho!

Glandulas lacrimaes golfavam abundantes dos olhos de Julieta. E Julieta não cessava de dizer:

—Pobre andorinha! Que seja salva, oh! sim, que seja salva!

Atravessámos um caminho estreito e recto, cheio de tons metallicos produzidos pelo sol nas folhagens. Tudo estava immerso num silencio calido. Corriamos. E Julieta dizia:

—A pequena avesita! Seguremo-la antes que caia nas mãos dos garotos. Oh! a pequena avesita!

A andorinha foi emfim aprisionada por Julieta. Esta segurou-a pelos pés, soprando-lhe ar nas pennas. A andorinha piava. Ajudada pela companheira, Julieta descollou as plumas, donde abrolhavam gottas de sangue. Nutando entre a felicidade e a fadiga, pronunciava exclamações infantis, encorajando a ave que se calava a pouco e pouco.

Andréa ajudava-a. Embora cansada, molhada de suor, conservava a sua pallidez amorotica, *paleat omnis amans.*

—Não voará mais com a aza partida!

Num segundo Julieta resolveu:

—Leva-la-ei para casa, tratarei da sua aza até que possa voar... Quando estiver curada, voltaremos aqui para a soltar... Será um dia de festa!...

Abria os seus dois grandes olhos azues, considerando-nos:

—Os passaros gostam da liberdade...os passaros e nós...

E recuou para um canto da estrada. Seguimo-la. Através dos arvoredos avistava-se Paris na bruma, lá ao longe, desegual e desdenhoso—com a Torre Eiffel, ponteaguda, reinando sobre toda a immensidade...

ATRAVÉS MISERIAS

O movimento brusco do cocheiro de um omnibus fez parar a pesada carroça e de dentro do vehiculo uma voz agoniada gritou:

—São cincoenta centesimos! Espere!

—Com todos os infernos!—respondeu o cocheiro, travando os animaes.

Entretanto, do omnibus, um viajante descia. Tinha elle essa magreza rigida dos empregados publicos e um desmedido ar esperto que repugnava. Curvou-se, procurando e logo, em derredor, a multidão, fervilhante, indagou.

—Cahiram-me do bolso cincoenta centesimos quando pagava a passagem. . .Cincoenta centesimos!...

Os curiosos estimariam encontrar aquelle total prodigioso encerrado numa prata de dez *sous* (mais ou menos trezentos réis brasileiros). Todos apoiavam o gesto do cidadão em mandar parar o omnibus e o

do cocheiro em ter parado o omnibus. E a um grupo de estrangeiros que por acaso passava pelo boulevard, aquillo pareceu singularissimo, inacreditavel.

Os minutos corriam e o viajante continuava inutilmente a procurar o dinheiro. Um vento frio, uma nevoa poeirenta tombava com lentidão. E atraz do omnibus uma longa fileira de carros e automoveis, uma fileira em crescendo de segundo em segundo—interrompendo o transito—esperava que aquelle teso francez encontrasse, no meio da lama, os seus magros cincoenta centesimos.

Paris, que não possue a miseria de Londres, é cincoenta vezes mais miseravel que o Rio de Janeiro —não o Paris dos ricos americanos e dos burguezes arredondados; não o Paris que trota de manhã pelo *Bois* e de noite gasta cinco mil francos entre a Opera e um baile exquisito de Montmartre, não o Paris dos duques, o Paris que janta ouvindo Beethoven e se deita sobre veludos, que veraneia na Suissa e que tem quarenta criados e que vive dos amores aristocraticos das grandes russas exiladas...mas o Paris baixo, o Paris mesquinho e encantador, composto da burocracia, das classes operarias, dos estudantes, dos vagabundos e dos larapios.

Para o parisiense e a parisiense o indifferentismo constitue religião: acceitam as coisas como se tivessem de succeder assim; não murmuram. Se amanhe-

cem sem pão, chupam os dedos. Se anoitecem com fome, batem á porta do visinho.

O socego em casa é de uma delicia simplesmente insupportavel. No mesmo compartimento residem o pai, a mãi, a filha, a prima, a sobrinha, o noivo da filha, o noivo da neta, etc., etc... A's vezes vem um parente da provincia com suas enormes malas. A's vezes ainda, além dos parentes da provincia, existem os cães, os *caniches*, que são a loucura do povo gaulez.

A admiração, porém, que se impõe a nós, barbaros da America, é a da polidez desarmadora do pobre francez. Não será o seu paletô velho que o impedirá de ser delicado e attencioso. Elle ouve a sua opera, passeia no campo, ama livremente, bebe vinho com a sabedoria pratica do bem que exclue a vergonha. Especialmente a mulher esqueceu a vergonha... Digo vergonha num sentido confuso. A mulher entrega-se a todos os misteres para viver honesta. Numa rua populosa presenciei uma melancolica menina a subir uma escada da altura de cinco andares, para lá em cima, na parede enegrecida pelo inverno, colar um grande cartaz vermelho.

Ha mulheres que puxam carretas, apregoam mercadorias, empunham chicotes, guiam taxis, varrem calçadas; ha mulheres em casas bancarias, em casas de diversões, como caixeiras, como reclamistas, como tudo.

Não é preciso ser pobre para amar essa pobreza, para a estimar na sua pujança. Ella está aos olhos de quem a quizer ver, amontoada numa escadaria fabulosa. Ella se patenteia nos subterraneos, nos subsólos e em andares extensos. A certas horas do dia, despeja-se sobre os boulevards, com um tal barulho de bemaventurança, que se diria rolar pela *urbs* uma estranha e satanica invasão.

Subitamente recolhe-se. Então, os que no trabalho amontoavam tijolos, berravam deixas, pintavam vasilhames vão ler... Sim, vão ler... O operario sacrifica a merenda para comprar Zevacco. Zevacco é o rei das classes obreiras de Paris. Cada pequena *midinette* sabe de cór as personagens, os episodios, os enredos dos romances do allegorico historiador. Cada pequena *midinette* quere passionalmente, escrupulosamente Ponson du Terrail e Xavier de Montepin...

Por conseguinte, entre os que trabalham, lavra a doença lamentavel do romantismo. Dahi os crimes de amor que se reproduzem dia a dia, de modo espantoso.

Sobre esse romantismo, o chronista que de quando em quando illustra as columnas do *Paris-Midi* com o seu sarcasmo virulento, Zut, contou uma anecdota que resume perfeitamente o interior edemico das humildes parisienses.

Dois jovens sonhadores estavam prestes ao desenlace das nupcias. Emquanto elle trabalhava numa al-

faiataria, ella durante 8 horas baralhava os dedos, fazendo flores. Promettiam na continuação desse viver invariavel um idylio magnifico e eterno. Elle preparava um apartamento barato numa avenida de arrabalde. O seu cuidado de noivo voltara-se para o quarto de cama. Tudo preparado, convidou a futura esposa para uma revista geral.

A morbida virgem, sempre batendo palmas, acabou por se ralar de tristezas, na sua vivenda. O noivo indagou:

—Desejas mais alguma coisa?

Muito pallida, ella murmurou:

—Esqueceste... Esqueceste...

—Que?...

—Perguntas-me... Ah! Que falta no nosso ninho?... Olha! Procura! Cadeiras, quadros... um tapete muito lindo... um candieirinho muito bonito... Mas... falta uma espada... ali, suspensa na parede... e uma adaga... e um revolver... Quando me disseres coisas ternas, olharei para o revolver, para a espada e para o punhal... lembrar-me-ei dos principes e dos reis... pensarei que és um principe... Será tão *chic!*...

O noivo quase desfalleceu. A noiva, porém, falava:

—E tu... serás bem valente... como d'Artagnan, como Pardaillan, como Bussy d'Amboise... Eu serei como a dama de Monsoreau.

A ligeira fabula de Zut, especime exemplificador da rapariga poetisando marido medieval *à la diable*, é um retrato do romantismo a que me refiro, em flagrante. Como a heroina de Zut, são todos os manequins *faubouriens*, miudos e activos,que encantam o passeante, dando-lhe sobre a mulher uma visão differente de qualquer outra visão sobre a mesma, quando assediada pela aridez da vida laboriosa. Unicamente Zut falseou o lado masculino, pois maior que aquelle romantismo, o do francez que lê fancarias é azulado pela manhã e rubro pela lua em meio... O francez pertencente ao Paris pobre, sonha a monarchia com os seus brazões ou a anarchia com as sua dynamites. No seu sonho variante odeia sempre a burguezia. E eis porque entre as gréves, os *meetings* e as assuadas theatraes, a Republica matrona e zabra estremece assustadoramente.

PERFIL DUM JORNALISTA

—Arnaldo Guimarães?

—Segundo andar, porta á esquerda...

Instruido pelo porteiro, galguei os degráos da casa da rua Vintimille, onde habitava o meu joven camarada. Toquei a sineta e Arnaldo veiu, em pessôa, receber-me, pois vive só, sem criados, num pequeno apartamento composto de um salão, um quarto e um gabinete de toilette.

—Como, és tú?!

A sua admiração condemnava sobremodo o meu silencio de eremicola que não acudia ao seu appello, dez vezes repetido.

—Esperei inutilmente um bilhete teu...Tenho-te, emfim, aqui, para conversarmos sobre o meu projecto, sobre o nosso grande projecto duma viagem ao Oriente!... Estás disposto a partir?...

Chamava-me para isto, esse curioso jornalista

cheio de ambições, de vastos sonhos de excursões longinquas, esse artista indolente de quem um dia Gonzaga Duque disse o seguinte: «Se lhe fecharem os olhos aos anceios da Arte, só lhe restará um anhelo na vida: dormir bem e vestir-se bem...» E nunca phrase litteraria definio com tanta intimativa as qualidades de um cidadão. Se Arnaldo Guimarães deixasse de ser um artista, seria unicamente um indolente *raffiné*. A sua preoccupação constante de Oriente e de coisas orientaes prova de sobra a crisma do que dígo. E que é elle, em resumo, senão um oriental? Olhemos para o seu retrato, consideremos as linhas da sua physionomia. Veem-se nellas preguiça, intelligencia e sensualismo... Arnaldo Guimarães nascèu para embalar os seus dias no regaço das lindas egypcias quentes, fumando cigarros perfumados e ouvindo as harpas mysteriosas das escravas... E talvez por lhe descobrir essas «qualidades», talvez sómente por isso me tenha ligado a elle, numa sympathia exquisitissima, uma dessas sympathias que brotam sem que saibamos por que, sem que saibamos para que. Fui amigo de Arnaldo Guimarães, desde a tarde em que Martha Regnier m'o apresentou no Rio de Janeiro, quando por lá esteve em excursão, no anno de 1910. O rapaz fazia estroinices, odiava as convenções, absorvia-se nas leituras de Claudio Ferrère e Anatolio France. Era um esnobe, quase direi um megalomaniaco, falando sem cessar em luxos extasiantes,

em fortunas e em viagens. Passára em Paris os annos de 1905 e 1906. Obrigado a tornar ao Rio de Janeiro, entediava-se e soffria do calor e dos aborrecimentos indigenas. Paris attraia-o, não o Paris do boulevard, não o Paris do Quartier Latin e de Montmartre, mas o Paris do fausto—os chás finissimos do Reitz, onde se encontraria com as ultimas creações femininas, os jantares apurados do Pré Catelan, onde o seu faro de mundano adivinharia os escandalos aristocraticos. Voltando, finalmente, á Cidade Luz, em 1912, como redactor da *Elegancias*, seguia mais ou menos o caminho ambicionado. Forçado ao trabalho para alcançar o que cubiçava, resignou-se a tirar o melhor proveito da existencia a desfructar. Mobilou com esmero aquella delicada *garçonnière* da rua Vintimille e pacatamente continuou a ser indolente, elegante e esnobe.

Preciso comtudo annotar que os defeitos de Arnaldo Guimarães têm quase uma razão de ser. A juventude do meu heróe decorreu na horrivel Bahia. Foi ao sol malvadissimo da terra de Ruy Barbosa que o jornalista se habituou á preguiça dessas gerações que conservam no sangue alguns seculos de oleo de dendê. Da Bahia Arnaldo se retirou para o Rio, onde pelejou em varios matutinos. Do Rio, partiu, certa vez, para Goyaz, onde ficou cerca de dois annos entre boiadeiros e facinoras que o detestavam por elle usar punhos lustrosos e collarinhos altos. Mesmo em Goyaz, mesmo

no Rio, mesmo na Bahia, Arnaldo Guimarães nunca deixou de ser um parisiense, preoccupado com o talhe do paletó e com a fórma do seu chapéo. Imagine-se agora quando a bôa sorte o poz em Paris! Elle ia repoisar, ia ser o que desejava, um pariá superior, que na sua opinião é todo homem que, sem ser burocrata, não é nem operario nem bandido: metade burguez rendeiro, metade fidalgo esplenetico. No momento em que o visitei, como o encontrasse installado commodamente, propuz-lhe que intercalasse no seu nome um Y e que se fizesse passar por cavalheiro espanhol. Seria tão chic, «Arnaldo de Cortez y Guimaraens!...» Elle, porém, negou, horrorisado...

Levando em Paris uma vida de privilegiado, as suas relações são raras: só as admitte, quando são dignas delle. Levantando-se ao meio dia, pondo duas horas para fazer toilette, almoçando ligeiramente, vai á redacção da *Elegancias* ás tres da tarde e ahi fica até ás 7 da noite. A's sete horas começa a sua verdadeira vida: aperitivo no café Riche, jantar em qualquer *taverne d'élite*, dois actos do Vaudeville ou da Cigale e a ceia na Abbaye ou no Rat Mort.

Uma vez perguntei-lhe:

—Quanto ganhas para gastares tanto?

Respondeu-me:

—Não sei quanto ganho...O que affirmo é que gasto o quadruplo do que ganho...Faço dividas...

Objectei:

—E para as pagar?

Retrucou superiormente:

—Leste Balzac?... Quem não faz dividas não é do seu tempo...O nosso Dumas dizia a mesma coisa... Que queres? Evasiva...mas evasiva salvadora...

E depois:

—Isso diverte-me o tédio...Nunca imaginarás o quanto me entedio!...

Elle bocejava e por isso acreditei, pensando zelosamente nas curiosidade intimas de um rapaz da *haute gomme*.Tem-se escripto immensamente sobre o *chez soi* das senhoras mundanas e semi-mundanas e muito pouco se tem escripto sobre o *chez soi* de um homem semi-mundano. Se eu expuzesse aqui o que é em Paris o pequeno *appartement* de Arnaldo Guimarães, o leitor faria uma idéa limpida do ninho desses senhores enfatuados que no segundo imperio se chamavam *dandies*. Se eu dissesse ao leitor que só de escovas Arnaldo tem tres estojos e que cada um desses estojos encerra pelo menos dez escovas differentes, o leitor não acreditaria que o meu camarada se possa vestir em cento e vinte minutos. Se eu contar que o serviço de unhas de Arnaldo consta de um escrinio mais complicado que a bolsa de um cirurgião, o leitor julgará que sempre que poli as extremidade corneas dos dedos o meu amigo se corta vinte vezes e vinte vezes recorre

ao *lavabô*. Assim não succede, entretanto. Como Arnaldo não póde pagar um verdadeiro criado de principe, pois desdenha os insignificantes *valets* que nada comprehendem, dá-se ao trabalho de ser criado de si proprio—o que, aliás, é uma tortura para quem é tão preguiçoso e tão falta de iniciativa. De uma occasião encontrei-o deitado na cama, de botinas, de calças, de collete, penteado, impeccavel.

—Que fazes assim no leito? perguntei-lhe.

Teve um gesto de desanimo:

—Descanço...

—Vestido?—indaguei.

—Cahi na asneira de estrear uma roupa azul... cuja calça tenho no corpo...e que encommendei no Griegk...Muito bem...a corrigir diante do espelho umas tantas rugas que descobri no collete e na gola do paletó, cancei os nervos e aqui estou esgotadissimo...Não posso...Não almocei...Mas por que esse maldito alfaiate me mandou o paletó com a gola defeituosa?...

Todo o seu cansaço, todo o seu desanimo provinha daquella gola defeituosa. Consolei-o. Replicou:

—Crês que leio um bom livro, tendo a certeza de vestir uma roupa mal feita?...Para a minha cabeça o livro será tambem mal feito. Que exquisitice!...Emfim, já que estás aqui, ajudar-me-ás a tomar coragem. Preciso ir ao *five-ó-clock* do Mirabeau...

A muito custo se vestiu e saiu com quinze minutos de atrazo. Em caminho, antes que o deixasse no canto da praça da *Trinité,* onde tomou um fiacre, repetia-me que só repoisaria de espirito quando pudesse ter duzentos mil francos de renda.

—E nesse dia—affirmava, trincando enraivecido a ponta de um charuto—não escreverei uma linha... nada... Para que escrever?...

Havia um anno que laborava num livro sobre o Brasil, livro que seria uma caricatura grotesca do caracter e do *laisser aller* dos nacionaes, reproduzindo, como photographias, as scenas diarias da Avenida e da rua do Ouvidor, com perfis, com perversidades, com uma nitidez que quase degenerava em odio.

—Comecei-o ha doze mezes...levo semanas sem escrever uma linha...depois volta-me a febre...Adeus, filho...

Tirando do bolso um lenço impregnado de *Rose d'Orsay* e passando-o pelo rosto, ordenou ao cocheiro que fizesse seguir o fiacre, e desappareceu na *Chaussée d'Antin*...

GOD SAVE THE KING AND THE QUEEN

As ruas de Paris assemelham-se a campos de batalha: buracos por todos os lados e montes de areia e pedras em todas as esquinas. As obras intermina-veis do Metropolitano originam de vez em quando, mesmo na avenida da Opera e na praça da Concordia, extensos e horriveis *chantiers*. O parisiense acostumou-se a ver a sua cidade entregue a esse desmantello levantino e desmanchadão; a brusca reforma que se deu, porém, em meiados de Abril, deixou-o boquiaberto e dessocegado. Do dia para a noite a municipalidade fechou os buracos, derruiu as estancias, expurgou as avenidas e dotou os logares desconcertados de apparencias de ante-camaras ministeriaes. Tudo isso porque o bom rei Jorge da Inglaterra e a sua gentil esposa Mary vinham a Paris, que é como uma burguêza do meio mundo: só areja e vasculha os seus trastes quando recebe visitantes consideraveis.

Na avenida da Opera e na rua da Paz circulava-se sob uma abobada de cardos, a flôr symbolica da casa real ingleza. A praça Vendôme parecia pequena ao peso das suas columnas de rosas, d'onde jorravam luzes eletricas de milhares de côres. Do lado da rua Santo Honorato um arco de triumpho dava as boas vindas á *queen Mary*. Na rua Real reconstituira-se a antiga Porta Santo Honorato, no sitio de outr'ora, na esquina do *faubourg*. De lá partia uma dupla fileira de mastros, com as côres francezas e inglezas, ligados entre si por *guirlandes* de flôres e de folhagens. Defronte da praça da Concordia, entre o Ministerio da Marinha e o *Garde Meubles*, destacavam-se, suspensas no espaço, as armas da Grã-Bretanha, com as iniciaes dos seus soberanos.

Emfim, por uma tarde magnifica, por um tempo verdadeiramente real,—*king's weather*, dizem os inglezes —Suas Magestades desembarcaram na estação do Bosque de Boulogne.

A população instalara-se bem cêdo nas arterias por onde transitaria o cortejo real. Era domingo para as classes proletarias: as officinas fecharam-se ao meio-dia. Vendedores ambulantes cediam por dois vintens bandeirolas «entente cordiale». As mulheres compravam-n'as e collavam-n'as ás blusas primaveris. As cadeiras publicas, normalmente alugadas por dez centesimos, attigiam o preço minimo de cinco francos.

Os trens de Calais e Dieppe transportavam aos boulevards, desde seguramente duas semanas, insulares inflammados, que invadiam os hoteis do bairro da Magdalena. A agencia Cook vendera passagens a 75.000 *touristes*.

Na estação do Bosque de Boulogne uma multidão frenetica esperava impacientemente.

— *Messieurs, le train est annoncé à Chantilly* . . .

— *Messieurs, le train arrive*...

Eram justamente quatro horas e trinta minutos.

O trem penetrou na estação, solemne, imponente e sem fumaça, um trem que respeitava o protocollo. O *God Save the King* arrancou palmas e *hips* ferozes. Uma bateria de artilharia, installada na porta *Dauphine*, deu as salvas de estylo.

A rainha é bella e é forte; os seus olhos são francos, o seu sorriso tem uma expressão de benevolencia fina e sincera. Estava vestida com uma *robe* azul pallido, de tons doces e o seu chapeu era confeccionado com plumas da mesma *nuance*. O rei parece-se extranhamente com o czar Nicoláo, da Russia. O seu physico nobre de fidalgo contrasta terrivelmente com a gordura do Sr. Poincaré.

Num *landau*, o presidente e o monarcha; noutro, Mme. Poincaré e a rainha Mary. Um regimento de couraceiros escoltava-os ao Ministerio do Exterior, por entre *hurrahs* vehementissimos do vulgo extatico.

— *Vive le roi! Vive la reine!*

E sir Edward Grey dizia á duqueza de Devonshire, grande camareira da rainha:

— Em terra de França, nós, da Inglaterra, estamos como em nossa terra!...

O parisiense, que tantas vezes tem derruido monarchias, fremia fanaticamente ao bater palmas á rainha Mary. Todos sabiam que havia cincoenta annos, era ella a primeira soberana da Inglaterra que honrava a capital, officialmente, com a sua presença, e todos lhe foram reconhecidos. A ex-princezinha *May of Teck*, a esposa do rei do mar, do *Sailor king*, ressuscitou aquelle enthusiasmo jovial da raça franceza, depauperado em seguida aos escandalos radicalistas, ás arruaças interiores e ao golpe dez vezes estupido da antipathica vulgarmente conhecida por *Dame Jo du Figaro*, ou *Dame à Canaillaux l'Allemand*...

Para se fazer uma idéa exacta do contentamento parisiense seria preciso ter assistido ás festas offerecidas aos monarchas inglezes, os banquetes cordiaes, a revista militar de Vincennes, o *gala* da Opera e o despeito transbordante dos jornaes allemães. *Partout* um publico tão compacto e uma ardencia tão manifesta, que a policia era forçada a movimentar regimentos inteiros afim de conter a vaga plebéa. O indigena aprendeu a cantar o *Gòd save the king*, que passou para o rol dos cantos populares, ao lado da *Marselheza*, da *Marche Lorraine* e da *Sambre-et-Meusé*.

Ah! sim... os que viram Paris palpitar de blandicia patriotica, os que viram as luminarias feericas da rua da Paz e da rua Real, as ornamentações airosas da praça Vendôme, o sol anacreontico desses dias de folga e de folguedo, a marcialidade belligera dos 20.000 soldados que evoluiram nos campos de Vincennes, o aspecto estasiante do theatro da Opera no sarau de gala, os que viram Jorge V e Mary, que é formosa como uma verdadeira princeza de Kensington, formosa e elegantissima, não obstante as lendas que correm a respeito de sua simplicidade — os que viram tudo isso jamais poderão olvidar. Sempre estremecerão de prazer á lembrança das bôas horas irreprodutiveis e guardarão no fundo da memoria o pequeno cumprimento que leram e releram nos escudos expostos em honra dos imperadores: *Paris welcomes Britain's Gracious Sovereigns king George and queen Mary!*

1.º DE MAIO

Dias depois da partida de Jorge V, Paris festejou os ramilhetes de *muguet*. E' geralmente no primeiro do mez de Maria que se festeja a primavera, pondo-se em cada lapella um ramo daquella flôr. O primeiro de Maio, o ramilhete de *muguet*, quantas recordações !!...

Os garotos do seculo XIII solemnisavam o primeiro de Maio atirando uma bacia d'agua á cabeça do grande senhor ou simples burguez que ousasse atravessar uma rua sem o fetiche primaveril. No seculo XVII os que tivessem commettido, no dia 1 de Maio, uma falta ou uma aggressão, desculpavam-se perante a policia:

—*Je l'ai pris sans verd.*

E a policia considerava o seu crime como uma pilheria de *começo de estação*...

Já em 1693 La Fontaine fazia representar na Comedia Franceza um acto consagrado ao primeiro de

Maio e intitulado: *Je vous prend sans verd.* E Regnier, Molière, Quinault e Corneille jamais permittiram que seus heróes fossem *pris sans verd*.

Com o decorrer dos annos o *verde* se tornou menos popular porque appareceu como seu rival o *vermelho* syndicalista. Embora se conservasse symbolo do retorno do sol, o ramilhete de *muguet* teve de ser mais ou menos esquecido, por causa desses *damnados* operarios, como bramia um republicano da esquerda. Antigamente, antes dos congressos internacionaes socialistas, dizia-se do primeiro de Maio: a festa das flôres e dos idylios.Hoje diz-se: a festa do proletariado.

Elle tem uma historia sombría, esse primeiro de Maio que visava no seu começo uma reivindicação especial jornaleira: a das oito horas de trabalho. Chefiados pelos anarchistas Augusto Spies e Alberto Parsons, os obreiros dos Estados Unidos alcançaram com labor consideravel e á custa de innumeras gréves, a victoria de 1886. Num *meeting* de protesto, na praça de Kaymarket, em Chicago, uma bomba estourava subitamente no meio da policia e dahi redundava a *caça aos anarchistas*, terminada com o sacrificio dos *martyres de Chicago*, a 11 de Novembro de 1887. Parsons, Spies, Engell e Fisher foram enforcados. Luigg suicidou-se. Tres outros chefes anarchistas, Fielden, Schwab e Oscar Weebe, foram condemnados aos trabalhos forçados. Datam de então as perseguições organisadas

em França, de 1892 a 1894 e o doloroso primeiro de Maio de *Fournies*, em 1891. Sob a influencia social-democrata dos paizes teutões e dos *Marxistas* e de evolução em evolução, o proletariado francez obteve as concessões ambicionadas, a partir do Congresso de Bourges, realisado em 1904.

Desde 1904, mais ou menos, que o primeiro de Maio passou a ser em Paris um dia de imponentes arruaças. Em 1906, em 1907 e 1911 as desordens deram que fazer á policia e á gendarmeria. Mas de todos os primeiros de Maio, o mais funesto, até hoje, foi o de 1906: minuciemo-lo, a titulo documentario.

Paris despertára nervoso, pois, havia uma semana, a *Patrie* e o *Echo de Paris* vinham dando noticias alarmantes a respeito de um movimento revolucionario que rebentaria naquelle dia. Pela manhã, os operarios cortariam os canos dagua, os fios telegraphicos e telephonicos, fariam saltar o Arco do Triumpho, interromperiam os transportes, impellindo a capital á fome e á sêde. Os burguezes tinham comprado comida para dois mezes e se tinham barricadado com revolveres e espingardas. A 31 de Abril era impossivel encontrar-se uma lata de sardinha nos armazens ou nas *charcuteries*. As coisas, todavia, não se passaram tão tragicamente. O chefe de Policia, Lepine, poz nas ruas todos os *flics* e todas as tropas republicanas do departamento. A's 7 horas da manhã começaram as prisões em massa, nos

bairros populares. Na praça da Republica, um regimento de cavallaria dava cargas continuas, evacuando a arteria que, em seguida, era invadida pelos exaltados. A's 9 horas os couraceiros chegavam nessa mesma praça: a artilharia era assignalada em Vincennes e São Mandé. No canto da rua Bondy um velho decorado saudava a bandeira tricolor de um batalhão que passava.

—Circule!—ordenou-lhe um agente.

—Perdão, estou saudando meu antigo batalhão!...

—Circule, já disse...

—E' uma vergonha!...

O que foi bastante para o agente lascar a cabeça do velho com uma coronhada de carabina.

Mais adiante um homem e sua senhora assistiam de um portal ás cargas furiosas dos couraceiros. Um cavallo subiu á calçada, foi de encontro ao homem e jogou-o por terra. A mulher exclamou:

—Estupidos!...Estupidos!...

E immediatamente outros couraceiros arremessaram os seus cavallos contra a mulher, triturando-a sob as patas dos animaes.

Ao meio-dia, abarrotadas, as prisões não podiam conter mais uma unica pessoa. Os ultimos detidos eram amontoados nos subterraneos das casas contiguas aos commissariados. Só no bairro da Bastilha se aprisionaram quinhentos e tantos operarios. Lepine, *cette petite*

mouche de Lepine, como lhe chamavam os sindicados da *Bataille*, impaciente por ver que, não obstante milhares de capturas, os trabalhadores continuavam a sustentar o embate, poz-se á frente de uma quadrilha de guardas republicanos da praça da Republica, tomou pelo *faubourg* do Templo, indo de encontro aos recalcitrantes estacionados no canal São Martinho, em volta da estatua de Frederico Lemaitre. Sem nenhuma intimação ordenou aos seus acolytos, secco e breve: *sabre au clair*. Dez minutos depois o chão estava juncado de cadaveres e a ordem restabelecida.

Apezar de *bagarres* e *meetings* sanguinolentos, a data operaria vai perdendo a sua popularidade, num declinio semelhante ao mesmo da data *verd*. Paris acaba de assistir com indifferença á vendagem do *muguet* e aos *meetings* socialistas. Mas isso não impediu o governo de pôr nas ruas e nas praças os seus *sargents de ville*, as suas metralhadoras.

Ah! esses *sargents de ville!*

Entre as muitas occasiões que tive de observar o quanto são imperiosos e malvados citarei a mais recente, a que mais se gravou na minha memoria, indelevelmente.

Era em meiados de Março, no dia do enterro do jornalista Calmette.

Duzentas mil pessoas assistiam ao funeral do director do *Figaro*. Sahindo do cemiterio de Batignol-

les, a vaga humana espalhava-se morosamente pela avenida de Saint-Ouen quando, de subito, um agente secreto interpellou um redactor do jornal monarchista *L'Action Française* e sem mais tirte nem guarte lhe deu um tiro de revolver. E, num lapso de tempo insignificante, uma nuvem de *sargents de ville* se abateu sobre a agglomeração, ferindo á direita e á esquerda.

Eu estava casualmente perto do estandarte da *Action Française*, em companhia de Leon Daudet. Almoçaramos juntos na Torre Eiffel e juntos compareceramos ás exequias de um homem que admiravamos. Do nosso logar eramos simplesmente testemunhas; mas um pelotão de corvos armados acommetteu sobre o grupo de que faziamos parte, abrindo passagem a golpes de sabre. No panico que se apoderou de todos, tive tempo de ver Leon Daudet se abaixando, a comprimir uma mão ensanguentada, e dois automoveis metralhadoras que faziam alto numa esquina, prestes ao assassinio. Deitei a correr ao longo da avenida de Clichy, mesclado á multidão em debandada. Perdendo a respiração, penetrei finalmente num corredor e encostei-me a um gradil. Estaria salvo se conseguisse escapulir até á praça de Clichy. Mas um grande diabo de brigadeiro invadio o meu esconderijo, de espada em punho, perseguindo uma pobre mulher. A pobre mulher, desvairada, tombou num canto, indefesa, supplicante. O brigadeiro, com as narinas dilatadas, respirando o

crime e a morte, descarregou-lhe um golpe medonho, murmurando:

—Doutra vez não gritarás «morra a policia»!

E voltando-se para o meu lado:

—Não acha, seu civil?...

Senti frio ao longo da espinha dorsal e, comprehendendo que *devia* ser cobarde, respondi:

—De certo...

E no estremecimento que abalou todo o meu corpo, experimentei uma revolta extraordinaria e um desejo pujante de ser mais forte que aquelle policia, para o castigar do crime de maltratar mulheres...

ALGUMAS «GAFFES»

Tenho observado, para meu prazer, as maiores ridicularias da vida cosmopolita. Em Monte Carlo, nas mesas de jogo, vi os mais ignobeis typos de allemães que se póde imaginar. No Casino de Enghien, contemplei em grupos nos quaes se pavoneava o chapeo alto do conselheiro Rosa e Silva, a pôse gabola de bem estar que é usada pelos belgas em vilegiatura. Em Trouville e Dauville encontrei norte-americanos entregues ao mais incommodo de todos os desportos: o de achar graça, sem graça, em tudo e em todos. Em Napoles espiei durante duas semanas um desfilar continuo de cabeças que vinham de todas as republicas latinas, do Chile, da Venezuela, do Perú e da Argentina. Francamente, porém, nunca vi nada mais grotesco do que o *touriste* brasileiro que passeia pela Cidade Luz.

O nacional desembarca em Paris na estação de

São Lazaro, na de Leão, na de Montparnasse ou no Caes d'Orsay. Um cocheiro corre ao seu encontro:

—Onde vamos, patrão?

O brasileiro responde:

—A um hotel caro...

O cocheiro sorri, adivinhando o *rasta*...

—Ha milhares de hoteis caros, sr. principe. A qual deseja ir?...

—Ao mais caro, com todos os diabos!...

E o nosso viajante hospeda-se luxuosamente no bairro da Opera. No hotel tudo é electrico e o homem, deshabituado, querendo manobrar o apparelho do *chauffage*, queima os dedos ou quebra a bacia de louça de quatro torneiras para agua fria, morna, quente ou fervente. Indeciso ante as numerosas campainhas da cabeceira do leito, acaba por sahir em ceroulas ao corredor, batendo palmas para chamar o criado. Nas refeições, abusa da faca, ignora o destino de uma porção de garfos diminutos. Comendo ostras, é simplesmente deploravel.

Uma noite eu jantava com Gilberto Amado, no Hotel Malesherbes, quando um rapazelho, entrando no salão, veiu até nós, com o seu passo de ave faminta, e disse-nos:

—Gostam do vinhosinho do Porto? Não passo sem elle...Acceitam um gole?...

E retirou de debaixo do braço uma garrafa do vinho portuguez...

Após comer plantagruelescamente, o brasileiro trata de arranjar uma aventura galante. Problema difficilimo! Quando se procura uma joven *midinette*, cae-se nos braços de uma velha *gigolette*; quando se projecta as mil surprezas do adulterio, é-se victima de alguma *entouleuse*. Mas o brasileiro começa dando um passeio a Montmartre, que é o paraiso das mulheres ordinarias. Chegando a Montmartre procura os cabarés de fama, que são verdadeiros antros, onde os *apaches* e os *merloux* fazem manobrar as suas escravas...

Contaram-me num segredo que violo, o seguinte episodio doloroso e acricomico. Tres garanhões authenticos de S. Paulo ou de Minas, postos de accordo com tres *cocottes* para uma festa no *quartier latin*, entraram num café-concerto daquelle bairro da *Rive Gauche*.

Havia muitas mulheres, muitos rapazes — e os nossos patricios quizeram se salientar, bebendo champanha, tirando aos punhados dinheiro dos bolsos, a gritar que eram nababos, que desprezavam o pobre, que a riqueza era tudo...

Num lapso, os consumidores espalhados em torno dos *noceurs*, resolveram esmagar tamanha e tão grosseira presumpção, dirigindo-lhes graçolas:

—*Tas de cochons!*

—*Têtes de veaux a l'huile!*

—*Idiots!*

—*Voyoux!*

O ataque attingiu a um tal diapasão que um dos brasileiros se levantou e replicou. Um brado terrivel respondeu ao seu protesto. Dois agentes de policia chegaram.

—São estes forasteiros que estão aqui a nos fatigar com as suas impertinencias—demagogou um *bebedor* de absyntho.

Os agentes carregaram os sobr'olhos. A partida tornava-se perigosa para os sul-americanos.

—Não convem levar avante um conflicto infeliz, opinou um dos policiaes. Proponho amigavelmente que beijemos estas mulheres...e a paz será feita...

Antes dos viajantes abrirem a bocca para repelir a incrivel affronta, as *companheiras* acceitavam e entregavam as suas faces a quem as quizesse beijar. A humilhação era vexante, mas que fazer contra uma superioridade numerica esmagadora?...

Este pequeno episodio é um simples exemplo de milhares de outros identicos. E se o leitor quizer julgar a fundo toda a miseria que existe nesses episodios, consulte um brasileiro que tenha passado trez mezes em Paris, ouça-lhe as aventuras e as victorias e no emaranhado dumas tantas scenas rutilantes terá a visão das suas *excursões artisticas* por uma capital de loucuras de onde partiu sem experimentar o sabor verdadeiro do seu estranho encanto.

A «MIDINETTE»

A *midinette*, uma mulher que fica até a morte em plena puberdade, conserva entre a fome, as doenças e as lidas, a mesma mocidade dos tempos melhores. Sem ter familia, vive em familia; sem ter vestes caras, comprehende a elegancia; sem ter educação completa, possue a intuição da arte; sem ter a alma limada á bondade, é caritativa como irmã; sem ter o caminho aberto ás doçuras do amor, ama como esposa, fraternalmente, respeitosamente.

Existe ligação, quase consanguineidade, entre a palavra Paris e a palavra *midinette*.

Sem a *midinette* Paris seria a cidade do prazer torpe, o antro do vicio. Com a *midinette* Paris é a cidade do encanto oscillante e subtil. A *midinette* vem do *faubourg* para dar a capital da França a côr que a destaca do resto do mundo. Na rua, sorri. Em casa so-

luça. Saracoteando-se, quere aos oito annos, quere aos vinte, guarda sempre na ponta da lingua uma resposta ás amabilidades; e guarda sempre na mão picada pela agulha uma moeda para os que mendigam. Parando defronte das vitrinas com os olhos molhados de desejos, pensa, no entanto, que ha infelizes que desfructam menos que ella. Sahindo com uma grande caixa de chapeus suspensa no braço esquerdo, estaca ao menor indicio de novas, espreita, descobre, dispõe de uma curiosidade sardonica. Indo ao theatro, uma vez por semana, em ultimas ordens, gosa tanto como se estivesse em poltrona — conversa, discute, trinca *bonbons*.

Povoando durante a semana o *boulevard* com o donaire da sua presença, recolhe-se aos domingos para ser feliz com o amante. Finalmente, vivendo da labuta, amando pelo coração, padecendo, distribuindo chiste, acaba tisica.

Esta observação não contem, de certo, a mais ligeira sombra de poesia. A policia publica mensalmente o seu boletim necrologico. Das raparigas mortas, em cada vinte, dezoito, são operarias e em cada dezoito, quinze são tisicas. O ruim alimento, a posição forçada sobre machinas, a vida bastante arida, as horas excessivas de faina produzem tal hecatombe. Imagine-se uma menina curvada sobre a costura, das oito da manhã ás sete da noite! Doze mezes fazem-n'a pallida. Tres annos tisica.

A *midinette*, como diz o cantico popular, «mal

pisando o solo», vae pelas ruas cheias de gentes que a espreitam. Os seus olhos erram das figuras que estão na vitrina para as figuras dos que transitam; o seu pescoço nù aconchega-se ao laço de uma fita preta, atada diante dum espelho *mignon*; os seus cabellos penteados de leve desapparecem sob um grande chapéo de palha, florido e simples. Um vestido estreito, sem bordados, dá-lhe a elegancia expedita que se completa nos sapatinhos ligeiros. Anda triumphalmente, com um sorriso de malicia no canto dos labios, maneando-se como uma ociosa da rua Real.

Encontra conhecidas:

—Bom dia, querida. Onde vaes?

—A' casa de Mme. F***, levar-lhe plumas.

—Depois?

—Ao *atelier*... Onde vaes tu?

—Comprar biscoitos para a contra-mestra...

Ambas riem de Mme. F***, que todos os dias muda as plumas do chapéo, e da *contra-mestra*, que embaraça as empregadas com as compras de biscoitos e guloseimas. Riem, sem mal dizer, unicamente porque, na presença de certos entes privilegiados, sentem a piedade do collegial que depara, no meio da estrada, um bello animal tentando inutilmente puxar uma carroça. Sentem a piedade das crianças bôas.

Talentosa, seja menina, moçoila ou rapariga, a *midinette* possue, junto a uma grande benevolencia pelos que lhe fazem mal, um enorme sarcasmo por

aquillo que se chama *Ordem.* Em 1910, nos fins do inverno, resolvendo divertir Paris, fez uma greve espalhafatosa. A policia poz-se d'armas ensarilhadas: a gendarmeria occupou militarmente os pontos das reuniões. Dahi violencias, prisões, gritos, tiros. E nada mais curioso que os grupos sonoros das paredistas, em frente aos soldados, a atirar-lhes beijos.

Semelhante greve inspirou uma comedia humoristicamente interpretada no *Theatro das Variedades*, pela endiabrada Mistinguette. Vê-se, então, que o theatro se occupa da *midinette.* Como o theatro, occupam-se tambem a literatura, a pintura, a esculptura. Para a literatura ella offerece uma psychologia nova e forte. Para a pintura e esculptura, um typo escabrosissimo. Uma *midinette* póde (lembrando a divina filaucia de Balzac ao observar o proprio nariz) dizer ao esculptor: «Estude-me a cabeça que ella tem alguma coisa de celeste...» e dizer ao escriptor: «Estude-me o coração que elle tem alguma coisa d'infernal...»

Por occasião da greve, Frollo escreveu: «Dêem-lhe calças e conquistarão o Rheno...» Em 1880 dizia-se do garoto: «Dêem-lhe instrucção e salvarão a França...» A *midinette* é o garoto de saia com a intelligencia duma mulher de trinta annos.

Sendo comtudo uma *garota* muito feminina, ama na sua vagabundagem espiritual os corredores do Louvre, as aventuras amorosas e os livros baratos. Sempre

que tem dinheiro disponivel chupa bonbons e compra cançonetas, duma gulodice inacreditavel, duma inconcebivel paixão pela musica.

Ella sabe que não é feliz e sabe que não gozará velhice. Dahi essa tristeza que a torna bonita, essa debilidade que a torna diaphana, esse aspecto sério que a faz respeitada. No tempo de Murger amava o estudante porque era vaidosa: hoje ama o operario porque é bondosa. Dá consolo a quem precisa — eis tudo.

Filha dos *faubourgs*, das passagens excusas, aprende o *argot*. A's vezes fala um francez que nenhum mestre da lingua entenderia. Chama, por exemplo, cincoenta centesimos, *méche*. Para ella ter dinheiro é *être calé*; divertir-se é *se marrer;* cumprimentar alguem é *faire du plat;* surrupiar uma carteira é *vol â la tire;* mil francos é *un sac*; Paris é *Pantruche;* chegar quando tudo terminou é *être de la revue*. Diz por exemplo, «preciso ir trabalhar», da seguinte fórma: *Faut s'debacher pour aller grater*. Diz «hontem nada comi» da seguinte maneira: *Hier j'suis revennue carton.*

E é celebre o grito duma florista, facilitando, ha dias, a fuga dum apache envolvido no assassinato do agente Moulis:

—Cavalle! Cavalle! V'l'a une pestaille! (Fuja, fuja logo, lá vem a policia).

Ah! sim, a *midinette* é verdadeiramente a alma da rua parisiense.

UMA CEIA HISTORICA

O excellente visconde Notowsky prometteu, certo dia, apresentar-me a Gaby Deslys. Este visconde Notowsky, um polaco loirinho que andava nas bôas graças daquella dançarina, tinha sempre sobre ella o seguinte grande elogio: «Gaby tem as pernas magestosas duma amante de cardeal que atravessasse as ruas de Constancia para ver queimar João Huss» *(sic, Copée)*. Imaginem, por conseguinte, do meu enthusiasmo, quando afinal, uma tarde, recebi a visita do visconde Notowsky.

—Convido-te a jantar commigo e com Gaby, amanhã, ás 8 horas, no restaurante Madrid. Sei que desejas que ella fale de d. Manuel...

Estivemos effectivamente, no dia seguinte, no restaurante Madrid, no Bois. Inutil descrever-vos a maneira de como nos serviram. Com poucas diversidades, os restauradores arranjam os seus estabelecimentos da

mesma maneira. Não esquecem os vasos de flores, as rosas nas mesinhas e os cardapios incomprehensiveis.

Logo que nos sentámos, Gaby Deslys reclamou em altos gritos:

—*Consommé double de tortue au Marsala!*

Para excitar a *verve* da joven atrizinha, citei de imprevisto as estrophes que Hugues Delorme rimára em honra do seu talento:

Ayant rencontré l'âme sœur,
On dit (amours, Deslys, et orgue)
Que j'épouserai mon danseur,
Américain rempli de morgue.

Echanger l'anneau conjugal,
Bague dans le coin, m'importune.
Cette fausse nouvelle est une...
Une fiction, Portugal!...

Mais je rapporte d'Amérique,
Ame rêveuse et chimérique,
La danse des ours, faite pour

Rendre ces monstres sympathiques
Aux pauvres auteurs dramatiques
Qui vivotent au four le four.

Era na epocha em que Gaby Deslys chegava da America, sempre loira, trazendo uma negrinha... Dizia-se então que contratára casamento com um dançarino de Nova-York, Harry Pilser, creador da *Gaby-Glide.*

— Casar-me ? — protestou Deslys quando lhe falei nisso — Se trouxe para a Europa um emulo de Nijinsky, foi com um fito puramente profissional. Dansei em Londres com Harry Pilser. Acompanha-lo-ei a Vienna, onde estrearemos com uma opereta ingleza... Seguiremos depois, separadamente, nossos caminhos... sem *ares nupciaes*...

—Uma rainha não dansa como uma doida — interrompi, dando sentido duplo ás palavras que pronunciava.

Mas Gaby retrucou:

—Deixem-me tranquilla com o meu passado!

—Porque? Deve ter grande orgulho desse passado... Fale-nos delle... fale-nos de... de D. Manuel...

—Oh! nunca... Elle era tão bom !... tão *neve à la vanille !*...

—Ah! Ah! Ah! querida Gaby—interrompeu o visconde Notowsky — Creio que se não nos falares do *rapaz*, a reunião se tornará bastante insipida...

—Creaturas más!

—Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Nossas risadas reboaram estridulamente lá fóra,

pelos corredores. Gaby Deslys sentiu-se desarmada. Notowsky chamou-a de *fraca*.

—E' então fraqueza querer occultar a fraqueza dos outros?

—*Donc*, D. Manuel...

—Uma criança, uma ingenua criancinha...

*
* *

—Aqui em Paris, narrou-nos Gaby Deslys, vi-o sempre em civil. Preferia as côres sombrias, tendo entretanto o azul em aversão. Numa regata a que assistimos, na extremidade da capital, em Billancourt, trazia o seu costume predileto (lembro-me como se fosse hontem): calça de flanella branca, palitó preto, chapeu de palha com fita preta... Nunca abandona as gravatas cinzentas...

*
* *

—Quando esteve em Paris, fazendo-me a côrte, hospedou-se no Reitz. Affonso XIII estivera no mesmo hotel, deixando para os criados 10.000 francos de esportulas... O millionario Astor tambem deixara no Reitz 7.000 dollares... Era chic imitar o Kaiser da Allemanha, que abandonára 10.000 marcos aos criados d'Osborne, e o czar Alexandre da Russia, que esquecêra em Windsor 20.000 libras para gorgetas... Pois bem, o nosso Manuel achava que era falso o gesto que dava

esportula... Partindo do Reitz Hotel não deixou nenhum centesimo para o corpo da criadagem...

*
* *

—O capitalista I..., um intimo do Marquez do Lavradio, contou-me que este ultimo, não obstante todo aparato respeitoso, chamava Manuel, no tempo do seu reinado, «este rapaz». Quando a republica foi proclamada, passou a chama-lo «este excellente rapazinho». Hoje o marquez só se refere ao decahido desta maneira: «este pobre rapagão!»

*
* *

No começo da sua paixãosita por Gaby Deslys, d. Manuel usava dos perfumes predilectos da *divette*. Descobrindo um dia que a sua caixa de pós de arroz estava vasia, perguntou o nome da marca do de Gaby.

A dansarina tomou dum lapis, duma folha de papel e escreveu algumas palavras.

—Acharás, sem duvida, em todas as perfumarias.

O bom rapaz, confiante, correu ao balcão dum perfumista:

—Eu queria uma caixa de pó marca *B*...

O caixeiro excusou-se, impassivel, e declarou não possuir o que o outro pedia.

Esquecendo-se que estava numa *boutique* da rua

da Paz, Manuel sahiu furioso, batendo com a porta. Atraz delle umas cabeças indiscretas riam da magestade que usava *pó marca B*.

(Ha aqui uma perversidade que precisa ser explicada. «Pouvre B» é uma marca de polvora em desuso na marinha franceza, desde a catastrophe do «Liberté» que provou a sua inferioridade).

*
* *

Gaby Deslys conservou por minutos a fronte sombria.

—Tive remorsos, explicou-nos depois. Quando Manuelsinho comprehendeu minha truanice, chorou como um desesperado... Em verdade era muito sentimental... Conheci toda a extensão da sua amisade no dia em que me quiz montar um theatro... Duvidam?... Ia commigo pelos boulevards, dentro dum automovel aberto... Passámos por um *music-hall très mignon*... o mesmo *music-hall* onde estreei ha oito annos passados... Como explicasse isto ao meu camarada, elle promptificou-se a me construir um theatro casino... e naturalmente recusei... Fiz muito bem, porque dias depois não teve dinheiro para me pagar um collar de quinze mil francos... Sem o seu concurso vou organizar um theatro verdadeiramente americano... com 2.000 logares... um theatro onde entre um *bag-time* e um exer-

cicio de *clown*, ensinaremos aos habituaes do *music-hall* o que é a nona symphonia de Beethoven!

*
* *

—Um dia o *Intransigeant* quiz mostra-lo como homem energico. A proposito contava que certa vez, na rua de Lisbôa, entrou na Legação de Portugal. Como os representantes diplomaticos avançassem para o receber, deu um tiro nos detalhes da cerimonia.

—Basta! Tenho sêde!... deem-me um licôr...

E como trouxessem um calice de *chartreuse* superior, recusou simplesmente:

—Prefiro um «martellinho» do Porto... Porque afinal, sou francez ou sou portuguez?...

*
* *

—Imaginem que... commigo... o Manuelsinho nunca...nunca ousou... Um verdadeiro medroso... Ficava impassivel, em minha frente, no mesmo aposento, toda uma tarde... toda uma noite...e nada... O rapaz tinha medo... tinha em respeito particularissimo o peccado da carne... A proposito de *vaudevilles*, falava em S. Pedro, em todos os santos... e nos padres... Tinha projectos religiosos... entre outros o de acabar num convento de carmelitas... Queria ser carmelita descalço e vir, disfarçado em notario, assistir aos meus espectaculos... Desenhava as minhas representações,

ideando attitudes para a exhibição do meu nú... Que menino satyro!... satyro e erotomano!... Entretanto dizem que está muito mudado!!!...

*
* *

—Duma occasião veio visitar-me com dois dos seus amigos fidalgos... Raramente sahia só... Estavamos todos no *boudoir* e bebiamos champanhe, trincando biscoitos. Em dado momento Manuel se levantou e ordenou aos camaradas que abrissem a bocca, começando a jogar-lhes os meus biscoitos... Queria que estes cahissem nas boccas abertas... Era uma fantasia de garoto mal educado, mas os seus companheiros prestaram-se á brincadeira. Um delles, porém, o marquez de V. Z., cerrou os dentes, apanhou o biscoito que o rei lhe atirara e guardou-o num bolso.

—Como, marquez, guarda o biscoito?...

—Perfeitamente, Magestade. Será uma recordação desta noite memoravel...

*
* *

—Um emprezario audacioso, o senhor D...R..., organizou na America do Sul as *tournées* mais imprevistas, apresentando successivamente ao Brasil e á Argentina os maiores actores, as maiores dançarinas, os maiores *clowns* e os maiores oradores. Depois de contratar Clémenceau e Anatolio France, esse empresario procurou D. Manuel e expoz-lhe um negocio magni-

fico. O rei destronado escreveria as suas impressões em forma de conferencias e um conferencista designado pelo emprezario partiria para a America, recitando aos povos republicanos as memorias do soberano. Seria entre o *tango* e o *two-step* um numero de primeira ordem. O emprezario garantia entregar a D. Manuel a quantia de meio milhão. D. Manuel recusou indignadissimo.

—Além de tudo, acrescentou melancholicamente, quem garante que as receitas sejam bôas?...

*
* *

—Nunca lhe contou nada que diga respeito a pessôas da sua familia? perguntou com uma malsã curiosidade o visconde Notowsky.

—Oh! sim, respondeu Gaby Deslys. Contou-me realmente innumeras *boutades*... Disse-me uma vez que D. Carlos o tratava com severidade e o tinha em mediocre estimação. D. Carlos não se podia habituar ás tendencias clericaes do seu pimpolho e por isso discutia frequentemente com a esposa. Dona Amelia estragava o menino num meio freiratico. Apezar de fervoroso catholico, D. Carlos tinha a visão do que devia ser a formação dum filho de rei, rei algum dia... A respeito de religião, em Cintra, mais ou menos em 1900, houve um pugilato entre D. Affonso e D. Manuel. Por causa dum assumpto de igreja, D. Affonso dissera

ao menino palavras vivas, e com o ardor da mocidade Manuelsinho provocára a grande scena. Felizmente, na hora *psychologica* appareceu a rainha mãe. Durante longas semanas este pugilato foi o escandalo da côrte... Mas não era a primeira vez que D. Manuel conhecia o peso de outro braço. Quando criança, uma governante lhe administrara no trazeiro duas furiosas palmatoadas. Depois de tal crime, a governante começara a soluçar, confessando ao real discipulo:

—O que acabo de fazer, Alteza, causa-me uma dôr ainda maior que a dôr que V. A. sentiu...

—E no mesmo logar?—perguntou-lhe Manuelsinho...

O que, ao que parece, é o melhor dito que até hoje tem sahido da sua cachola...

*
* *

Ainda adolescente, desejando um brinquedo que era caro, D. Manuel endereçou á sua velha e terna avó um bilhete assim ridigido:

«*Cara avósinha, vi hontem, num armazem, um interessante «joujou» mecánico... Queria compra-lo, não tenho dinheiro e papae m'o negou por causa do senhor Franco. Appello para vossa bondade, pedindo que me envieis uma pequena cedula, bôa avósinha. Vosso neto etc., etc.*»

A avósinha respondeu:

«Caro netinho, li com tristeza que não podeis comprar um «joujou» mecanico. Vosso pae affirmou-me que o seu filho gasta tudo quanto possue; segundo penso, semelhante procedimento carece duma rapida correcção. E' preciso que apprendaes a conhecer o valor das coisas. Vossa avó, etc., etc...»

Dias depois a severa parenta recebia a seguinte missiva do traquinas Manuel:

«Cara avósinha, agradeço vivamente a vossa bondosa cartinha. Com immenso prazer vendi-a a um livreiro collecionador por 150$000. Como vêde, começo a conhecer agora o valor das coisas. Ainda uma vez, obrigado. Vosso neto, etc., etc...»

*
* *

Alta noite, a pé, Gaby e Manuel desciam incognitos a avenida da Opera. A *divette* apostou que o companheiro não seria capaz de interpellar um agente de ronda. D. Manuel jurou que o faria... e mesmo diante do theatro da Opera perguntou a um *sargent de ville*:

— Illustre senhor policia, onde é a Opera?

Advinhando o mystificador, o policia respondeu fleugmatico:

— Siga os boulevards, sempre á frente, até onde

quizer, volte pelo mesmo caminho e pergunte novamente...

Excusou-se confuso o mystificador:

— Vejamos, agente, era brincadeira... Acceita um charuto?...

Naquelle momento passava pela Avenida um desses vagabundos que apanham pontas de cigarro uzado.

O agente acceitou, chamou o vagabundo e deu-lhe o charuto com um sorriso:

— Acaba, sem querer, de fazer uma esplendida acção, disse, voltando-se para D. Manuel.

E tirando do bolso um masso de *caporal*, o agente seguio, enrolando um cigarro debil...

*
* *

Depois de se referir a outras coisas dolorosas, o assassinato de D. Carlos, o gesto sublime da rainha mãe, querendo impedir com o corpo a morte do esposo, a lucta grandiosa das victimas dos carbonarios e a opportuna curvatura de D. Manuel, que cahiu ao comprido no fundo da carruagem, escondendo-se nas saias de D. Amelia, Gaby Deslys elogiou a America do Norte, de onde chegava.

— Lá, tudo é grande... até o *bluff*... Deus! como me *bluffaram* nos primeiros dias! Quantos automoveis me foram offerecidos! automoveis que

desappareciam desde que testemunhava as suas bôas qualidades! O *bluff* e a alfandega são as duas pragas norte-americanas... Seis vezes por semana me pediram em casamento... Quanto ganhei? Vinte e dois mil francos semanaes... Representei em operetas no Winter-Garden e no hyppodromo de Nova-York... Eramos em scena mil e cem personagens... 2.500 collegiaes rasgaram o panno dum theatro de New-Haven porque o meu papel só durava doze minutos... Mas voltando ao Sr. D. Manuel, uma noite, sempre em Paris, esquecendo que então era ainda casto, obriguei-o a ir commigo ao Cercle Mager... Conhecem o Cercle Mager, um *caveau* originalissimo, em Batignolles, no começo do boulevard Clichy?... Para ter entrada no Cercle Mager é preciso uma provada maioridade, um diploma de viciado e muito dinheiro... Nessa taverna os jogos são os mais bizarros, as empregadas usam o traje de nossa parenta Eva... Foi nesse antro, em que se fuma o opium, que levei o meu amigo amoroso. Imagine-se o resto... D. Manuel não ousou protestar para não fugir ao chiquismo de um membro da casa de Bragança. A sua physionomia, porém, tinha tanto assombro, tanto medo, tanta revolta, que me senti apiedada e arrependida... S. M. experimentou um milhar de torturas. Inacostumadas a ver no Mager uma creatura tão joven, as mulheres cobri-

ram-n'a de loucuras... Cantaram em torno de nós, dansaram o *Chaloupé,* cirandaram com gestos crus... Muito palido, Manuel sorria resignadamente... Depois das mulheres, o opium... Obrigaram-n'o a fumar... uma vez... duas vezes... tres vezes... e foi tudo... Cahiu pesadamente num sofá e...

Calou-se. Forçámo-la a continuar:

— ... e amanheceu no meu *appartement...* no meu quarto de cama... com a virgindade intacta...

*
* *

Sem fazer attenção, devoraramos grande parte de um honesto cardapio e provaramos tres qualidades de bom vinho francez. Estavamos consequentemente, plenos de expansibilidade. Sahimos mui tarde do restaurante Madrid e descemos em automovel as aléas frescas do Bois. Assistimos a um acto moroso do theatro das *Variedades.* E a nossa noite teve o seu epilogo na *Butte Montmartre,* numa *boite* onde as artes andavam ás cambalhotas e onde absolutamente não se disse mal de D. Manuel...

JE CONNAIS UNE BLONDE

Uma silhueta de mulher esgueirou-se pela porta entreaberta do gabinete e veio correndo ao meu encontro.

— E' você, Christina?

— *Pas de Christine! Fon-fon!*

E a mãosinha lactea de Christina (de Christina que se chama Christina ou Fon-fon, ella mesmo não o sabe) repousou entre as minhas mãos. Depois, Christina sentou-se.

— Então, as cançonetas? perguntei-lhe.

— Nada de novo! Sempre *Je connais une blonde...*

Era o ultimo successo de Montmartre e dos casinos francezes. Havia duas semanas que Christina cantava no *Kursaal* e na *Boite a Fursy* o mesmo *refrain*, obrigada a repetir quatro, cinco vezes o motivo dessa cançoneta creada por Fragson e que tem um ar atrevido de dansa americana.

Pedi-lhe que m'a dissesse.

— Vim dar-lhe somente bom dia. Tenho repetições, esta tarde ainda, com Louis Benech!... Si quizer, para lhe provar como tenho bôa vontade, o estribilho...

E modulou:

Je connais une blonde
Il n'en est qu'une au monde
Quand elle sourit
Le paradis
N'a rien d'aussi joli
Que les charmes de ma blonde
Je n'aime qu'elle au monde
Ses yeux charmeurs
Ensorceleurs
C'est tout mon bonheur!

Sempre que eu ouvia aquella musica deliciosa, mais e mais me apaixonava pelo seu tom. Ainda madrugada, no pateo da minha casa, um velho, em farrapos, arrastando o seu piano mechanico, acordava-me a berrar que *chaque femme a quelque chose*... De tarde, após o almoço, no café, e horas depois, no

aperitivo do *Moinho da Gallette* os tziganos orchestravam a mesma creação. E de noite, no *music-hall*, inveteradamente, como numero de sensação, a cantora que entoaria *Je connais une blonde*. Quando a gentilissima Christina (Fon-fon) se lembrava de me desejar um bom dia e de me contar as intrigas dos bastidores, eu achava um meio qualquer de a fazer entoar aquelle arranjo popular.

Chaque femme a quelque chose
Qúi seduit notre coeur ;
C'est ses yeux, sa bouche rose,
Son sourire moqueur
Moi, la femme que j'adore en secret
A pour moi le plus troublant das attraits
C'est la couleur de ses longs cheveux
Dont je suis amoureux !...

E de cada vez aprendia um verso, dois versos, quase uma estrophe. Christina achava-a abusiva e licenciosa.

— Porque, Fon-fon ?

— Por causa da malicia do fim. Imagine que o

refrain do ultimo *couplet,* depois de entoar as *charmes de ma blonde* que *est unique au monde,* diz:

Si j'en suis fou
C'est qu'entre nous
Elle est blond'... partout...

Foi por semelhante chave que a canção pegou. O francez gosta disso... conhece as baladas apaches de Judith Fevrier?

Não, eu não conhecia as baladas de Judith Fevrier, mas em compensação conhecia todas as cançonetas lançadas desde 1910. Queridas cançonetas nascidas no coração do Butte! O proprio Fragson as dizia com a graça dum inglez cidadão de Montmartre. Quando elle entoava o *Reviens—Come Bak to me* — o britanico de espirito gaulez fazia inveja ao proprio Mayol, perfumado e feminino. Dranem, num genero especial, chora *Mais voila* de maneira a arrancar suspiros das viuvas quarentonas. Polin, recitando *L'amour, Philomene, Quand un soldat,* evoca a vida comica e episodica das casernas. Resca, Marcellus, Cellizo, Junka, todo um pelotão de artistas aparecidos no bairro de Clichy e que marcharam da praça Branca

para os casinos flammulantes das praias de banho, fazem-se recordados constantemente nos ares popularissimos da *Petite dame du Metro*, *Vertu de Madeleine*, *Hirondelle du faubourg*, *Je cherche un'petit'femme*, *etc.*, *etc*... Num estreito palco da rua San-Martinho, uma mulhersinha que canta *Rentrons Mimi* ou *Y m'faut d'l'amour* tem milhares de probabilidades de se fazer amada pelo mais lepido dos sentimentaes. A musica da cançoneta não é sómente facil aos ouvidos menos educados, é tambem a musica expressiva, selvagemente, sem os rebuscados da musica pensada ou classica.

E para que esnobismos e mentiras? Sentimos tanto prazer ouvindo um *couplet de You-You la japonaise* como os *Adeuses de Wotan*, desse precioso hispido que se chamou Ricardo Wagner. *Je connais une blonde* é tolissima se a considerarmos pelo seu lado artistico. Entanto, ouvindo-a, experimentamos vibrações extranhas. E toda a sua força está no assumpto futil que influe na parte musical. O compositor napolitano Joseph Rico certifica-me que nunca interpreta com paixão as palavras de Maurice Feraudy quando este se deixa enthusiasmar pelos themas circumspectos.

—Montmartre morrerá exclusivamente cançonetista, assegurava Christina. Na *Lune Rousse* certa directoria quiz levar á scena um drama de autor sisudo.

A vaia fez o drama cair do cartaz. No outro dia o palco foi reconquistado por Chepfer, Bounaud, Reine Deris e viu-se:

a la Lune Rousse,
Le tout Paris, le Tout Gratin,
Le Tout Gotha, le Tout Bottin,
Le Tout Dictionnaire Larousse

A propria Mme. Rasimi, directora do Ba-ta-clan, ás pressas retirou-se de Londres, onde representava na New-Middlesex, para applaudir com a sua *troupe* a rehabilitação dum theatro de Montmartre que queria levar a scena coisas de comedia. Aquillo seria uma vergonha, uma desmoralisação...

Levantando-se com um gesto arrebatado de *gommeuse*, Christina (Christina ou Fon-fon?) balbuciou uma despedida. Procurei rete-la...

—E o pobre Louis Benech que me espera para a repetição? Até á vista! Fujo!

Fugiu realmente, deixando no gabinete o ruido das suas saias que faziam ruge-ruge. E pelas escadas cantarolava a eterna *Je connais une blonde.* Procurando, então, distrahir-me com a leitura dum livro, este repi-

sava justamente as idéas que eu tinha sobre as cançonetas, sobre o nú no theatro e sobre o *maillot* (inventado por um *bonnetier* da Opera, chamado Maillot, em 1798; d'ahi o nome).

Porque havia moralistas que clamavam contra as apresentações mais ou menos libertinas? Acaso a humanidade não iria submersa numa infinita libertinagem? A policia do Rio prohibira que a *Bella Olympia* se exhibisse na *Maison Moderne* porque a patricia de Phrynéa se exhibia núa...Meu Deus, que parvoice! Lemos nos jornaes diarios de todas as capitaes artigos enormes sobre os assassinos, com os retratos dos cujos no alto da columna. Sabemos o que comeram na tarde do homicido, sabemos a marca dos seus calçados, os seus habitos secretos. Acompanhamos minuciosamente as canalhices dos politicos em voga, as chantoeiras que praticaram ou estão em vesperas de fazer. Seguimos dest'arte as passadas do crime e da perversão moral. A sociedade considera naturalissimo semelhante phenomeno. A sociedade não admitte, porém, que olhemos a mulher frente a frente, porque para a primeira a segunda será eternamente «um ser impuro», cuja belleza não devemos encarar «na sua casta, magestosa e magnifica simplicidade».

Comparo a posição da cançoneta montmartrense á da mulher perante o universo. Com o tempo, porém, a canção se liberta, criando azas, despe o *maillot*, «des-

ce o triangulo de seda rosa que serve para esconder a sua nudez intima», como escrevia Messidor.

E era nisso que eu meditava quando aquella cantorinha do *Kursaal* se foi embora da minha casa, risonhamente subjugadora e cantando o querido *refrain*:

Si j'en suis fou
C'est qu'entre nous
Elle est blond'...partout...

CARNAVAL

No domingo e na segunda-feira de Carnaval, Paris ignora que o reino de Momo começou desde sabbado, á meia-noite. Não se vê nas ruas um unico mascarado. As casas commerciaes funccionam como habitualmente. Tem-se o movimento das tardes dos dias de semana. Mas, de subito, na terça-feira ao meio-dia, a loucura se apossa da cidade e da multidão. *Le mardi-gras! Le mardi-gras!*

E' de ver a gradação dessa loucura, á medida que as horas se vão escoando. O vulgo que se espreme entre a Magdalena e a praça da Republica, parece possuír uma só bocca e um só dizer. Desfila por entre compridas enfiadas de carrocinhas de *confetti* e grupos de serpentineiros, installados nas calçadas plenas de escadas de mão.

Os confeiteiros e serpentineiros chegam aos grandes *boulevards*, com suas carrocinhas, na segun-

da-feira á noite. Gizam o logar que vão occupar no dia seguinte e dormem em cima dos *confetti*, cujo pregão iniciam assim que batem as 12 horas da terça-feira. E' o grito de alerta ribombando duma extremidade á outra da metropole.

—*Qui n'a pas son kilo?*

E os pequenos saccos de côres berrantes alcançam immediatamente o seu maximo preço: 70 a 80 centesimos.

—*Eh! les joyeux! 70 centimes le kilo?...*

Mas, ao crepusculo, o preço tomba bruscamente a 10 soldos e vai decahindo até chegar a 20 centesimos. E', pois, a partir das 5 horas que o populacho se decide a gastar com os folguedos de Momo. A baccanal é então o delirio e a licença para as maiores semcerimonias. Rapazes atracam-se com jovens vendedoras e só lhes compram *confetti* se se deixarem beijar. Estudantes do *quartier latin* fazem estardalhaço com galdrapinhas daquelle bairro desmiolado. Trazem elles gorros pretos com fitas encarnadas: ellas gorros vermelhos com fitas negras. Nenhum carro atravessa o centro da *urbs*; a multidão inunda o lençol de asphalto das grandes arterias interiores da cidade. Em certos cantos, como na encruzilhada do faubourg Montmartre com o boulevard Poissonnière, o redemoinho popular é constante e quase intransponivel. Postos de soccorro são installados perto.

Não se pense, todavia, que o Carnaval de Paris se assemelhe ao do Rio. Em França não existem nem clubes nem prestitos comparaveis aos nossos. Os prestitos parisienses só saem no dia da *Mi-Careme*, organisados pelo *Hotel de Ville*, apoiados pelas autoridades civis e em summa nada superiores aos dos Democraticos, Fenianos ou Tenentes do Diabo. O presidente da Republica costuma dar do seu bolso um auxilio aos seus organisadoras. Os grandes armazens concorrem com uma quantia elevada e com um carro allegorico, no qual passeiam as operarias das suas officinas. Num andor especial vai a rainha eleita pelo voto de uma assembléa e sua côrte de damas empoadas e pagens que sorriem com malicia. Segue-se-lhe um sequito historico de cavalleiros de todas as épocas, desde o espadachim do tempo de Chicot até o valente official de Napoleão I.

Com o ultimo soar das trombetas dessa cavalgata têm inicio os bailes á fantasia do Quart'z-arts, do Tabarin, das más tavernas de Montmartre e do Boul'Mich, onde tanto póde ir o banqueiro do parque Monceau como a galderia da rua San Martinho. De resto, os do grande mundo aristocratico fogem de Paris no *mardi-gras* e na *Mi-Careme*. Nem todos vão para Nice ou Veneza, como pensam alguns elegantes d'além-mar. E' mais certo irem aos seus castellos provincianos que ao Passeio dos Inglezes e á praça de S. Marcos, es-

sas cidades cosmopolitas, o publico é tão mesclado, composto de uma maioria tão densa de rastracueros, que o *gommeux* verdadeiramente precioso se sente como num plano compromettedor e lamenta as carruagens e os bailes da Opera e da Comedia. E' bem provavel que no fundo de uma ottomana, em algum gabinete perfumado, releia Dumas Filho e Balzac, todos os contemporaneos de Mme. de Paiva e de Morny, em cujos livros se vê com tanta nitidez o que foram aquellas reuniões magnificas de graças e de intrigas mundanas.

O Carnaval do Paris moderno tornou-se uma simples folga do populacho. E' uma terça-feira gorda sem lança-perfumes: a festa vulgar do *confetti* e da serpentina.

OS RECLAMISTAS

Octavio Berthet, um pequeno homem de quarenta janeiros, magro, pallido, gesticulador, tem o rosto quase sumido numa barba patriarchal. Octavio Berthet é um pequeno homem que conhece Paris e a quem Paris rende a honra de conhecer.

—Nasci em Cahors—contou-me o reclamista, na esquina dum velho *impasse*, e fugi para Paris com a idade de sete annos. Certa manhã, penetrei numa casa da rua Nossa Senhora de Lorette e pedi um pão... mas deram-me uma blusa com inscripções. Andando de dia com esta blusa, ganharia trinta francos por mez. Acceitei. Chamavam-me então o *Gamin jaune*, devido ao meu todo acanhado de provinciano e á cor dos meus pobres sapatos. Quase dois mezes fazendo réclamo da casa da rua Lorette, acabei aprégoando bolachas na porta duma padaria de Montrouge. Depois,

num turbilhão, sempre reclamista, atravessei duas gerações...

Acendeu orgulhosamente um cigarro, explícando que tinha um enorme gozo em se saber admirado quando gritava com voz de tenor as bellezas dos armazens que lhe pagavam. Tinha desse gozo as melhores recordações e que mais?—os melhores amores...Octavio Berthet, tão magro e tão pallido, era feliz nas suas paixões.

—Quere saber duma coisa? — disse-me. Se lhe apraz, faço-o conhecer muitos dos nossos...os melhores...Temos tambem o nosso gremio...Hoje haverá conselho...ás 8 horas, no boulevard Sebastopol...

A minha indiscrepção de vagabundo fez-me comparecer á *Sociedade Mixta dos Fazedores de Reclamo*. Meu Deus! Que immensa verdade na palavra *mixta* do titulo pomposo! As mulheres estavam lá em maior numero que os homens—as mulheres que tomam, dia a dia, freneticamente, os logares masculinos...

Antes de abrir a sessão, a que presidio, Octavio Berthet apresentou-me aos amigos e ás amigas. Entrei então na intimidade dessa classe que existe em todo o mundo, differentemente, e que em Paris, differe do resto do mundo, pela sua originalidade. Assim, para mim, Surbine foi um assombro. Surbine é uma mulher velha que vive de fazer espirito—coisa rara quando se é mulher e velha. Surbine reside num sexto andar do

faubourg S. Jacques, em companhia do marido, um facinora bebedor de absyntho. Surbine sahe ás 7 horas da manhã, com a sua touca negra, o seu vestido negro e os seus olhos, mais negros que certos gestos de Mac Vea e estaciona nos boulevards populosos.

—Meus senhores! Meus senhores! Grande novidade!

Todos param, risonhamente, e quando a roda está numerosa, Surbine discorre, num sotaque que prende e captiva:

—Imaginem os senhores... Ah! Ah!... Recebi uma carta da Bretanha, uma carta da mamã. Não conhecem mamã?... Ah! Ah! Mamã contava-me um grande desastre na nossa aldeia...Um homem penetrára no quintal da Valentina, a criada do Sr. cura... Valentina, ao ver o homem, gritára...O h omem corrêra para Valentina, estrangulando-a...Ah! Ah! Mas o Sr. cura, que ouvira os gritos dá Valentina, correra a seu turno e a seu turno fora estrangulado pelo homem...Ah! Ah! Uma tragedia e dois cadaveres!...Como se restabeleceu a vida e a felicidade dos dois mortos?... Dandolhes a aspirar... a aspirar, oiçam bem...um pouco de perfume Pantuel, á venda na rua F, n. 2... Ah! Ah! Historia verdadeira...Foi mamã quem m'a narrou... Mas isso não quere dizer nada. Um caso mais curioso succedeu commigo, ante-hontem. Imaginem que...

E principia outra narrativa, que termina por segundo reclamo.

A magestade narradora de Surbine é igual á magestade estatica de Scarpelati, o apontador do cinematographo Biograph, á rua Taitbout.

Scarpelati faz pena, parecendo-me um rapaz soffredor. Firme na esquina da rua, trajando á americana, com uma bandeira dos Estados-Unidos envolta no braço, levanta uma bengala grossissima, estira-a em direcção ao cinematographo, casas adiante. A multidão cerca-o, segue com os olhos a direcção apontada. Elle não sorri, sempre com os labios cerrados, uma pallidez que é antes timidez, uma timidez que será antes revolta. Scarpelati lembra-me uma personagem de Maximo Gorki. Será um anarchista? Mas João Malburne, amigo de Scarpelati, este, juro ser um anarchista. Na noite em que nos conhecemos, João Malburne me disse:

—O meu prazer em mostrar diversões aos canalhas ricaços está em os submergir, numa época futura, na minha vingança...

Que faz João Malburne? Ha no boulevard dos Italianos, no fundo da passagem da Opera, um pequeno theatro em cujo *hall* os espectadores são diminutos. João Malburne, o pregoeiro das novidades, veste-se duma maneira a que se dá em Paris a mesma denominação que no Rio de Janeiro—veste-se de inglez bebedo: smoking sovado, calças machucadas, cartola esverdeada, flor na lapella e charuto na bocca. Fica exotico, principalmente porque é muito magro e mui-

to alto. Surge no principio do boulevard dos Italianos, olhando o céo, como se dissesse aos seus botões: «onde deverei ir nesta terra que não conheço?» Caminha alguns passos e pára subitamente. Bate com a bengala no chão, fitando as pedras do calçamento. Murmura coisas inintelligiveis, emquanto os curiosos que o seguem augmentam em numero, babocas. Elle não se desconcerta, anda sempre até á entrada da passagem, lê o cartaz do theatro, finge-se illuminado de felicidade, volta-se para a multidão e canta o seu discurso. Então os freguezes penetram no casino...

E com João Malburne, que soffre de tortura anarchista; com Scarpelati, que soffre de timidez orgulhosa; com Surbine, que ri com ironia empolgadora; com Octavio Berthet, o decano dos apregoadores—conheci um punhado de reclamistas naquella noite de apresentação barulhenta na «Sociedade Mixta dos F. de R.»...

Taes homens e taes mulheres são observados como outros artistas maiores. Em Londres e em Berlim ninguem ouve um arengador ou *blagueur*. Em Paris a curiosidade gauleza celebrisa e encoraja. No que se vê perfeitamente a differença das raças: o allemão e o inglez, frios; o francez, brejeiro. Em Londres o reclamista conhece a indifferença que o cerca: dahi a desgraciosidade que o empolga avassaladoramente. Em Paris respira a sua platéa, distingue a disposição em que se acha um policia a seu respeito. Bastas vezes

padece da hostilidade policial. Se ha o reclamista dos grandes estabelecimentos, ha tambem os pequenos reclamistas, os reclamistas *sem licença*. Estes enchem Paris como uma praga, têm uma mimica especial, esgueiram-se, agrupam-se. Aproveito a occasião para vos contar um caso typico.

Em plena avenida dum bairro central, um rapaz gesticulava, apregoando litographias immoraes. De repente alguem tocou-lhe num braço: — um agente de costumes.

—Está preso. Attentado ao pudor!

Antes, porém, que tivesse desapparecido na primeira esquina, um segundo rapaz surgia:

—Ora, imaginem o que acaba de succeder ao meu companheiro... A policia fala em moral! A moral de uns postaes...

Outro agente prendeu o segundo rapaz e terceiro tomou o logar deste ultimo:

—O meu companheiro é uma victima. Eu...

Terceiro agente. Desta maneira foram capturados cinco *pilons*. Ao sexto não mais appareceu o inimigo.

E eis de como omissas corporações enganam a policia e vivem nomadamente. Paris applaude, seja o reclamista isolado, já senhor duma carreira brilhante, seja o pertencente a uma companhia fraccionada. Esses homens que falam á multidão são agarotados. Como a grande cidade repelliria um garoto?

Em resumo, sente-se a cada passo a influencia e a caricatura do reclamista. Perseguido, elle apparece como um maltrapilho, como um *clown*, como um nababo, escondendo odios, escondendo alegrias. E' magro, é desigual, é torto, tanto Morin, com Vannesson. A's vezes é obeso, como esse extraordinario velho Gaulin que, vestido de Tio Sam, distribue pelas ruas elegantes, de portal em portal, a lista das producções Vitagraph. Entretanto, é sempre espirituoso. E eis por que motivo merece com justiça uma admiração glorificadora.

UM TYPO DE MULHER

Como todas as mulheres, a senhora Suteira teve o seu romance de amor. Mas, meu Deus! se todas as mulheres tivessem romances de amor identicos ao da sra. Suteira, um grande desapontamento estaria reservado á totalidade dos homens.

A sra. Suteira, que em photographia tem uma cara desagradavel, é, psychologicamente, um ente desagradabilissimo. O seu nome hindú vem do seu casamento com um commerciante asiatico. De passagem por Paris, ha alguns annos, esse commerciante conheceu-a numa bodega do bairro da Opera. A mulher em questão andava na vida airada. O oriental agradou-se do seu physico e a levou para um quarto de hotel.

—Ah! meu amigo—falou-lhe a croia—não pense que eu seja uma prostituta...Sou apenas uma costureira sem trabalho...Chamo-me Margarida Galley... e

tenho uma filhinha...Dê-me 200 francos ou me suicido aqui mesmo neste quarto!...

O hindú deu o dinheiro para evitar a desgraça e um escandalo, mas interiormente ficou impressionado com a infelicidade daquella vagabunda. Dahi o começo do idylio que os conduziu á morada em commum.

Residiram ditosos, num arrabalde, durante seis mezes, em Viroflay. Um dia Margarida disse ao Sr. Suteira:

—Esta vida de amigação não me serve, querido amigo. Casemo-nos...Se me não esposas, suicido-me...

O casamento realisou-se com a desapprovação dos companheiros de hindú.

Em breve tempo o marido descobriu que Margarida noctambulava. Cartas transviadas serviram de pretexto para uma explicação.

—Meu amigo, tu te enganas! Estas cartas têm o meu endereço, mas não são para mim...são para uma senhora que não póde receber correspondencias em casa. Se duvidas, suicido-me...

O homem fraco duvidou daquella justificativa. Empunhando então um copo cheio de liquido, Margarida bebeu...e rolou pelo chão. O hindú partiu como um louco á procura de um medico. Quando voltou, a *suicida* cantarolava, no piano...Bebera simplesmente um pouco d'agua...

D'outra vez discutiam num trem que os conduzia

de Viroflay a Paris. Margarida exaltava-se terrivelmente. Ao descerem na estação d'Orléans, começou a gritar:

—Prendam este homem!..Elle quiz roubar-me!... Faz parte de uma quadrilha de ladrões!...

Depois disto, o divorcio. No dia da audiencia principal, o Sr. Suteira encontrava Margarida no *Palais de Justice*, tristesinha, com um pedaço de pão entre os dedos, posando miseria. Sahiram juntos e tomaram o mesmo trem.

—O juiz resolveu que me darás uma pensão de 60 francos. E' pouco! Dar-me-ás 200... Uma mulher como eu!...

O hindú alçou os hombros.

—Dar-me-ás 200 francos!

—Não!...

—Bom! Vou matar-me...

Encaminhou-se para a portinhola do vagão e ameaçou:

—O expresso vem perto. Se persistes na tua negativa, atiro-me do comboio abaixo...

O expresso passou. Margaridada voltou tranquillamente para o lado do ex-marido. Este ultimo embarcava dias depois para as Indias Inglezas. A Sra. Suteira ficava em Paris.

Ha um anno mais ou menos, a mulher de um proprietario de casa de armas do boulevard Bonnes Nouvelles, Sra. Warnier, manobrando um revolver,

ferira-se com uma bala. Morrêra instantaneamente e a policia acreditára num accidente. Passaram-se os mezes.

Agora, subitamente, a Sra. Suteira procura a justiça e revela o segredo da sua vida de então com o proprietario da casa de armas. Fôra amante de Victor Warnier. E o grave, o extranhamente grave é que Margarida denuncia o seu amante como assassino da propria esposa.

—Não acreditem num accidente, senhores juizes. Ha muito tempo que tenho vontade de dizer a verdade. Eu era intima da Sra. Warnier, mas enganava-a com o marido. Que ha de mal em semelhante engano? Nunca somos bastante fortes para vencermos a impetuosidade das nossas paixões. Victor Warnier alugara-me um pequeno apartamento na rua de Lorette. Era ciumento...Queria desembaraçar-se da mulher. Um dia, em Fontainebleau, na floresta que sorria á primavera disse-me: «Tenho o habito de me livrar de tudo que, me embaraça!». E quebrando um galho de arvore: «Assim farei com Carlota Warnier». De facto, dois dias depois a pobre pequena era victima de um accidente e tres dias em seguida Warnier me confessava que o accidente fôra preparado por elle. Desde então tive repulsa do homicida... Como sua concubina não devia denuncia-lo. Mas afinal o meu soffrimento transborda. Querida innocente Carlota, serás vingada!...Victor Warnier é o assassino da sua esposa! Para ter coragem

de dizer toda esta verdade, senhores juizes, entrei numa igreja e resei tres credos e tres ave-maria!...

Assim confessou-se Margarida Galley. Inqueritos estabeleceram que fôra, não ha muito, abandonada por Warnier. Será uma simples vingança, a sua denuncia tardia? Essa mulher mentirosa, comediante, desagradabilissima, terá dito verdade? Ella tem uma pessima imprensa e os jornaes não lhe poupam ironias. A opinião geral está com aquella recoveira, que dizia, acabando de ler o *Petit Parisien*:

—Est'agora!... *En v'là une* em cujos olhos eu enterraria com prazer os alfinetes do meu chapéo!...

SCENAS PARISIENSES

—*Fon-fon! Fon-fon!*

E no automovel que corre velozmente vae um homem dizendo galanteios a uma mulher que para elle é a mais bella do mundo. Conheceram-se ha tres ou quatro dias e naquelle primeiro passeio em viatura se dispõem a contar as ancias mutuas e as esperanças fagueiras do futuro. De repente...

—*Crac*...

O automovel estaca. O ajuntamento dos carros é immensamente estorvante. Enfileirados uns atraz outros, os vehiculos têm que demorar pelo menos cinco minutos.

O homem declara-se romanticamente:

—Querida Fanny, se soubesse...etc., etc.

Fanny morde os labios, commovida.

—Oh! Machin, não me faça subir ao céo!

O dialogo vae proseguir. Mas esgueirando-se por

entre os automoveis, uma maltrapilha, com um cêsto de flores, faz alto defronte de Machin e de Fanny.

—Lindo par, não compra um buquêzinho?...

Fanny finge que não ouve, Machin tambem.

—Cavalheiro! Compre um bonito ramilhete para a senhora...para a formosa senhora que o acompanha...Ella deve ser doida por violetas...

Fanny começa a se commover.

—Um ramilhete! Que lindo par!

Machin vocifera:

—Não queremos flores!

A vendeira insiste:

—Marqueza! Não consinta que seu marido faça como um arabe! *Dix sous* por *um bouquet* de violetas! *Dix-sous! Dix-sous!*

Deposita-o no collo da mulher, insistindo eternamente:

—Faça marchar o commercio! (Expressão que se traduz mais ou menos por «faça marchar *o vieux marcheur!*) Tenha piedade, formosa senhora! *Dix-sous* por um *bouquet* de violetas...de violetas de Toulon... violetas raras...

Abalada, Fanny aceita.

—Um pequeno ramilhete, Machin!!

Machin põe as mãos nos bolsos do casaco, procura o *porte-monnaye*, encontra-o, abre-o e não descobre uma prata de *dix sous*...Só tem de dois francos para cima.

—Troca dois francos?...

A florista naturalmente não possue troco.

Machin pensa em devolver as flores, mas Fanny já as depositou sobre os seios.

—Fique-se com os dois francos...

E a florista parte, pulando de contente:

—Violetas, formosas senhoras! *Dix sous! Dix sous!* Violetas de Toulon!

Um cavalheiro sae a passeio com a esposa. O sol escalda, a poeira secca os labios, a temperatura pede refrescos. Os conjuges sentam-se no terraço de qualquer café, encommendam um *Raphael citron* ou uma *Menthe* e tranquillamente assistem ao desfilar dos outros. Subito, Madame inquieta-se.

—Que tens? pergunta-lhe o marido:

—Nada!

Cinco minutos depois, novo desassocego. Desta vez Madame empallidece. O esposo supplica-lhe que seja franca. Ella accede e murmura algo que a tinge de encarnado. O marido, rapido:

—Oh! filha, é simples! Rapaz!

O garção approxima-se.

—Onde é o gabinete?

—*Au fond de l'escalier. Première porte à gauche.*

A burgueza levanta-se, entra na sala do café, sobe curta escada que termina numa saguão onde ha portas com inscripções: *W. C. Salle de Billards. Telephone. Cabinet de toilette.* Uma matrona gorda como um dirigivel Zeppelin cumprimenta a recemchegada, quando esta ultima empurra a porta do *Cabinet de toilette.* Madame entra e a matrona esfrega as mãos de contentamento. Ouve-se no silencio do pequeno saguão um ruido semelhante ao duma gotteira funccionando em dia de chuva torrencial. *Madame fait son petit pipi*...e sae mui quietamente.

Eis porém que a matrona gorda como um Zeppelin lhe toma a dianteira com um sorriso amavel:

—Minha gorgetinha...

Pacata burgueza que folga muito de raro, Madame ignora que se dá esportula no fundo das casinhas dos cafés e responde, indagadora:

—Que gorgeta?

Desfazendo o sorriso, a matrona replica:

—Quere divertir-se?...Dois soldos...

Madame deixou a bolsa com o esposo:

—Espere um pouco. Mando-lhe a gratificação pelo *garçon*.

Fulissima, a matrona gesticula:

—Sempre a mesma coisa, *nom d'un nom*...Todos os dias a mesma coisa...A senhora vae-se e eu que espere até o dia de Sán Silvestre... Ora deixe-se de pilheria e passe-me os cobres...

—Meu marido tem o dinheiro! Está no terraço!

—Já fui enganada, hoje, por duas! A terceira não me escapará! Passe-me os dois soldos ou sairá daqui para a cadeia!

A outra afflige-se. Humilde:

—Venha até o terraço, mulher, se quizer, diz ella.

—Todas cantam isto porque sabem que não posso abandonar o meu logar... *Tas d'entrainèes, và!*

E perdendo a paciencia, agarra os braços da fregueza.

—A gorgeta, já! Não somos trouxas! Temos os nossos regulamentos, pagamos os nossos impostos.

Nervosissima, Madame faz um *chiqué* dos infernos e se lembra de ter um ataque...Ai! Ai! Ai! Ai! Ai!... O café fica todo em reboliço!

—Quem morre?

—Assassinam alguem?

Acostumado aos ataques da mulher e percebendo seus gritos, o marido acode como uma locomotiva. Quando chega, a gritaria cessa. Em torno do casal e da matrona, a multidão curiosa...

—Que foi isto, minha filha?

Esta, soluçando, explica:

—Eu não tinha dois soldos...para gorgeta...

O marido, pressuroso, paga á labrusca, que se desfaz em cumprimentos tardios: Madame, porém, não

esquece o que a outra lhe fez e a envia á casa de Pilatos...

A matrona curva-se, servil:

—Perdôe-me, senhora, mas a vida está tão difficil! tão difficil!...

Ao chegar-se ao theatro, de automovel, um garoto corre para abrir a portinhola. Desce-se.

—Minha gorgeta? pergunta o gavroche.

Primeira despeza extraordinaria.

Compram-se dois bilhetes a cinco francos.

—E o direito dos pobres? pergunta a bilheteira.

Segunda despeza extraordinaria.

Um porteiro, de casaca, cercado por varios porteiros, toma o bilhete, numera-o, entrega-o a uma dama de preto. A dama acompanha o par á segunda entrada interior do theatro. Ahi abandona-o.

—*Mon pourboire?*

Terceira despeza extraordinaria.

Nova dama de preto substitue a primeira. Essa nova dama acompanha o casal até junto dum balcão onde velhas impudicas espiam chapéos e sobretudos.

—*Le vestiaire, madame, le vestiaire!*

Quarta despeza extraordinaria.

Após escalar pelo vestuario, o par é guiado finalmente á poltrona.

—E a minha gorgeta? pergunta a *ouvreuse* que o acompanha.

Quinta despeza extraordinaria.

Approxima-se uma apregoadora de programma.

—Programma completo! O unico official! O unico programma official!

Sexta despeza extraordinaria.

O par dispõe-se a ler os pormenores da ceremonia, quando um ente todo de negro vem a elle com um banquinho.

—Para repousar os pés, para não fatigar as pernas...

Setima despeza extraordinaria. E assim por diante. O desgraçado que assiste a um espectaculo com a sua cara metade, gasta o duplo ou o triplo do que pretendia. Mas isso é o menos. O peior é o aborrecimento de ter atraz de si todo aquelle bando de corvos esfaimados...

AS DESCOBERTAS DE MAURICIO MIGEON

Um dia destes apresentaram-me Mauricio Migeon, moço sympathico, polido, que não sabia que fazer quando o pae o expulsou de sua casa...

Só, nas ruas de Paris, com quarenta soldos no gibão—contou-me Prax—o garoto teve uma idéa luminosa.

—Se me fizesse concertador...não de porcelanas, mas de machinas de escrever?...Sou um rapaz educado, tenho maneiras, porque não hei de conseguir isso?

E ei-lo a visitar os ministerios.

Nas Finanças interpellou o porteiro:

—Onde se acham as machinas de escrever?

—Primeira porta á direita, escada *A*.

Chegando ao andar indicado, viu-se em frente dum continuo que indagou da honra da visita:

—E' para as machinas de escrever, respondeu Migeon.

—Ah! muito bem...Eis uma, mas é melhor leva-la para não impedir o trabalho, aqui...

Nas Colonias, Migeon ficou um pouco embaraçado. Não tendo visto ninguem nas portas nem nas salas, não sabia que machina tomar. Acabou escolhendo a mais nova...

Nos Negocios Extrangeiros, nos Correios, renovou esse processo. Só foi preso quando agia na Instrucção Publica.

Sahindo da cadeia, como nos encontrassemos casualmente, depois daquella apresentação, Migeon communicou-me:

—Acabo de organisar a lista de alguns poetas do Parlamento...Gustavo Rivet, Mauricio Fauret, Julião Gorjon, Camillo Pelletan, Jorge Leygues...

Mauricio Migeon estava contente como um alfarrabista.

—Quem não conhece a *Ode à la prune*, do presidente Fallières, e *L'espoir en Dieu*, de Julio Cazot? Ah! Gustavo Hirshfeld, Carlos Florentin, que velhacos! Quere ouvir versos de Emilio Combes, datados de 1877?

Loin des tourments politiques
Le sage donne ses loisirs
Aux jouissances domestiques.
Son foyer borne son désir.

Combes foi depois presidente do conselho de Ministros. E Raymundo Poincaré?...

Tu m'aimes, me disais-tu,
Mais ce plafond nous écrase:
Viens, viens achever la phrase
Dans le grand air épandu.

Viens, la lampe est indiscrète,
Son jour est artificiel.
N'aimes tu pas mieux le ciel
Et les flambeaux qu'il nous prête?

Antes de ser presidente da Camara dos Deputados, Henrique Brisson rimava scenas de massagem:

Les stalles sont d'ivoire et le bain de porphyre
Rouge, le sol d'onyx africain; sur les murs
L'artiste ingénieux a tendu les azurs
Du lapis-lazuli serti d'or, et l'Empire

Bysantin a donné ses émaux les plus durs,
Pour les trépieds pesants ou s'allume la cire
Parfumée, et le miroir auquel va sourire
La Reine des Passés, des Présents, des Futurs.

Les pampres d'émeraude et les grappes sanglantes
Des rubis font la voute. En ses toilettes lentes,
C'est là qu'Elle s'étend, baignense aux cheveux roux.

Sur la peau de l'ours blanc qu'a tué son époux
D'un seul coup de poing, et, l'esclave nubiènne
La masse longuement de sa paume d'ébène.

— Ah! Ah! Todos poetas, meu caro! Fourgemol de Bosquemard affirmava da sua cadeira de parlamentar que *á alma é preciso amor*... E não falarei de Victor Hugo e Lamartine, nem de Thalames, que cantou as horas e João Jaurès, que rimava alexandrinos para Santa Barbara...

Positivamente Mauricio Migeon era um rapaz encantador...

—Um jovem politico apparece neste momento no horizonte da arte franceza (permitta-me a vulgaridade da phrase) participou-me elle. E' Roberto de Bedarieux, o erudito bibliothecario do ministerio das Bellas-Artes. Conhece-o? Consinta que lhe recite uma das suas poesias. Intitula-se *Pour toi:*

Un vitrail qui, soudain, dans l'abside s'irise
Eclairant du fidèle, et la face, et les mains ;
Une lumière bleue à la lumière grise:
C'est toi qui viens.

Un rayon qui s'efface, un jour qui se fait sombre,
Un rêve qui s'écroule et tombe à terre épars;
A la douce clarté d'un court bonheur, une ombre:
C'est toi qui pars.

Un cœur qui s'ouvre grand et dit: «Je me souviens»
Regardant jusqu'à lui descendre une âme d'ange:
C'est toi qui viens.

Redoutant de l'amour la plus triste des parts,
Un cerveau que torture une douleur étrange:
C'est toi qui pars.

Roberto de Bedarieux (1) é um atico. Ouça estas duas estrophes da sua lavra:

Les chemins inconnus sont toujours attirants,
On y cherche de l'ombre et puis une fontaine
Quand souvent sous les pieds se glissent des serpents;
C'est pourquoi tant d'humains mordus par les rampants
S'en vont mourir au pied d'un chène.

Un jour un voyageur plus fort et plus agile
Suivant le plus sauvage en découvre les corps;
De ses ongles il creuse un tombeau dans l'argile
Les y jette, et tremblant, s'enfuit jusqu'à la ville,
Ayant aux mains l'odeur des morts.

Foi em companhia de Mauricio Migeon que visitei o Salão de Outomno.

---

(1) O autor deste livro teve occasião de estreitar relações com Roberto de Bedarieux, com quem escreveu dois romances sobre os costumes dos aventureiros internacionaes. Recentemente o poeta francez publicou na «Revue Bleue» a seguinte poesia intitulada «Effroi» e inspirada na longa ausencia do seu collaborador, a quem era dedicada:

Es-tu dans l'inconnu? Ta vie est-elle éteinte?
La roche de la mort qui borde le néant
Et doit entrainer l'homme en son gouffre bèant
Ne l'as-tu pas atteinte?
Je suis depuis longtemps sans nouvelles de toi,
Je ne sais que penser, je tremble,
Mon doute est de l'effroi
Tant ton mutisme semble
Un silence éternel contenant un corps froid.

—Como Simoneta Catanea, amante de Julio de Medicis, era tisica, disse-me elle, Boticeli, que immortalisou os seus traços na Venus florentina, impoz a toda uma época o culto dos hombros cahidos, do pescoço longo e do thorax estreito. Quantos pintores fascinados

---

Ciel! si sans le savoir tes grands yeux enfoncés
Servaient de pâture aux faiseurs de vides!
Si tes membres souvent par d'autres caressés
Dans un suaire étaient rigides!
Si ton gosier putride était déjà rongé,
Si ta face était verte!
Enfin, si tout ton être était roide et chargé
De vers sortant de ta poitrine ouverte!
Quelle grande douleur! ami, je t'estimais,
Théo, quelle désespérance!
Que cela ne soit pas...Et pourtant si jamais
Tu te pourrissais loin de France!
Quoi! n'est-ce pas assez que nos soldats succombent
Et que nous versions tant de pleurs!
Mort infâme, dis-moi, les combattants qui tombent
N'assouvissent donc pas tes ardeurs!
Ah! pourquoi chaque fois que tu dis: «En avant»
Te suivons-nous, fous que nous sommes,
Pendant que lâche et sans pitié,
Dans l'arbre de l'Humanité,
Souffle ton vent
Pour la chûte des hommes?
Tu souris. Misérable, tu railles!
Pauvre sot que je suis, n'as-tu pas tes raisons!
C'est toi qui t'offre nos entrailles
Un jour, pour maisons.
Nous sommes tes vaincus d'avance,
C'est pourquoi quand nous te parlons,
Tu nous réponds par le silence,
Que tôt ou tard nous observons.
Soit! mais grâce pour lui! Sa vie est-elle éteinte?
La roche sans espoir qui borde ton néant
Et doit entrainer l'homme en son gouffre béant
L'a-t-il atteinte?

por essa Venus doentia não têm collocado os seios das suas heroinas muito baixo e muito approximados!... Os signaes duma decadencia de saude se tornaram para muitos artistas incomparaveis traços de belleza...

Tal qual Migeon, João Finot revelou e demonstrou depois que a idéa do Bello é uma convenção variavel.

*
* *

No Salão de Outomno ficámos meia hora embasbacados no recinto da exposição dos cubistas. Realmente, sentia-se ali uma decepção enorme, nascida principalmente do doce effeito que se levava das outras salas, e sobretudo do esculptor Henrique de Groux que, depois de vinte annos de silencio e depois da realisação duma obra symbolica magnifica, surgia como um extraordinario evocador psychologico. Retirando-se para a Belgica, o autor de *Christ aux outrages* penetrára no intimo de Beethoven, Wagner, Gœthe, Baudelaire, Schumann, Dante, Tolstoi e meditára nestes grandes genios o aperfeiçoamento do proprio genio. A sua estatua de Tolstoi *parece Lear marchando para a tempestade, parece OEdipo*...Tolstoi, no marmore do esculptor, *tem a grandeza heroica dum Deus*...

As aguas fortes do impressionista Camillo Pizarro eram outro successo do Salão de Outomno. Jorge d'Espagnat vinha em segundo logar, mais brilhante que

no ultimo inverno, quando venceu com as *Baigneuses*, tão claras na luz, tão illuminadas na natureza. Paulo Troubetzkoi dava ao publico os retratos de d'Annunzio e da princeza Borghese. Depois vinham José de Charmoy, Francis Jourdain, Bernard Vaudin, Desiré, Laverny e Mme. Galtier-Boissière.

Muita gente esperava a consagração do *cubismo* naquelle *Salão de Outomno* glorificador de Ingres, de Berthe Morizot, de Corot, de Courbet, de Eva Gonzalez...Mas, em vez disso, no Salão de Outomno se ridicularisou o *cubismo*. Porque? Porque o cubismo é inimigo da belleza, e na arte só vence o que é bello. Dahi a antipathia que enxovalha Picasso, Le Fauconnier, Gleizes e os seus discipulos.

O *cubismo* é uma arte disforme. O *cubista* enxerga nos seus modelos, triangulos, parallelepipedos, trapezios, quadrados, rectangulos, hexagonos. Um jornal escandaloso conta que vendo calçar e recalçar os *boulevards*, os *cubistas* tiveram a idéa de tirar partido dos pedaços das madeiras, copiando-as numa téla. Em seguida realisaram um conselho solemne.

—Que representam estas madeiras de calçamento? perguntou o decano da assembléa.

—O porto de Marselha! disse um pintor.

—A batalha de Valmy—affirmou outro.

—Fredegonda! berrou um *joven* que tinha apenas sessenta annos.

—O retrato de minha amante!

—Minha sogra!

—Vejam, senhores, vejam! exclamou o decano. As madeiras de calçamento *tem o ar de tudo que se quere.* Tomemo-las e façamos quadros verdadeiros, sinceros e que terão o ar de tudo o que quizermos...

A pintura lança tantos ineditos e disparates! Ha pouco tempo, ainda, com o desapparecimento da *Gioconda,* não houve quem se não apaixonasse pelos traços populares da amante de Leonardo de Vinci. Todavia, a Mona Lisa, segundo um observador de longa experiencia clinica, é o typo da mulher condemnada á *dystocie* (parto laborioso ou impossivel).

Após o exito da téla querida de Francisco I, veio o fracasso da escola incoherente do senhor Picasso. Andando no Salão de Outomno como uma mariposa sem morada, o *cubismo* provava a theoria do alienista Raymundo Meunier, num dos seus livros sobre as almas em pena. Na pintura nem sempre os loucos são interessantes. A sua mediocridade é acompanhada de certas bizarrices de detalhes que devem reter a attenção do psychologo e mesmo do profano. Meunier assegura que certas obras de loucos se assemelham extranhamente aos desenhos dos meninos ou dos primitivos. Observando-se os estudos dos *cubistas,* tem-se uma triste impressão de infantilidade emotiva. E quase se póde assegurar que os seus autores já sentiram *le vent de l'aile de la folie,* como dizia o pobre Baudelaire...

NOS DOMINIOS DO VICIO

Acceitámos sem rebuços o convite de duas figurantes da *Cigale*, Clarisse Proyard e Julieta Jarroz, raparigas de olhos castanhos como saragoça, e sahimos do café, tomando por uma rua estreita, em zigue-zague, que subia para o verdadeiro Montmartre dos apaches: a *Butte*.

Parámos defronte duma pequena porta caruncho-sa e tosca. Uma das mulher tocou numa sineta dissimulada. Immediatamente a porta girou sobre si mesma. Entrámos.

—Quem são? perguntou uma voz sombria.

—Artistas! respondeu Clarisse Proyard.

—Bem vindos sejam!

Demos dois passos.

—E que pretendem?

—Alguns minutos de repouso...

—Bem vindos sejam, repetiu a voz. Passem para o salão e tenham a bondade de se deixarem despir...

—Hein?

—Hein!

Foram duas exclamações que escaparam ao mesmo tempo da minha bocca e da bocca do meu companheiro.

—Os senhores estão numa casa séria em que se fuma o opium e se toma cocaina, morphina e ether. Como tudo isso é porém prohibido pela policia, o proprietario tem medo que algum cliente leve certos objectos que denunciariam o que se passa no templo... Assim, antes de se entrar na grande sala geral, é-se convidado a tirar os trajes, que poderiam occultar o roubo commettido e substituir esses trajes por um manto fornecido gratuitamente...

Dois chinezes e duas chinezas nos guiaram ao gabinete de *toilette* e começaram a nos despir...Casualmente levantei os olhos para a parede e li entre outras palavras: *Amor... mysticismo... Eritis sicut diis...*

Em breve os nossos vestuarios foram substituidos por um manto de seda, lugubre, negro e amplo. Deram-nos um numero para não haver confusão nas roupas, conduziram-nos á sala geral e ahi nos indicaram uma mesa de marmore escuro, com dois divans em volta. Imagine-se uma sala comprida e baixa, forrada de negro, atapetada de negro, toda de negro, sem uma

janella por onde entrasse a luz do dia, mesas negras, difras negras, servidores a se agitarem na sombra, dentro das suas mantilhas vaporosas, e raros bicos electricos que produziam uma luz minguada e funerea. Numa bandeja de madeira, sôbre cada mesa: nove agulhas destinadas á massa do opium, duas espatulas de marfim, quatro *cuvettes* para *pipes*, uma *baguette*, um vaso de porcellana da China contendo residuos de combustão de opium, uma pequena lampada de oleo para esquentar o opium e uma *burette encloisonnée.* Como complemento, um socego pavoroso...

Depois de sentadas, Julieta e Clarisse pediram:

—Injecções...para começar...Póde-se fumar ao mesmo tempo?...Não ha perturbações?...

O guia respondeu:

—Nenhuma...

Esperando pela minha vez, diverti-me a observar nas difras mais proximas a maioria esmagadora de mulheres que havia ali. Aborrecidas, inutilisadas para a alegria, procuravam no bizarro e no inverosimil um lenitiva passageiro. Uma joven em quem reconheci Mlle. Kapt... a estrella das *Folies Bergères*, espreguiçava-se estendendo para fóra do divan as pernas redondas que sahiam do manto em desalinho. Mais ao longe, Mme. N. F., esposa dum ministro asiatico, suspirava de dôr e volupia, attingida pela força duma injecção de morphina muito exaggerada. Julieta sussurrou:

—Lantelme, lembra-se?...a pobre victima de Edwards, a grande actriz que morreu na Allemanha, vinha aqui...

E diante dos meus olhos espantados:

—Pensa talvez que Lantelme cahiu casualmente no Rheno?...Ah! Ah! Lantelme suicidou-se. Soffria muito, a pobresita...Soffria muito... E casada com um monstro millionario, imagine!...

O criado voltava seguido dum individuo de longas barbas, mettido numa camisola de medico.

—O hindú que dá as injecções...

Friamente, methodicamente, o operador convidou-nos, por meio de mimicas, a descermos os mantos ou os abrir. Conforme o nosso desejo, deu-nos injecções graduaes no braço e no dorso... Depois afastou-se...

Senti-me incontinente horrivelmente mal. As duas mulheres pareciam ditosas.

—Vamos ao opium, disse uma dellas. Quem o prepara?

—Eu! exclamou Clarisse Proyard.

E emquanto a esplendida actrizinha preparava o veneno, deixei-me escorregar ao comprido no enorme divan negro. Minha cabeça andava á roda, dir-se-ia esvair-se-me o cerebro. Em dado momento quiz voltar-me e tive a impressão de que era de borracha...

—Fumemos...

Estirei o braço direito e toquei na extremidade do tubo do *pipe*, levando-o á bocca. Ouvi distinctamente o meu companheiro murmurar num sonho:

—Que miseria! Que nojo!

E nada mais.

—Falas certo... Leste Maeterlink?... A morte vem a nós, suavemente... Somos tão estupidos que fugimos della, retardando o momento do espasmo... A morte!...

Declamava. Julieta Jarroz tomou-me a cabeça entre as mãos e pousou-a sobre os joelhos. Encostou-se nas bordas da difra.

—Fiquemos assim...

Do silencio do immenso salão, de quando em quando um sussurro escapava. Uma fórma humana levantou-se duma poltrona e resvalou, qual fulminada. Um criado acudiu, mas a fórma humana defendeu-se:

—Deixem-me... deixem-me... Querem que viva?...Deixem-me morta...porque eu estou morta... eu estou morta...Como vocês são cães! Cães palpaveis! Acaso a morte é palpavel? Idiotas... Eu tenho duas almas...uma alma grande e uma pequena alminha...Eu dei a minha alma grande á cocaina...e minha pequena alminha eu dei á cocaina...Assim a morte estará mais depressa commigo...porque eu estou morta...

Nada mais distingui senão gestos obcenos, um

rumor confuso de vozes que concordavam. Quiz retirar a cabeça de sobre os joelhos de Julieta e não consegui. A cabeça pezava-me... Algo terrivel opossava-se de meu cerebro...uma nausea indomavel apossava-se de meu estomago...Brr!...Brr!...Uma multidão...Uma multidão de mulheres nuas e bellas como Eva...nuas e bellas como a primeira mulher perfeita... uma multidão que ria e cantava...que cantava e sorria...que sorria e chorava...uma multidão louca... de mulheres nuas e loucas...

...Afastava-me da terra...fugia para longe, para o impossivel fantasmagorico...Deixava atraz de mim as immundicies universaes, o passado, o presente, Paris, Montmartre...e a casa em que estavamos, na *Butte*, na nesga duma rua obscura e longinqua.

FAUSTINA

Chamava-se Faustina. Descobria-a, certa noite, no boulevard Clichy, toda de negro, com um vestido de veludo collado ao corpo, um grande chapéo Lavalle cahido para as bandas. Na meia-tréva daquelle momento pareceu-me um ponto de interrogação no fundo dum panno cinzento. Accelerei os passos para lhe conhecer o rosto: nm rosto carminado e uns olhos meigos, duma meiguice lucida que supplicava. Logo poz-se-me ao lado:

—Vamos? perguntou-me.

Procurei desviar-me.

—Sou gentil...o meu quarto é bem *chic*...

Desci a calçada; perseguiu-me ainda:

—Acha-me feia, então?...

Considerava-me ironicamente, julgando-me um timido. Como insistisse sobremodo, chorosa e delica-

da, acompanhei-a por fim ao «quarto chic». Ali, tirando o chapéo, a rapariga murmurava:

—Foste bem distincto em vir, sabes?...Bem distincto...Quanto me dás?...

Encolhi os hombros, e este gesto, tomado por desprezo, serviu de motivo aos lamentos que lhe acudiram :

—Devo á lavadeira, crê...Devo a todo o mundo, minha Nossa Senhora! E dizer que amanhã cêdo tenho de pagar vinte e cinco francos!

—Ah! interrompi. Queres vinte e cinco francos...

—Si puderes mais...

Eu tirára a carteira do bolso. Ella approximára-se, collando-se-me ao corpo, procurando beijar-me. Mas repelli-a, indagando:

—E's muito infeliz?

—Sim! não ha dinheiro e os homens são tão exigentes! Pagarei vinte e cinco francos, é verdade... mas depois, a costureira...Meu Deus!

Considerou-me com a testa franzida, as mãos cruzadas sobre as ancas, os olhos serenos. Em dado momento descerrou os labios:

—Quem és tu?

Dei com os hombros, como havia pouco:

—Sou um transeunte...

E abrindo a carteira e tirando uma nota:

—Toma, disse-lhe, para os teus vestidos...

A sua pequena bocca enfeitou-se com a ruga antes vista na testa e, dolorida, quiz articular, agradecer. Mas desfez-se numa contracção...

—Perdôa-me...

E estirando os braços magros em redor do meu pescoço, Faustina inclinou a cabeça sobre os meus hombros e poz-se a soluçar vagarosamente, docemente...

*
* *

Como foram encantadores os nossos primeiros dias! Como eu me achava bem, sentado na sua frente—entre nós uma mesinha!...—Tomava-lhe as mãos brancas e mirava-as, mirava-as. As suas unhas eram tão claras que serviam de espelho para compôr a minha gravata. As suas mãos tinham uma alma, quase direi uma personalidade. Nos mais ligeiros movimentos, expressivas e tragicas, torciam-se lugubremente. E na realidade só podiam ser lugubres, pertencendo áquelle corpo que vestia de negro e que punha na cabeça chapéos negros...

—Ah! dizia Faustina, empolgando-me com as mãos extraordinarias. Que fizeste, tirando-me da cloaca do vicio? Deste-me a felicidade e o mal no coração... A morte... Não pensas, nunca pensaste na morte que nos espera? E' o grande pezar, o fim... Amarmo-nos e morrermos num dia longinquo...

Suas mãos apertavam-me, exprimiam-se melhor que a sua voz, dansavam como garras que procurassem ferir.

—Faustina, querida Faustina!

—Fala-me! Quero-te assim, como na primeira noite. Crê, julguei-te louco...

—Adoro tuas mãos! confessava-lhe.

—Porque?

—Não sei.

—Ah!

Faustina estremeceu ao pronunciar aquelle *ah!* repentino.

—Porque tremes?

—Por nada! Deixa-me...

No dia seguinte perguntou-me:

—Dize porque adoras as minhas mãos, supplico-te.

—Não sei. São tão brancas! Agrada-me tanto contempla-las!

Desde então caprichou em as esconder o mais possivel. Emquanto eu reparava nisso, maior necessidade me nascia de as acariciar, de compôr o laço da minha gravata no espelho das suas unhas. Essa necessidade erotomana atormentou-me até a grosseria.

—Anda! gritava a Faustina.

—Meu amigo...

—Mostra-m'as!

Ella desenroscava os dedos e eu experimentava um prazer requintadamente voluptuoso.

Uma noite, fatigados de passeios, deitámo-nos cêdo. Nos instantes que precediam o somno, as nossas almas se abriam ás confidencias que ambos reclamavamos. Mas naquella noite não trocámos nenhuma palavra: adormeci logo após repousar sobre os lençóes.

Alta madrugada, presa dum sonho horripilante, despertei sobresaltado. Então, senhor de mim, vi Faustina de joelhos, inclinada para meu corpo, as feições decomposta, as mãos abertas em leque, tremulas. Dir-se-ia um morcego prestes ao bóte sugador.

—Que é? bradei subitamente afflicto.

Como nada respondesse, segurei-a pelos pulsos, atirando-a na cama. Cahiu ao comprido, mas os seus braços conservaram-se hirtos, furando o espaço, com as mãos abertas em leque, tremulas...

—Que é? Que é, Faustina? repeti.

Voltando-se num movimento brusco, enterrou os dedos nas colchas, com os dentes a bater uns nos outros, os labios lividos.

—Não é nada! Não é nada! Deixa-me por um minuto!

Oscilava em convulsões. Automaticamente deixei-a. Mas, ao voltar, encontrei-a chorando. E como desejasse saber por que razão, choramingou:

—Si soubesses, meu amigo! Não vistes ha pou-

co? Minhas mãos pedem a morte... a morte... querem matar... estrangular... Si soubesses! Eu ia matar-te, estrangular-te... Minhas mãos assim o queriam...

Então confessou-me a nevrose infernal. Quando criança, matava passaros, gatos, cachorros, matava animaes inoffensivos. Entortava o pescoço das avesitas com o mesmo deleite com que conduzia uma flôr á aspiração. A' medida que o tempo ia passando, a molestia augmentava de hediondez. Exigia finalmente crimes maiores.

— Acredita... As pessoas a quem estimo são as mais desejadas pela minha loucura... E tu, tu...

Iniciei desde aquella noite um tratamento particular. Mas, que effectuar contra semelhante tarada, que tinha todo um mundo de antepassados psychastenicos, alcoolicos e epilepticos? Com a tortura que pezou sobre nós, entrou-nos póros a dentro uma outra preoccupação de morte fantastica. As mãos brancas de Faustina preparavam sempre para os nossos carinhos um despertar tragico. A's vezes eu olhava as queridas unhas brilhantes e contra todas as minhas supplicas ellas se escondiam, se recolhiam. E um dia se ensanguentaram.

Uma tarde, ao entrar em casa, procurei Faustina, inutilmente, pelas camaras, pelas salas.

—Faustina! Faustina!

Eu chamava e ninguem me respondia. De re-

pente percebi, vindo do sub-solo da nossa residencia, uma especie de grunhido doloroso, uma especie de rugido espasmodico, uma especie de choro convulsivo. Desci apressadamente, encontrando num canto, ferindo-se com os dedos, arranhando-se, rugindo como uma irracional, a minha pobre Faustina. Deitava sangue por uma multidão de feridas no pescoço, nos braços, nas faces.

—Desgraçada! exclamei horrorisado.

Desfallecendo, murmurou:

—Fui forte, oh! muito forte... Vê... minhas pobres mãos não mataram... mas estão mortas... mortas... Sim...

Beijei com ternura o gesto molle daquella doente que me estirava os dedos magros ensopados em sangue. Acalmei-a, cobrindo-a de mimos, de caricias e de promessas. Tudo, porém, foi inutil.

Dias depois levaram-n'a para um manicomio, onde morreu horrivelmente, dentro da camisa de força, por uma tarde chuvosa e arrepanhada de junho...

RESTAURANTES

Muitas vezes almocei e jantei deliciosamente no restaurante *Ratinaud*. O *Ratinaud*, que tem succursaes no boulevard Bôa Nova, em Clichy e no Boul'Mich', dá por um franco e vinte: *un hors d'œuvre ou potage, une entrée ou roti, un legume, un dessert ou fromage, une demi'bouteille de vin ou de lait*. Por menos de 800 réis se tem direito a quatro pratos e meia garrafa de liquido.

Centenas de casas existem em Paris á moda do *Ratinaud*, mas raras a preço fixo. Duzentos *Chartiers* vendem pratos de 30, 40 e 50 centesimos a toda a baixa burguezia, ao operariado das casas de moda e ás *midinettes* conquistadoras. Se o viajante penetrar num *Chartier* ao meio dia menos dez minutos encontrará oitenta logares vagos; se entrar ao meio dia e dez minutos ficará sem ter um canto em que se sentar.

Vem fatalmente, depois do *Ratinaud* e do *Char-*

tier, o restaurante *Duval* onde se come economicamente por cinco francos e onde se é servido por mulheres de toucas bretães. O proprietario desses 40 armazens de comestiveis é o Sr. Alexandre Duval, escriptor theatral e libertino que se quiz suicidar pela pirueteira bailarina Otero. O velho Duval, pae do joven Alexandre, fundara as suas casas depois de tentar todos os impossiveis para tirar da estroinice o menino Alexandre, que vivia entre as cocottes e as ceias do *Pigall's*, gastando como um nababo. Hoje os 40 restaurantes creados por misantropia triplicaram a fortuna do proprietario.

Nelles se resfastelam os brasileiros menos endinheirados. O brasileiro menos endinheirado é o que só gasta por dia uma media de 30 francos. Os outros vão ao *Marguery*, ao *Foyot*, ao *Paillard*, ao *Lucas*, á *Taverne de Paris*, ao *Café Riche*, ao *Noel Peter's*, ao *Weber*, ao *Prunier*, ao *Cecil's*, etc.

Um restaurante curioso é a *Taverne Panurge*, a dois passos da praça Clichy. Ao lado das portas rotativas da *Panurge*, os vendedores de ostras portuguezas esperam a freguezia, de aventaes irrepreensiveis. O que destaca a *Taverne* das suas congeneres é a sociedade cosmopolita que a frequenta: organisadores do trafico das brancas, *souteneurs en habit noir*, ladrões transatlanticos, gentes que abandonam a *Grande Taverne* do faubourg Montmartre e a *Taverne Olympia*

do boulevard dos Capuchinhos. No *Pagés* e na *Panurge* existem os dois centros mais variados da canalhice internacional. E que cosinha ladina e apurada! A ordem dos pratos é proporcional aos preços e aos gostos. Pagando um franco por cada prato e cinco ou seis francos por um *Grave* superior, qualquer individuo jantará por meio luiz.

Na noite de *Pàques* ceei com José do Patrocinio Filho e Arnaldo Guimarães, na *Taverne Panurge.* Tive então a curiosidade de guardar como lembrança o *menu* servido naquella occasião.

Ei-lo aqui:

Mille feuille de caviar d'Astrakan
Consommé double de tortue au Marsala
Supreme de sole à l'égyptienne
Côtellete d'agneau au beurre noisette
Têtes d'asperges d'Argenteuil.
Chapons truffés Lucullus-Jambon de Prague
Dindonneau froid châtelaine aux marrons
Parfait de foie gras à la gelée
Langue de Valenciennes
Cœurs de laitue au citron
Biscuits glacés cendrillon—Sabots de friandises
Buces de Noel au café
Mince-pie—Plum-puding
Corbeille de fruits.

Esse cardapio de noite de Paschoa era dum restaurante riquissimo, quase exclusivamente frequentado

por criminosos—o que prova que nem sempre os criminosos são creaturas estupidas. Os nossos visinhos de meza, por exemplo, dois pares de fina flôr dos bailes aperitivos do *Moulin* e do *Tabarin*, tinham encommendado uma ceia frugal que lhes custava porém bastante caro: vinhos *Chateau d'Issan* e *Muscat*, um grande pastel de *Chartres*, guloseimas, cigarros e charutos. Aquelles bandidos, pois, desmentiam o aphorismo do gastronomo Brillat Savarin: *Dis-moi ce que tu manges, je te dirai qui tu es.* Ora, a comida dos freguezes da *Taverne Panurge* nada diz sobre as manias e os vicios que elles têm.

Ramalho Ortigão escreveu: «O chá e a cerveja contribuem para augmentar o pezo da melancholia do povo inglez, cujo principal alimento é a batata. Os espanhóes, que não bebem senão chocolate e que temperam tudo a colorau, são violentos, arrebatados, impetuosos. Os italianos, que comem nata e macarrão e bebem vinhos adocicados, são voluveis e inconstantes. Os portuguezes são indolentes, pesados, mas persistentes, perseverantes e generosos».

Nos restaurantes de Paris, em todos elles, nos ricos e nos pobres, a comida é excellentissima: daquella cosinha franceza colorida e perfumada, que fazia a delicia dos *gourmands* imperiaes e que faz o encanto dos *gourmets* modernos. E' por isso que nas

physionomias dos que estão nesses restaurantes se lê com tanta precisão a alegria da raça franceza, a vivacidade, a saúde, a força, a confiança.

BRASILEIROS...

Procurei, a titulo de curiosidade, um companheiro para as minhas investigações parisienses, na pessoa dum carioca. Esse brasileiro applicava grotescos *ih! ih!* entre quase todas as suas phrases.

—Vamos vêr, como poucos, a cidade de Paris —a Opera, os Cassinos e Montmartre... E umas mulheres! *Ih! Ih!* E umas mulheres!...

Na esquina da primeira rua o meu amigo convidou-me a parar.

—Vê o que é isto? perguntou-se com um grande ar de sabedoria. E' a formosa rua Auber...

Dali a cincoenta passos fizemos alta defronte dum edificio.

—Vê o que é isto? continuou solertemente o turiste sabichão. E' o magestoso *Hotel des Lys*...

Seguimos e paramos trezentos passos além, no canto duma praça que tinha, ao fundo, uma estação de estrada de ferro.

—Vê o que é isto? falou o terrivel cavalheiro carioca. E' a *gare* Saint-Lazare, *ih! ih!*

Como eu suasse por todos os poros, elle conduziu-me a um café fulgurante de luzes.

—Quere alguma coisa? obsequiou, sorridente.

—Sim, desobsequiei, desabafando, quero que não seja idiota...

Depois de desistir da amizade de semelhante individuo, fiz conhecimento com o espanhol Sardento Camarão Camarões. Uma vez, encontrando-o na praça da Magdalena, abordei-o, mostrando-lhe uma pequena bandeira de papel, distribuida pela commissão de propaganda do Brasil na Europa.

—Apresento-te isto, Sardento!

—Ah!

— ... Esta coisa multicôr, esta coisa verde, amarella, azul e branca, este symbolo...

—Symbolo!

—Sim, um symbolo sagrado... Não sabes o que tenho nas mãos? Não advinhas? Faz um esforço...

Sardento Camarão Comarões coçou as faces, meditou algum tempo e depois:

— ... Deve ser um rotulo de cigarros...

E o meu pobre patriotismo não ousou emendar

que aquelle symbolo...verde, amarello, azul e branco...era a bandeira do meu paiz... Sim, o meu patriotismo não ousou corrigir o erro tremendo...

O numero de *touristes* brasileiros augmenta em Paris, estrondosamente, todos os annos. Póde-se observar este phenomeno, no Consulado, para onde quase todo mundo faz endereçar a sua correspondencia.

—Imagine que distribuimos, no minimo, 2 a 3 mil cartas, diz-me um adido áquella repartição. Agora, observe estes viajante apressados e vaidosos e diga-me se não deviam formar um total muito menor...

Puz-me incontinente a observar abelhudamente o salão do consulado, onde havia uma quantidade diminuta de cadeiras em comparação á quantidade extraordinaria de presentes. Um brasileiro cuspia no chão, outro lamentava ter pago imposto por trazer cigarros na mala; terceiro affirmava a supremacia de Minas; quarto garantia ser rico e socialista vermelho; quinto cuspia no lenço como para dar uma lição áquelle que cuspira por terra...Uma senhora de repente penetrando na sala, perguntou com um sutaque maranhense:

—O consulado é aqui mesmo?

Aquillo tudo cheirava a ridiculo. Eu mesmo me sentia desoladoramente ridiculo. Resolvi fugir.

Na rua encontrei um diplomata.

—Sabes quantos brasileiros visitaram Paris este verão?

—??

—10 mil, meu filho...Faz até a bocca encher-se d'agua...10 mil...Não é?...

Entrei num café e senti-me tão livre, tão alegre, que me diverti a intrigar o *garçon*, descompondo-o em portuguez, numa linguagem extremamente vil.

O rapaz, que me não entendia, poz-se a limpar calmamente a mezinha em que eu iria saborear um apperitivo *Suze*.

UM COCHEIRO

Numa das esquinas do faubourg Santo Honorato, Roberto de Bédarieux interpellou-me do seguinte modo:

—Queres conhecer um cocheiro?...Se não queres, precisas...

Olhei-o, pensando que tivesse ficado doido...

—Um cocheiro?...

Sorrindo a mostrar os dentes, Roberto de Bédarieux insistiu:

— Sim...um cocheiro...vem commigo...

Eram pelo menos 5 1/2 da tarde. Descemos paulatinamente pelo faubourg Santo-Honorato até á Samaritana, na rua Rivoli, e dahi ao boulevard Sebastopol. Dirigimo-nos á rua Reaumur.

—Sou amigo dum homem—narrou-me Roberto de Bédarieux—que já tentou, ha tempos, me assassinar. Admiras-te?...E' uma historia breve. Eu vinha de *Saint Cloud*, certo domingo, muito tarde, e começava

a adormecer no vehiculo que me conduzia a Paris, quando, de repente, travando os animaes, o meu cocheiro saltou da boléa, em plena estrada de Bellevue, abriu a portinhola do carro e collocou um revolver no meu peito...Nada mais...Perguntei-lhe o que queria, com toda a bonhomia possivel. Exigiu-me vinte francos, tragicamente...Dei-lh'os...e depois fiz-lhe um discurso...um discurso pathetico...E' verdade, meu caro, fiz-lhe um discurso. Chamei-o de ladrão, falei-lhe das almas que erram cheias de penas, falei-lhe de Joanna d'Arc...Disse então ao nosso cocheiro que Joanna d'Arc era uma santa como quase todas as francezas e elle um larapio como todos os cocheiros...Cinco minutos após o homem chorava como um bezerro, restituia-me os vinte francos e pedia-me que o protegesse das más tentações...

Resolvido a seguir Bédarieux ao logar em que iriamos encontrar o salteador de Bellevue, accelerei os passos, de bom humor. Cinco minutos depois entrámos num restaurante situado no terceiro becco transversal da rua Reaumur. Este restaurante tinha o titulo de *Ao faizão de oiro*...

—Ei-lo!—proferiu Roberto de Bédarieux, penetrando na casa de pasto.

Estava numa das mesas mais proximas, recostado numa cadeira que estalava ao seu peso, e sustinha carinhosamente um copo com vinho. Viu Bédarieux:

—Venha aqui, *saligaud*...

O cocheiro levantou-se e correu para o seu protector, de braços abertos. Suffocou-o num abraço espalhafatoso, sentou-se novamente e conversou como se estivesse comnosco ha mais de duas horas. A sua grosseria de linguagem escandalisava-me, deixava-me estupefacto, perplexo. Mas que fazer?...O cocheiro de Paris não fala francez, não conhece a polidez nem se adapta á civilisação: é um barbaro que fala o *argot* e que odeia tudo aquillo que não cheira a alcool...

Considerando-me com inquietação, o amigo de Roberto de Bédaríeux esquerdeou:

—Hééé! E' um dos taes, não?... Vejam lá!... *Bon sang du bon Dieu*...

Cuspiu por cima da mesa, dando-me as costas com certo desprezo.

—Os estrangeiros são uma cambada de *sales ruppins* (ricos immundos).

—Nem sempre—respondi tentando sorrir.

—Hein?!...*Ferme ta gueule!*...

Calámo-nos. Um barulho entontecedor reinava no pequeno restaurante. Havia cinesiforos, rapazes de armazens, lavadeiras, engommadeiras, toda uma classe secundaria de creaturas gordas e rubras. Esta multidão comia com voracidade, discutia coisas de amor, politica e esporte.

—Eis aqui uma mina inexgotavel de impressões

para um artista, para um jornalista, principalmente—murmurou-me Roberto de Bédarieux—Onde poderás encontrar um mesclado de tão risonhas caricaturas?...

Mas naquelle ambiente carregado de emanações alcoolicas, a nossa tranquillidade era simulada do melhor modo. Viamo-nos olhados e com inquíetação, estudados e desprezados. As nossas vestes, em contraste frisante com as vestes dos outros, permittiam liberdades que davam receios. Communiquei ao meu amigo a hypothese de sermos atacados.

—Que esperança!—tranquillizou-me Roberto.—nosso protegido é uma couraça de ferro...

De facto, sempre que nos olhavam, olhavam tambem para o nosso companheiro. Tinhamos entre nós e a hostilidade geral, um amigo commum. Reunindo esforços afim de entender o *argot*, palestrei com o cocheiro. Referi-me á ingratidão da vida ao ar livre, á ingratidão dos freguezes que não dão gorgetas, á ingratidão da negra posteridade. Elle concordou, discordou e *discursou*:

—Pensa então você, que tenho medo dos *vaches ?* (agentes). Quando vou á *brindezingue* (taverna) sou homem para dez vezes *avaler la langue* (morrer). Neste mundo só gosto do meu *bouffard* (cachimbo) e do meu *pognon* (dinheiro). Guio de dia a minha *chignolle* e sou guiado á noite, pela minha *éau d'aff* (aguardente). Por que me olha com uma figura tão *luisante ?* (que

parece a lua). Vá para o diabo, seu *toc* (vil). *Je m'en fou de vous et des flics*...

Tratado desta maneira, com a maior semcerimonia do mundo, fui presa de receios. O typo que conhecia através da lenda, estava na minha frente, horrivel, magestoso, grotesco. Perguntei-lhe:

—Toma mais alguma coisa?

Respondeu-me:

—*Nib* (nada).

E accrescentou:

—Tenho nojo de vocês e da *Pantruche* (Paris).

—Porque?

—Porque ambos me *font tartir* (aborrecem).

De novo cuspiu por cima da mesa. Passou a gola do casaco pelos beiços humedecidos e arrastou a banqueta mais proxima.

—Quizera ter um *sac* (mil francos)—grunhiu.

E o seu mutismo, a partir deste momento, tornou-se interessantissimo. Buscando ser folgasão, animei a palestra, mas a tudo o cocheiro respondia com muchochos e gestos duros, desafôros precedidos de cuspidelas. Roberto de Bédarieux ria á socapa, adivinhando na minha *fleugma* a eminente, inevitavel irritação. Eu, porém, sustentava calma...

O pequeno restaurante assemelhava-se a um desses bordeis montenegrinos que se vêm nas lithographias da casa Hayardoff. De todas as bandas se gritava

pelo unico caixeiro. Roberto de Bédarieux comtemplava uma mosca perdida dentro dum copo de *Dubonnet*...

—Bolas! meu caro, bolas,—disse de repente, assanhadamente—Terás a audacia de achar *grotesco* nestes homens da rua que vivem ao sol e á neve, presos aos assentos das boléas, de chicote na mão? Poderá haver grotesco num homem que se aperfeiçôa até á selvageria? Entendes? Não entendes? Tanto melhor. O cocheiro é perfeito como um indio do *farwest*... Quando quere ser delicado só consegue ser desagradavel—como Quasimodo e como Bud'Jargal...Encarnaria um sonho hugoano...Continuas a não entender...

—Sim, não entendo...

E comtudo, entendia. O enthusiasmo de Roberto de Bédarieux fizera com que abandonasse o papel de *ouvidor* para me apoderar do papel de *admirador*. A minha transformação agradou ao mais curioso de todos os imperfeitos.

—Será desta maneira que aprenderás a conhecer o Paris que pouca gente conhece. A vida entre o Marigny e o Café da Paz é duma fadiga que aggride o espirito...Os cocheiros que te attenderem nestes logares nada te dirão, pois esperam as gorgetas e os salarios. Sabes agora, pelo calão do meu corsario, qual a particularidade dos guiadores de carruagens?...

—Sei—respondi.—A basofia anarchista.

—*A ton aise*...

E como pretendessemos prorogar o nosso dialogo, fomos interrompidos pelos protestos do boleeiro:

—Os porcos!...*Tas de muffles !*...Um bock... Paguem-me um bock...Um bock, c'o a breca!...

DOMINGOS BURGUEZES

Tratando de Siena, a Gibelina, rival de Florença, a Guelfa, Dante consagrava aos sienezes o ridiculo duma vaidade «só comparavel á vaidade franceza». Já nos tempos medievaes a reputação desse defeito era então infligida aos povos da Gallia.

Verdadeiramente, nada de mais pittoresco que semelhante vaidade. Em Paris, para espiarmos essa vaidade, nada melhor que os domingos, pela tarde...

Vejamos dum café do boulevard. Que delicia grotesca desfila pelas calçadas! O commercio conserva-se fechado, as casas de bancos e os escriptorios têm os armarios sob a vigilancia dos agentes. Ninguem trabalha. Vai pelo espaço um sol morno, desmaiado e primaveril...

Passa uma familia. A mãe, gordissima, vigia um bebé que dá trancos em todo o mundo e uma menina

de seis annos que já parece hysterica. Uma velhota, naturalmente solteira, segura o braço do marido da mamã, que tem o chapéo enterrado até os olhos. São cinco pessoas que se aborrecem infinitamente e param em todas as esquinas, olham-se em todos os espelhos, endireitam-se a todos os instantes.

Passa outra famila: o marido, alto como uma torre de melodrama; a mulher, atarracada, baixa. Em segundo logar, as filhas, que têm um ar pudico e ameaçador. Em terceiro logar, as criadas, precedidas por dois bombeiros. Todos caminham vagarosamente...

Passa ainda outra familia, sem homens, uma viuva linda que pesquiza nupcias para si e para os seus rebentos femininos, que a seguem. De vez em quando a viuva aspira uma flôr, comprada por dez centesimos. De quando em vez as meninas farejam o espaço, á procura de noivo...

Mas, quem são essas creaturas errantes, cansadas, furiosas, esses homens rispidos, essas mulheres rigidas, essas creaturas pudicas, essas meninas pudicas, esses bebés estardalhantes? Quem são essas familias burlescas? A baixa burguezia.

A baixa burguezia parisiense tem sómente os domingos para suas exhibições. No decorrer da semana, o papá trabalha no Ministerio, a mamã remenda vestidos, as meninas emmagrecem.

Ora, nos domingos, a aristocracia recolhe-se; a

alta burguezia e o operariado vão ás campinas; os vagabundos, as cocottes, os estrangeiros repartem-se entre os theatros e os arrabaldes. Então a baixa burguezia desce aos boulevards e desfila ... desfila ... Que creatura melancholicas!...O que as mata é uma vaidade feroz. Ellas possuem uma horrivel postura rapace e julgam-se elegantes. Vestiram-se no armazem Ribby ou nos balcões exteriores das Galerias Lafayette. Gastaram horas infindaveis a escolher um vestido que não assenta bem ou uma botina que não pisa bem. Adquiriram, com precauções amoraveis, os chapéos desgraciosos. Levaram dias e dias a estudar attitudes. Sahiram afinal intimamente alegres, mas com uma alegria que não transparece em absoluto. E eis a razão pela qual são tão tristes, lembrando desenhos zombeteiros e lugubres...

Após atravessar as longas arterias que vão da praça da Republica á avenida da Opera, descem aos passeios dos Campos Elysios. Os bebés precisam recrear-se. Recream-se ouvindo lições paternas. Não são raros dialogos como este:

—Anda, brinca, José. Não vês que a vizinha do appartamento nos olha?...Veste-se mal!!...

O menino não entende e quere falar com a vizinha. Mamãe revolta-se:

—Se te voltares para o lado, corto-te a lingua.

O garoto abre a bocca no mundo:

—Eu prometto!...Oh! lá-lá-lá!... oh! lá-lá-lá!

E um choro terrivel vae ferindo os tympanos auditivos dos passeantes. Mamã insiste:

—Cala a guela, malandro. Especie de *biscornu... gosse mal élevé...*

—Eu prometto...ah! ah! ah! Eu prometto... ah! uh! uh!...

Nas Tulherias e no Luxemburgo essa enorme classe secundaria tem espaço para se espairecer. As cadeiras de ferro gemem de dôr ao peso das matronas. Os petizes mergulham as mãos nos pequenos lagos e, ás vezes, descuidadamente, num falso passo, mergulham o corpo. As arvores soffrem os puchavantes das donzellas iradas.

Quando a tarde descamba e os Campos Elysios ficam libertos, os nossos divertidos invadem os restaurantes e armam conflictos com os cardapios complicados.

Uma familia installa-se numa mesinha a quatro. O pae olha a lista, lê, relê, não acha nada que lhe agrade. A esposa assesta os oculos, arreda a cadeira, lê, relê, não acha nada que lhe agrade. O creado, fleugmaticamente, ironicamente, espera.

Emfim, a mãe diz:

—Sôpa!...Queres sôpa, maridinho?...Sôpa não quero eu...Nós fazemos sôpa em casa... Quero um

prato desconhecido... *Homard à l'américaine*, por exemplo...

—*Homard à l'américaine!*—responde o marido. Não sei como é feito...deve ser curioso...*Homard à l'américaine.*

—Por isto mesmo...tambem não sei. *Garçon! Homard à l'américaine.*

O garção parte, voltando com a iguaria. A familia fica estupefacta.

—Não! diz a mãe. São simples lagostas...e nós comemos caranguejos, nas sextas...e sempre... Porque os senhores mettem esse americano como uma grande novidade?...

O garção recolhe o prato e nova lucta vai começar. Finalmente, os burguezes escolhem um *bifeteck com batatas, ouve bem, rapaz, muitas batatas*...

Mas, deixemos um momento a descripção colorida de episodios. Sem essa população, Paris seria incompleto—ou muito mundano ou muito sentimental. Ella vem ás calçadas, essa população, afim de dar um relevo patente á sentença de Dante sobre a vaidade franceza—vaidade que poderia ficar no collo das mulheres ricas, nos regaços das lindas operarias — mas que vai ás trunfas suppostas das criadas de quarto—vaidade que faz de qualquer fórma a força da França: o odio aos visinhos allemães, o desprezo pelos hungaros inquietantes, a admiração pelos italianos fraternaes.

A MORTE DE ROCHEFORT

Longe do inverno parisiense, em Aix-les-Bains, para onde se retirára desde o mez de Abril, morreu o grande Henrique Rochefort, cuja celebridade, atravessando os mares, era bastante festejada no Brasil. Entre os jornalistas, principalmente entre os de *metier*, o nome de Henrique Rochefort será sempre e com justiça, endeusado. Chamaram-no uma vez ao tribunal para testemunha de um publicista que commettêra um crime. Rochefort defendeu brilhantemente o collega.

—Conhecia-o? — perguntou-lhe Gustavo Tery.

—Nunca o vi — respondeu Henrique.

Bastava, porém, dizerem «é um jornalista» para Rochefort correr immediatamente ao soccorro do camarada. E, no momento presente, em que o articulista perde a individualidade, em que o todo commercial do periodico faz do chronista uma machina secundaria; em que o telegrapho, o telephone, os progressos

da informação, o caracter da noticia matam a personalidade do reporter, Henrique Rochefort vivia como um vestigio doirado da época brilhante do verdadeiro pamphleto. Morreu aos 82 annos, após atravessar uma existencia que elle mesmo comparava a uma montanha russa: cheia de altos e baixos, da Camara ao exilio e do poder legislativo á opposição absoluta. Filho de um realista, o marquez de Rochefort-Luçay, e de uma mãe republicana, estudou medicina, ganhou 100 francos mensaes no Hotel de Ville, e em 1856 fundou uma folha literaria de breve destino, *Chronique Parisienne.* Collaborou succesivamente no *Charivari*, no *Nain Jaune* e no *Figaro.* Como a sua collaboração no *Figaro* tomasse um aspecto de *satyra* á familia imperial, a administração desse jornal exigiu a sua demissão. Sabe-se o enorme successo que obteve depois, fundando a *Lanterne.* Ao 11° numero deste jornal teve que fugir para Bruxellas, após diversos duellos com Paulo Cassagnac, com o principe Achilles Murat e com Ernesto Barocle. Eleito deputado de Paris, e atacando o imperio, foi conduzido a Sainte Pelage. Liberto, fez parte do governo da Defesa Nacional, onde ficou pouco tempo; após a creação de um novo jornal, *Mot d'Ordre*, demittiu-se de membro do governo e de deputado. Combateu Thiers como antes combatera Napoleão. A Communa deportou-o para a Nova Caledonia, de onde se evadiu quatro mezes depois. Em seguida ao armisticio voltou á França, fundou o *Intransigeant*,

hostilisou Dreyfus. O seu ultimo artigo sahiu na *Patrie*, intitulado: «Clémenceau à l'Elysée».

Soffrendo de uma lesão nos rins, Rochefort ia todos os annos repousar em Aix-les-Bains. Na Avenida Marie alugára uma bonita casa denominada «Villa Surprise», onde se recolhia com os seus dois criados, o seu cão e o seu papagaio. Sua mulher nunca abandonava Paris.

Apezar de aristocrata, foi o idolo da multidão. As suas chronicas eram lidas pelo povo e eram apreciadas pelos seus inimigos. O *boulevard* adoptára os seus *mots* terriveis. Lançava palavras espirituosas com a mesma facilidade com que vituperava um desaffecto. Era um violento que amava a plebe, os quadros hollandezes, os livros classicos e que sabia de cór Victor Hugo, de quem fôra intimo amigo.

Os adversarios de Henrique Rochefort não o pouparam nem depois de morto. Um testamento á guisa de *De Profundis* anda em venda por todo Paris, obra de uma exquisita perversidade, mas de espirito perfeitamente idiota. Transcrevo aqui algumas partes desse documento, como curiosidade, mas sem lhe dar o valor que não merece. Quando esse testamento fala nos legados de Henrique Rochefort, di-los assim:

Je legue, donc:

1· A todos os meus *credores*, uma antiga collecção da *Lanterna*, comprada por trinta soldos, no cáes;

2· A *Clémenceau*, antigo ministro, novamente patriota e *homem livre*, a historia de como *deixei à ingleza*, em 1870, o governo da *Defeza nacional*;

3· A *Briand* e a *Viviani*, socialistas fingidos, a historia da maneira pela qual *deixei â ingleza*, em 1871, os *combatentes da Communa*;

4· A *Millerand*, transfuga do *Partido Socialista*, a historia de como *deixei à ingleza*, depois que votaram em mim, os eleitores de *Belleville*;

5· A *Jaurès*, o *burguez revolucionario*, um bonito *camaleão* que me ensinou a arte de mudar as côres da minha opinião e que poderá servir para o mesmo fim ao cidadão *Hervê*.

6· A *Picquart*, ex-ministro da Guerra, a *bandeira* que um celebre general trouxe ao meu domicilio, por occasião do caso Dreyfus;

7· A *André Vervoort*, meu genro, a narrativa da viagem de *Numéa*...cheia de notas que poderão servir-lhe;

8· A *Joseph Reinach*, meu livro intitulado: *Os pequenos mysterios do Hotel des Ventes*...onde verá que sou ainda mais judeu que elle:

9· A *Deroulède*, meu *Soneto à Virgem*, para lhe ensinar a versificação;

10· A's *Congregações*, minha *semvergonheza* len-

daria e minha penna...babosa...Infelizmente é **bem** velha e é uma penna de ganso;

11· Emfim, a todos os *jovens escriptores politicos*, o exemplo de uma *existencia fiel ás minhas opiniões* e o espectaculo de uma boa morte, no *berço* da *religião*, com o *Paraiso* do outro lado!

Feito em Paris
Por copia conforme
O reverendo de serviço
E. Troncek, ex-maire de Moll.

AVENTURA CAMPESTRE

Quando chega a primavera, deixa-se com a alma transbordante de projectos os rumores civilisados dos *faubourgs*. Parece que a permanencia nos acanhados aposentos e nas ruas popularissimas predispõe o espirito ás alegrias da liberdade.

—Vamos a Saint-Cloud, convidou-me Arnaldo Guimarães—aos *coteaux* que completam uma serie de paisagens maravilhosas e donde se descortina Paris, toda a *banlieue*, toda a geometrica sinuosidade do Sena. De Saint-Cloud partiu Santos Dumond para fazer a volta da Torre Eiffel. Acompanham-se de lá todas as manobras de Issy-les-Moulineaux.

Tomámos o trem na estação São-Lazaro, ás 11,55 da manhã. Podiamos ter ido pelo Sena e, em seguida, pelos *tramsways* de Saint-Cloud-Pierrefite-Saint-Denis ou da Porte-Maillot-Saint-Cloud-Val-d'Or. A viagem pela linha Saint-Lazare-Moulineaux abria tambem vis-

tas dignas do melhor proveito. Infelizmente durante metade do caminho tivemos á nossa esquerda um comboio que marchava com força igual a daquelle em que iamos. Logo que saimos do tunel de Baignolles, fomos costeados pelo trem em questão. E breve, dum vehiculo para outro, os passageiros falavam-se, agitavam chapéos e bengalas, agitavam lenços.

—Onde vai?

—A Maison Laffite!

—*C'est gentil!*

—Ha corridas em Auteuil!

—Prefiro o Bas-Meudon.

—*Et Suresne, alors?*

—*C'est merveilleux!*

—*A bientôt!*

—*Bonne chance!*

As linhas afastavam-se, agora, velozmente. Atravessamos um braço de rio e os dois trens se separaram definitivamente.

—*Bécon-les-Bruyéres! Bécon-les-Bruyeres!*

O grito do empregado no silencio duvidoso... Portinholas fecharam-se, a locomotiva silvou. E então desfilaram as aldeias rosadas, os chalets brancos como velas de gaze, os jardins cheios de flores e de vestidos de mulheres. O ar e a luz dos caminhos estavam cheios de sonoridades primaveris. Unicamente, as vezes, uma baforada de fumaça dirigia contra nosso olfato o odor

acre do carvão de pedra. A partir de Courbevoie e de Puteaux, appareceram as villas pomposas que em Suresnes-Longchamp adquiriam aspectos principescos. Por toda a planicie e pelas colinas pululavam pimpantes moradas. Emfim chegava-se:

—*Les Coteaux!*

Descemos sem mais avisos e tratamos de confeccionar o programma das nossas horas: primeiro um passeio por sobre a relva, ás bordas do rio ou através do bosque; depois o descanço e o almoço no chão, sobre toalhas estendidas ou nos albergues pitorescos. Tudo isto tem, porém, muita poesia, se ha mulheres e homens, juntos. Quando os homens estão sós ou quando só está o femeaço, o enfado não tarda a se manifestar. Abandonamos a estação de Coteaux já com um vago arrependimento desse passeio solitario. Descemos uma rua em declive, direita ao Sena. Diante de nós uma ponte e o cáes, até Bellevue, dum lado. Era tão bello, aquelle cáes, com as suas enormes acacias que se inclinavam graciosas, por sobre as aguas, procurando beija-las!... Os pares desfilavam, vagarosamente. Amorosos beijavam-se, sentados em bancos. E, pela outra margem do rio, circulavam cavallos, automoveis, motocyclos...

Ah! o encanto daquelles pares *bras dessus, bras dessous*, que levavam as cabeças inclinadas como para caricias eternas! Quando atingimos a metade do cáes

Presidente Carnot, tive a franqueza de convidar Arnaldo Guimarães para uma conquista feminina. Disse-lhe:

—Procuremos raparigas...

Arnaldo, como parisiense, retorquiu simplesmente:

—Se quizeres...

Não tivemos muito trabalho nem muitos passos a dar. Sentados sobre o capim e com os vestidos meio arregaçados, dois exemplares raros de belleza campestre...

—*Tiens! Notre affaire!*

Um dos exemplares raros de belleza campestre se poz logo de pé:

—Bom dia, jovens...Passeiam comnosco?...

Aquelle exemplar de belleza campestre falara antes que tivessemos falado. Como, porém, desejassemos companhia, fui ligeiro em responder de um folego:

—Passeemos, almocemos juntos...

Bateram palmas como duas louquinhas.

—E' verdade que nos convidam a almoçar? Almoçar! Almoçar!

E exclamavam isto como se nunca houvessem almoçado. Demo-nos os braços. Todas de branco e de chapéos de palha branca com fitas azues, as raparigas eram pittorescamente encantadoras. Uma dellas, infelizmente, possuia essa abundancia de vocabulo tão frequente nas mulheres e tão desesperadora para os homens que as acompanham...Em dez passos a minha

esposada pronunciara certamente duas mil palavras, baralhando assumptos com um cinismo machiavelico, pondo o nome de Judas ao lado de Poincaré, o de Nossa Senhora ao lado de Jane Harding, galrando da guerra proxima, dos balões do parque de Aerostação, da policia do sr. Hennion, da moda feminina, do terraço do *Splendid-Hotel*, de Chatelguyon (onde aliás nunca estivera). Eu estava apavorado e maior foi o meu castigo quando lhe disse que «a manhã se achava deliciosa para um idilio e que a primavera...»

—Oh! a primavera! interrompeu-me. A primavera...dominio das flores...suspiros das arvores...renovamento das colheitas...Os passarinhos trinam gorgeios melancholicos...

—Basta! suspirei afflicto.

Como ficasse toda zangada, pensei que fosse chorar.

—Porque está triste? argui.

—Porque o senhor não conhece minha vida...

Não faria questão de a conhecer, longe disso!

Por delicadeza respondi:

—Conte-m'a, se lhe faz prazer...

E ei-la a garrir:

—Nasci em Concarneau...e vim pequenina para Paris...e vim para Paris, porque atirava pedras aos telhados dos visinhos...e em Paris estou sem trabalho...

—E em Paris continua a jogar pedras aos telhados dos visinhos?—indaguei.

—Não—respondeu-me. Em Paris vivo no campo...estou sem emprego... *Quelle barbe!*

Aquella rapariga positivamente era uma grande idiota. Tive de subito medo de que em dado momento se abaixasse e, empunhando um tijolo, me quebrasse a cabeça. Chamei Arnaldo Guimarães.

—Então, como vai isto?

—A's mil maravilhas! Henriqueta é uma ex-pucella graciosissima...

—Chama-se Henriqueta?...

E como não sabia ainda do nome da minha nescia, indaguei-o, curioso.

—La Kernac Keal!

Um nome bretão...Empallideci...Arnaldo Guimarães afastou-se com Henriqueta e os dois pareciam trocar ternuras. Embora esbelta de corpo e de physionomia, La Kernac Keal possuia confragosidades intellectuaes. Pensei dar-lhe um presente ali mesmo e manda-la ao diabo. O pudor e a piedade contiveram-me. Atravessámos a ponte de Saint-Cloud, batemos a campina durante meia hora e sentimos fome. O meu excellente Arnaldo desesperava-me com o seu todo de felizardo.

—Henriqueta vale o que pesa! participou-me a

rir, quando nos sentamos em torno da mesa dum restaurantesinho á beira do rio.

E almoçamos com muito appetite, plenos de humor todos os quatro. Effectivamente a parvoice de La Kernac nos tornava joviaes. Após ingerir a sobremeza, um café e um licôr Scherry, levantámo-nos e reatamos a digressão, maravilhados da harmonia estetica dos chalets de Saint-Claud, já outrora a cidade da elegancia imperial. «E hoje os habitantes dos *coteaux*, verdadeiro oasis de sól e de verdura, vendo os esphericos se elevarem no parque do Aero-Club, os dirigiveis militares evoluirem por cima de Issy, as flexas aladas dos aviões cortarem as nuvens, concordam em que os progressos do presente não fazem mais do que se unirem ás graças do passado.» Corremos as avenidas tristonhas, bordados de *villas* silenciosas, nas quaes só pareciam existir os latidos dos cães; tivemos a pachorra de, de cima duma colina dominadora, acompanhar as peripecias dum pareo que se disputava nas corridas de Longchamps. Alfim, fatigadissimos, deitamo-nos na relva, como bons burguezes que amam o seu domingo.

La Kernac Keal divertia-nos immensamente. Mais duma vez tive que intervir, para lhe prohibir que subisse ás arvores. Embora entrevisse dali um panorama assás pittoresco, a hypothese duma quéda, com as suas consequencias, produzia-me calafrios.

—Está sempre irriquieta, contava-nos Henriqueta.

Ha duas semanas, passando pela ponte Alexandre e vendo um cachorrinho ao alcance das suas mãos, projectou-o n'agua. Em seguida se poz a soluçar e a policia teve que a levar da ponte...

Henriqueta contou-nos ainda que La Kernac descendia de paes alcoolatras. Tivera convulsões quando pequena.

Ao entrarmos, pelas cinco da tarde, no Bosque de Boulogne, na extremidade de Longchamp, procurei, muito apiedado, ser aprasivel á minha companheira. Ella,porém, conservava-se immutavel. Uma unica preoccupação parecia absorve-la: a de dizer asneiras.

—Porque não se porta como Henriqueta, meu bem?...

—*Ça vous fait du tort?*

—De certo que não, mas...

—Não ha *mas* nem meio *mas*... Oh! os homens!...

Depois de muito clamar contra o egoismo daquelles que tomavam os empregos das mulheres, segurou-me as duas mãos:

—Oh! insignificante, insignificante canalha, perdôa-me, sim?...Estou tão contente do bosque, das arvores, da campina, de todo mundo!...O meu contentamento se trae na maldade das minhas palavras!... Quando é que iremos a Petrogrado?

Aquillo lhe viera como tudo que vinha da sua cachola...

—No outomno, respondi acquiescendo.

—No outomno?...Estarei viva, no outomno?

Attingiamos uma encruzilhada, onde se bifurcavam as estradas de Neuilly, de Maillot, de Auteuil, de Passy, da Muette. Cançados, para tornarmos á cidade, requeriamos um carro. Mas La Kernac opoz-se tenazmente a essa sorte de conducção. Abominava o carro, preferindo a bicycleta. E por conseguinte, a respeito de carro ou bicycleta ficamos a discutir em plena encruzilhada. Em dado momento, encolerisamo-nos, dispostos a repudiar a satanica La Kernac Keal.

—Não e não! grunhia a bretã...Não partirei de carro...

A rapariga, no emtanto, era bonita. O seu corpo despertaria um frade de pedra. O seu cerebro, apezar disso, estragava tudo.

—La Kernac, paciencia... Deve concordar em que não nos é possivel arranjar aqui uma bicycleta, quatro bicycletas...

Approximava-me della, procurando seduzi-la. Sempre inflexivel, acabou por se sentar no chão, tal qual seis horas antes, quando a encontraramos, de vestido meio arregaçado. Nunca succedera commigo, aventura semelhante. Em seis horas de camaradagem eu e La Kernac estavamos tão distantes um do outro como dois exercitos combatentes, em acampamentos, comtudo, proximos.

—O dia começa a escurecer, La Kernac!... Daqui a uma hora perder-nos-emos no bosque... Vamos embora!...

—De bicycleta!...

E que quere a leitora? Em transes tão fastientos o homem é sempre o mais fraco. Acabei vencido. Tomei um automovel, fui alugar um *velo* á meia hora do logar em que estavamos e voltei montado nelle.

A La Kernac, porém, não mais apetecia a bicycleta. Agora acceitava um carro. E como na floresta os carros se fizessem raros, caçámos a muito custo uma tipoia de dois assentos que corria pela estrada de Neuilly. Nos dois assentos ficaram Henriqueta e Arnaldo Guimarães. Na boléa, ao lado do cocheiro, plantou-se, risonha, La Kernac Keal! E eu...que nesse dia fui perante os deuses um inanido calaceiro...eu acompanhei a tipoia, montado na bicycleta desdenhada pela bretã...suando desaforos...entanguecido a ouvir como chicotadas os gargalhares confragosos de Arnaldo e Henriqueta...

E da experiencia desse passeio ao campo, uma deducção tirei: nunca pessôa alguma se deixe corromper pelas ancias de certos momentos sentimentaes. Quando um homem desejar um ente de outro sexo que se apoie ao seu braço, tenha cuidado na escolha, quando essa escolha tiver logar sobre a relva...As profundas idiotas occultam-se sempre nos physicos admiraveis...

RIO—PARIS

Tudo faria do Rio uma cidade monumental se a sua paisagem intima não fosse tão excessivamente monotona. Sua população nunca vae á rua—e quando vae, é por pouco tempo—o opposto da população parisiense, que amanhece e vive nos boulevards, come nos restaurantes, dá emfim á grande metropole um movimento de grande capital. E' que, na Europa, as massas são obrigadas a permanecer fora das suas moradias, pelo facto de trabalharem. Na familia européa os fracos não gostam de ser parasitas dos fortes. E as mulheres não se acostumam, como nas nossas terras, a se estirar nas espreguiçadeiras e esperar, com bocejos, a hora em que o homem volte da labuta, trazendo dinheiro ou trazendo presentes.

Que seria do Rio de Janeiro se o trabalho fosse encarado ahi como a mais honesta das obrigações? Haveria tres vezes o numero das casas commerciaes

existentes agora; haveria mais dinheiro em circulação, mais alegria, mais ruidosidade. A avenida Rio Branco e as outras congeneres possuiriam um movimento muito maior. A rua Carioca seria o que a rua Reaumur é para Paris: centro do commercio secundario — constante vai-vem de caixeiros apressados. O largo de S. Francisco seria o que a praça da Republica é para Paris: encruzilhada das grandes correntes de obreiros de todos os officios. A praça Tiradentes seria o que a praça do Louvre é para Paris: um deslumbrante centro de pessoas diligentes, ao lado de um deslumbrante encontro de vehiculos diligentes. As ruas do Ouvidor, Rosario, Alfandega, S. Pedro, Gonçalves Dias, Uruguayana e Assembléa passariam a ser o ponto dos *cafés-brasserie*, das casas de cançonetas, das entrevistas dos amantes joviaes. Então, para complemento, avenidas a abrir teriam aspectos de boulevards...

Afim de condensar a sua população, o Rio tem necessidade de casas mais altas. Se o centro da urbe fosse composto de edificios de seis andares, se em cada andar residissem duas ou tres familias, se em cada familia de cinco pessôas tres se entregassem ao labor, todo esse povo, descendo á rua, indo, vindo, comprando, movimentando-se, vendendo, organisaria essa agitação popular que faz as grandes cidades differirem das aldeias e das villas de provincias. Mas o carioca não se move, é indolente, não vai ao theatro, não vai

ao *music-hall*, vai sómente aos cinemas, não vai ás exposições artisticas, não vai ao campo, não frequenta as corridas, não possue philosophias. A sociedade de Botafogo, na sua perfumada exuberancia, é uma sociedade simples.

Botafogo, no Rio-Paris, seria o *faubourg Saint Germain*, Leme-Copacabana seriam o bairro de *Etoile*, o Catette seria o *Quartier Monceau*, a Praia do Flamengo teria o valor aristocratico da Avenida do *Bois*. Por emquanto, todos estes bairros não passam de pousos monotonos dos mais abastados indolentes de uma capital de indolentes. A raça que povoou este canto da America do Sul perdeu o seu fogo ao contacto do indio e do negro, ao affago das palmeiras. Produziu individuos melancolicos, atrabiliarios e hypocondriacos. *Des jolis messieurs*—como me dizia Eugenia Buffet, numa noite em que se exhibiu victoriosamente no *Olympia*.

—«*Mon Dieu!* — accrescentava a impertinente cantora—«*Ces bresiliens me font l'effet de gamins eternellement tristes de ne pas avoir de la galette pour des bonbons*»...

E era uma verdade relativamente causticante, aquella pronunciada pela Buffet. O brasileiro jámais se confunde com o europeu, tão estouvadamente arrebatado. O Rio de Janeiro reflecte, no seu todo, a alma dos seus filhos, indecisa, um tanto de malandragem. E, en-

tretanto, a grande Sebastianopolis, exteriormente, merece quaesquer elogios. Tem uma paisagem e contornos esplendidos. Tem as avenidas á beira-mar, a Guanabara maravilhosa, arrabaldes rivaes dos de Meudon, Saint-Cloud, Vincennes, Versailles e Charenton. Tem as mais lindas mulheres do mundo, as mais ducteis morenas, creaturas formosas, de linhas fidalgas. Falta-lhe, porém, a alegria crepitante, o gosto do trabalho, a ancia de viver e de gozar...

O FORTE COCHON

A condessa Antonia de la Rochefoucauld morava, com o marido, numa *villa* do boulevard Lannes, no bairro de Passy. Havia, porém, entre ella e a proprietaria da casa, um grande desaguisado. Certo dia a senhora de la Rochefoucauld resolveu mudar-se e como o seu chalé ainda estivesse alugado por desoito mezes, fez vir ao seu domicilio o cidadão Cochon, presidente da liga dos sem-abrigo e disse-lhe:

—Cidadão Cochon, póde transportar para a residencia que abandono, as familias que quizer. Só assim alguns pobres desabrigados encontrarão um tecto durante dezoito mezes.

Cochon arranjou immediatamente oito familias em plena miseria. Havia um atelier no *cottage* da condessa e Cochon arranjou um pintor para o habitar. Um bello domingo 35 crianças, com os respectivos progenitores, mudaram-se para a casa do boulevard Lannes.

Foi uma festa tocante e inimaginavel. A condessa abriu 25 garrafas de champanha, pagou almoços para todo aquelle mundo.

Ç'est un vrai decor de théatre
Boulevard Lannes, à Passy
Que ce petit hotel bleuatre
Et c'est bien un theatre aussi.

Trente-cinq enfants, huit ménages
Sur deux étages seulement
Y figurent des personnages
Dans le plus affreux dénument.

Mas de subito a proprietaria do edificio appellou para o governo afim de obter uma ordem de expulsão contra todos aquelles sevandijas. Os abrigados não admittiram, porém, que a lei lhes tirasse a residencia que a Sra. condessa lhes houvera dado. E após o forte *Charbrol*, Paris possuiu o forte de *Lannes*, ou como se diz, popularmente, o forte *Cochon*. Um mandado do presidente Monnier estabeleceu que a evacuação do chalé se fizesse incontinente. Os amigos do cidadão Cochon prepararam-se para receber a policia. A grade do jardim foi trancada, a entrada do domicilio obstruida, a grande porta barricadada. Barras de ferro fo-

ram encostadas ás paredes, pranchas installadas nas janellas do rez-do-chão. A praça estava bem defendida, tão defendida que os defensores ficaram prisioneiros lá dentro. Os homens desciam á rua por uma corda de nós, que partia do primeiro andar, mas as mulheres e as crianças eram constrangidas a ficar nos quartos. A multidão espiava da rua. Vinha-se visitar o forte Lannes como uma curiosidade, como um phenomeno. Turistes em automovel e bycicletta estacavam de nariz ao ar. Esperava-se o acontecimento, o grande e extraordinario acontecimento: a expulsão. Os infelizes hospedes estavam condemnados.

Car la loi etait leur ennemie.

A condessa Antonia tentava explicar a razão de seu gesto altruista:

—Não quiz exercer nenhuma vingança — dizia ella a todos os jornalistas. Pensei que seria crime deixar vasio um local confortavel, emquanto tanta gente pobre ignora onde dormir. Sou christã e cumpro um dos deveres da minha religião. Corre que me quiz vingar de minha proprietaria. E' falso. Em começo deste anno a Sra. Verone collocou na fachada do meu *hotel*

um annuncio de venda. Semelhante proceder me pareceu um pouco lesto. Vinham diariamente a minha casa dezenas de pretendentes. Appellei para a justiça e não fui attendida. Então, para evitar um conflicto, resolvi mudar-me; e como tinha ainda dezoito mezes diante de mim, fiz o que todos já sabem...

Quando averiguou que os hospitalisados se barricadavam, a policia estremeceu. O prefeito ficou de cabellos arrepiados. Passaram-se os dias.

Et voilà trois jours que ça dure
Et l'on se demande vraiment
Comment finira l'aventure,
Quel en sera lè dénouement?

Le dènouement. C'est la police
C'est le commissaire, l'huissier,
Qui tantôt entreront en lice
Ã moins que ce soient les pompicrs!

A's 6 e 35 da manhã do dia 28 de Julho, quinta-feira, um commissario appareceu no boulevard Lannes, seguido por grande escolta. As janellas do «forte Cochon» conservavam-se cerradas. De repente uma dellas se abriu. O commissario exclamou:

—Ouvem-me de lá de dentro?

Uma voz respondeu:

—Sim...

O commissario continuou:

—Dou-vos dez minutos de reflexão. Venho aqui para fazer com que a lei seja respeitada. Ou sahirão de bôa vontade e prometto que receberão soccorros, ou os expulsarei á força...

O commissario commandou, quando se escoaram os dez minutos:

—Ao assalto...

Com um enorme madeiro que servia de catapulpa, os agentes arrombaram o portão, atacaram as janellas. Varias detonações...Todo mundo ficou de pé, a se olhar, medrosamente. *Pas de blessés*...Tumulto indescriptivel: louça quebrada, uivos de cães, gritos de agonia, choro de crianças...As detonações succedem-se, espaçadas: tiros de foguetes, inoffensivos. O inimigo assenhoreia-se da fortaleza. O cidadão Cochon apparece por milagre. A Sra. de la Rochefoucauld chega milagrosamente.

—Que fazem dos meus pobres?—brame a condessa. Não esqueçam que Jesus pune as maldades dos homens...

Um garoto exclama:

—Meu Deus, quando?...

Outro garoto exclama:

—Meu Deus, é hoje!...

O commissario communica á madame que a policia tomou provîdencias em favor dos seus protegidos, della. A condessa recusa:

—Offereço-lhes hospitalidade no meu castello de Bougival...

—*Vive madame la contesse!*

—*Vivöôôô!!!*

Os agentes começaram a mudança. Quatro transportes esperavam na rua. O cocheiro dum destes transportes discursou:

—Os agentes mudam, que chic!...E o meu pobre cavallo! Sabem quem é ?...E' *Toulon*, o antigo cavallo do Presidente da Republica, tantas vezes atrellado ao landô de Fallières e que Troude vendeu ao meu patrão, ha algumas semanas. Mudança de protegidos da condessa de la Rochefoucauld...feita pelos agentes de policia...e levada em carroça puxada pelo cavallo do presidente da Republica...*Mince, alors!*...

A's 3 horas da tarde os protegidos da condessa chegavam a Bougival. O castello de la Rochefoucauld está isolado numa pequena colina de S. Miguel de Bougival, proximo da gare de Louveciennes—situação maravilhosa para uma vilegiatura. A heroina desse escandalo revolucionario assemelha-se á celebre de la Rochefoucauld...como uma gotta de agua se assemelha a outra: o mesmo sorriso largo, as mesmas maneiras desenvoltas.

Loira como uma fada, tinha a condessa antigamente um fraco—fazer versos: e agora teve o seu forte—o forte Cochon...

ESTAÇÃO MORTA

A *estação morta*, que dura de maio a setembro, significa paralisação de commercio, fechamento de officinas, chegada de grande numero de estrangeiros. Contraste magnifico! De um lado, americanos, inglezes, argentinos, austro-hungaros, toda uma enorme população de ignorantes e de vaidosos. De outro lado, uma multidão de vinte mil raparigas sem trabalho. A *morte saison* causa males sobretudo ás floristas e ás plumistas. E eis a este respeito um pequeno trecho de Gustavo Tery: «A *midinette* é o contrario das cigarras. Feliz no inverno, emquanto trabalha, acha-se desprovida quando chega o verão. O estio é a féria, com todas as vis tentações da rua.»

Terrivel differença existe entre o inverno e o verão parisienses. Escolas e camaras têm no verão as portas cerradas. A meninada vai á provincia respirar o ar puro dos campos. Todo aquelle que vive de rendas ou tem

uma situação menos má, bate as plumagens para a campina ou para a praia. Os estrangeiros, no entanto, só procuram Paris nesses mezes de arredio. Vêde: aqui, gente que soffre e que pede trabalho e que almoça batatas fritas e brôa vendida a peso: ali, gente que dissipa de mil a vinte mil francos diarios e que se adorna sem nada ter gosado. Uns róem as unhas, desesperados; outros riem e bebem champanha. Emquanto uns pensam na maneira de ganhar dinheiro, outros pensam na maneira de gastar.

Durante esse tempo os cancioneiros fazem canções e as canções descrevem a *morte saison.*

Canta, canta, pequena doida,
Canta, canta, pequena amiga,
Se não trabalhas, não ganhas;
Canta, canta, pequena doida,
Vai au faubourg, tant pis,
Ou, então, vai a Montmartre,
Com o rosto branco de cal
O coração negro de dor...
Canta, canta, pequena amiga,
Canta, canta, pequeno amor...

A *pequena doida* vai de casa em casa, *de atelier* em *atelier*. Veste o seu traje muito simples, balança,

esplenetica, o sacco onde esconde o almoço. De repente, em pleno Paris, encontra uma companheira tambem despedida. E as duas passeiam juntas. Que dizem ellas? Narram simplesmente a miseria que vai no lar: o pai, ao Deus nos acuda...a irmã, no hospital, tratando de uma entorse. Comtudo (continuo a me guiar pelas canções) ellas têm nos bolsos alguns vintens. Sentem-se attrahidas por um grupo, na rua. Populares ouvem um homem que canta e que vende cantigas. A *pequena doida* pára, porque ama a musica e acompanha as phrases da cantiga, primeiramente baixo, depois mais alto e, emfim, em tonalidades de cantos. Entrega ao cancioneiro os seus ultimos soldos, recebe uma canção e se põe a decora-la:

> Canta, canta, pequena doida,
> Canta, canta, pequena amiga,
> Se não trabalhas não ganhas;
> Canta, canta, pequena doida.

Tal a *morte saison*, com os seus risos e cançonetas lugubres. Tal a época dos amores sordidos e das loucuras ardentes. Tal o estio.

DEMOLIÇÕES

Ah! Paris adoravel, Paris flammejante, Paris das artes e das mulheres, Paris do crime! Eu o vejo, eu o sinto perto de mim, do meu novo apartamento da rua de Parma, junto a essa irrequieta praça Clichy, situada em pleno coração de Montmartre. Descortino a Butte e o Moinho da Galette, que se destaca do nevoeiro como um signal de luz e vicio. Pobre Moinho da Galette, querem demoli-lo!...

Systematicamente, desde muito, a picareta dos demolidores anda desmoronando o bairro dos *apaches* e das canções. Mas Poulbot, á frente dum bando de revoltosos, organisou a guerra santa. «Defendamos Montmartre!» E fez do Moinho da Galette o quartel-general dos reaccionarios, collocando pintores armados á porta da casa de Gabriella d'Etretat.

Esta casa, meio carcomida, mal se sustenta de pé. Vê-se ainda o balcão onde Gabriella conversava com

o seu rei e namorado. As trepadeiras, muro acima, esgueiram-se voluptuosamente, procurando attitudes sensuaes. As andorinhas fazem ninho, no tecto. As pombas voam. E é esse sanctuario que evoca todo um passado de fidalguia e de amores, que a municipalidade destruirá para erguer edificios altos, com elevadores e electricidade, esquentados artificialmente e habitados por burguezes quietos. Tragedia civilisadora que não respeita ruinas! Querem até derruir *Saint-Julien-le-Pauvre!...*

Saint-Julien-le-Pauvre é a velha igreja romana onde se celebravam os officios do culto grego. Em domingos tristonhos, quantas vezes fui admirar a missa cantada pelo archimandrita de *Saint-Julien!* Um prazer sereno e real impelia-me a esse pequeno templo de ar camponez, hoje já fechado. E gostava de ver as mamãs que faziam estardalhaço com os seus petizes, á sahida da sachristia da rua Galaside, em busca do *square* proximo.

O francez parece ficar indifferente ás demolições das suas reliquias. A idéa do derrubamento do Moinho da Galette só encontrou protestos entre os artistas moradores na Butte. Esta, a Butte verdadeira, o Montmartre verdadeiro, vae ter o mesmo fim da capital de Napoleão III. A picareta desrespeitadora talhará no seu dorso xadrezes monstruosos. Sómente, no reinado do homem de Sedan se trabalhava em terreno plano. Unia-se o Louvre ao Hotel de Ville, o boulevard

do Templo á barreira do Throno, a Magdalena á Plaine Monceau. Em Montmartre a coisa será mais difficil, porque todo o bairro está assentado numa colina, as ruas são em zigue-zague; as arterias serão alinhadas com immensas difficuldades...

Pudessem taes difficuldades impedir os desaparecimentos do Moinho e da casa de Gabriella d'Etretat...

NOTAS SOLTAS

Um brasileiro cujo nome ignoro, habituado de Paris, esqueceu, no café *de la Paix*, uma carteira de notas de viagens, da qual, muito gostosamente, arranquei as seguintes paginas:

*
* *

O meu amigo Mauricio Prax contou-me algures a seguinte aventura:

Certa dama, em certo salão, falava de um dos seus melhores amigos.

—E' um homem excellente! dizia ella. Espirituoso! Elegante! Joga admiralvelmente o *tennis*...

Após este preambulo, ajuntou:

—Infelizmente teve ha muitos annos uma pessima aventura...

—Ah! Ah!... Que aventura? perguntaram as pessoas presentes.

—Como?. . .Não sabem? continuou a dama. Esse pobre amigo foi condemnado a seis mezes de prisão por bancarrota fraudulenta...

Era falso; mas, num salão, é preciso que se diga alguma coisa.

—Vejam! Vejam só!... reparou o auditorio, contente.

E passou-se a um outro assumpto, a um outro amigo, que, sem ter sido condemnado, devia possuir alguma tara, como todos os amigos de quem se fala em conversa.

Ora, o honesto senhor a quem a dama attribuira a bancarrota fraudulenta, soube da calumnia, entrou numa colera violenta e fez algo de absolutamente inaudito. Nem esbofeteou o marido da senhora, nem lhe enviou cartas anonymas injuriosas. Queixou-se friamente á justiça.

A deliciosa Mme. X...desmaiou de commoção e de horror. Que! O Sr. Z. tinha a audacia de a perseguir porque declárára simplesmente entre uma taça de chá e uma polka que elle estivera em prisão! Este Sr. Z, positivamente não sabia viver!

Mas o juiz de paiz tudo arranjou, *condemnando a dama* a uma pena infamante e dura, a nove soldos e meio de multa... E levando a audacia aos limites do cynismo, esse magistrado sentenciou contrariamente a

todos os usos que, *mesmo num salão, ninguem devia dizer mal do proximo*...

*
* *

Emilio Olivier, antigo ministro de Napoleão III, morreu a semana passada, em Saint-Gervais-les-Bains. No seu retiro da Provence, o velho indomavel continuava a escrever as *Memorias*, que são um attestado do espirito desse homem a quem Goudichaux, ministro de 48, dizia calmamente:

—Rapaz, você é um grande intrigante. Tome cuidado em não se tornar outra coisa...

Emilio Olivier foi em verdade um grande intrigante. As suas *Memorias* realçaram a popularidade que sempre o perseguiu. Os desastres da França, em 1870, quase que nada têm servido para a sua rehabilitação. Elle dizia no tempo dos «Cinco», em 1867:

—Serei o espectro do homem do 2 de Dezembro...

Quando Napoleão III, enfraquecendo, mostrava decadencia, Olivier dizia:

—Dar-lhe-ei uma velhice repousada...

Todos os seus *mots* foram desmentidos pela historia. Uma vez, por occasião de certas eleições, sob a segunda republica, no governo de Ledru-Rollin, encontrou-se com o director do *Siècle*.

—Apresenta-se como candidato ? perguntou-lhe este ultimo.

—Nunca acceitarei um papel na comedia que se representa no Palais Bourbon!—respondeu Emilio.

Uma hora depois annunciava-se a sua candidatura.

. Casou-se pela segunda vez, ao ser ministro do Imperio Liberal.

—Após a republica, ei-lo que esposa o imperio!...

Edmundo de Goncourt conta a seu respeito a seguinte historieta. Uma vez Napoleão III exigiu que Olivier lhe repetisse com toda franqueza o que se dizia sobre o seu governo. Embaraçado, o ministro confessou que se dizia que as faculdades do imperador estavam diminuindo.

—Ah! exclamou Napoleão III com impassibilidade, os relatorios da policia affirmam tambem o mesmo!

Executor testamentario de Lamartine, Emilio Olivier conservava ineditos do auctor do *Jocelin* e particularmente um vasto numero de cartas que nunca publicou devido ao seu caracter confidencial. Até pouco tempo, dava recepções, regularmente, na sua pequena casa da rua Desbordes-Valmore. Em 1857 casára com Blandine Liszt, filha do celebre pianista, cuja irmã era mulher de Ricardo Wagner. Os dois cunhados foram intimos até ao anno terrivel. Romperam relações após a attitude violenta e grosseira de Wagner, depois da capitulação de Paris. Nas memorias de Wagner se encontra o

melhor retrato que se tem traçado de Emilio Olivier, formidavel inimigo de Rochefort.

*
* *

Falemos um pouco do extraordinario Brindejonc de Moulinais, o horóe do *looping-the-loop* aéreo através do norte da Europa, por Berlim-Varsovia-Dvinsk-Petrogrado- Stockolmo-Copenhague-Haya-Compiegne-Paris.

A fabulosa viagem de Brindejonc durou vinte e um dias. De Moulinais percorreu 5.000 kilometros, atravessou sete paizes e aterrou em sete capitaes. Dos 5.000 kilometros percorridos, 3.000 foram através de regiões desconhecidas e 500 sobre o mar. Fica-se estupefacto. Mas Brindejonc de Moulinais é francez e é bretão. Aterrando em Berlim, após fazer 180 kilometros á hora, impellido pela tempestede, os aviadores allemães tomaram-no por louco quando souberam que continuaria a viagem naquelle mesmo dia, sempre com a tempestade pela prôa do avião. A confiança, porém, dos vinte annos do joven passaro, era desmesurada. Com a sua audacia, foi o primeiro que ligou pela via dos ares Paris a Petrogrado, as duas capitaes alliadas, e foi o primeiro francez que voou nos paizes scandinavos.

—No Baltico, parecia-me evoluir em plena noite

conta Brindejonc de Moulinais. A bruma espessa impedia-me de ver. Então, com os nervos distendidos, começava a desesperar, quando de repente apercebi um torpedeiro. Um homem meio afogado que conseguisse agarrar-se a uma prancha não ficaria mais contente que eu. Puz-me a cantar a *Marselheza*, acompanhado pela cadencia do motor...Readquiri a confiança. De novo a bruma me envolveu. Voava sempre sem ver o fim...Era enervante. Subito, pareceu-me distinguir por baixo do apparelho nuvens de algodão que se dissolviam, que vinham e fugiam. Acreditava-me o espectador de uma illusão. E nada de terra...Em dado momento, pensei enlouquecer...Um estremecimento nervoso apoderou-se do meu corpo. A' medida que avançava, essa idéa de loucura se tornava mais nitida. Eu repetia sem cessar: «Vou enlouquecer! Vou enlouquecer!» Depois, como si se suspendesse uma cortina invisivel, o campo sueco appareceu delicioso. E, por uma reacção bem natural, meu coração poz-se a bater desesperadamente...

*
* *

Os amantes de agora não se contentam mais com as palavras suaves: vão ás violencias imperdoaveis do revolver. Antigamente cantava-se á namorada:

Je vous ai rencontrée
Par un jour de printemps.
Laissez-moi vous aimer
Comme on caresse un rêve
Si doucement!
Si tendrement!

Hoje aboliu-se o sentimentalismo e a doçura.

—Amo-te! Não me amas? Bah!...

E mata-se friamente...A Sra. Poekés, gravida de nove mezes, assassinando o marido, alta noite, com cinco balas de pistola, é um exemplo do que assignalo. Citarei ainda esse Portier, que premeditou calmamente a abolição do pae, de accôrdo com a mulher deste; essa camponeza Ursula Massot, implicada em crime quase identico; e vinte a trinta exemplos narrados diariamente por todos os jornaes parisienses.

O caso doloroso do dia é a morte de uma pobre *midinette* da rua da Paz. Chamava-se Luciana Laurent, vivia em companhia da progenitora e encontrava-se com Margarida Desormes, para juntas se entregarem ao vicio que as devorava. Ha tres annos a morphina, a cocaina e o opium eram defeitos exclusivamente aristocraticos. Só as creaturas chics se davam ao luxo de semelhantes suicidios lentos. Hoje, a peste entrou na camada baixa da sociedade, entre as operarias e as pe-

quenas burguezas. Luciana Laurent morreu devido ao abuso de injecções de morphina. Em duas horas tomára quatro injecções de quatro grammas cada uma. Esse caso veiu, mais uma vez, alarmar a policia. E os pharmaceuticos, conseguintemente, soffreram uma vigilancia severa. Num dos bolsos de Luciana encontrou-se esta receita:

Dr. Bourgoin
25, rue Cail

Le 10 mars 1913

H^2O distillé............. 30 gr.
Ch. de morph.......... 1 gr.

Paris, le 10 mars.

Dr. Bourgoin
25, rue Cail (10°).

O medico protector dos morphinomanos foi immediatamente preso. Mas o que adiantará a sua prisão tardia? O veneno lastra avassaladoramente. Em Montmartre conheço etheromanas que bebem *um litro* de ether por dia—escriptores como Claudio Farrere escrevem *Fumée d'Opium*, pessimo livro para as pessôas impressionaveis. O mal está profundissimo e antes que seja extincto, muitas Lucianas Laurent succumbirão estupidamente.

*
* *

O duello de Descossy é o acontecimento curio-

sissimo que tem preoccupado excessivamente todas as rodas politicas desta capital.

Descossy faz parte do corpo medico de Saint-Denis, cujo Conselho Municipal resolveu socialisar todos os seus receitadores. Dahi, em certo jornal, um artigo ironico do socialista Descossy, artigo que provocou um desafio por parte do doutor Wolf, republicano conservador. Descossy, rompendo com os principios da orthodoxia socialista, acceitou a reparação pelas armas...

Decidido o encontro entre elle e Wolf, reuniu-se o Conselho Municipal de Saint-Denis.

—Não podemos tolerar que Descossy se bata. Como socialista, Descossy não se deve bater. Ameacemo-lo de excommunhão! O duello é uma indignidade, uma volta á barbaria...

Supplicou-se a Descossy e este, não temendo excommunhões, respondeu que se bateria.

Nova reunião do Conselho Municipal. Descossy declarado anathema. Ainda mais:

—O duello não se realisará!

—Previnamos a policia!

—Senhores...O socialista é policia de si proprio. Nada de gendarmes. Corramos ao local do duello.

E quando Descossy partia para o campo de honra, buscando o doutor Wolf, encontrou em meio caminho vinte e cinco dos seus antigos correligionarios.

—Descossy, tu não te baterás!

—Bater-me-ei!

—Volta para casa, Descossy. Se deres mais dois passos, quebrar-te-emos de pancadas. Somos vinte e cinco e és um só...

Descossy vio com effeito vinte e cinco punhos dirigidos contra seu rosto. Tendo medo, confessou então que seria selvagem se se batesse em duello...Confessou tambem que os vinte e cinco amigos que o ameaçavam de morte se conduziam como civilisados...

E durante esse tempo o doutor Wolf, hirto, e de pistola engatilhada, esperando-o, apanhava uma forte constipação...

*
* *

E' bastante commum, em França, o caso de uma rapariga receber o aviso do conselho de revisão para comparecer ás fileiras do exercito. No dia do seu nascimento registraram-na, por engano, do sexo masculino.

Mlle. Yvonne-Lucienne Montagne, de Savigny-le-Temple, ia casar-se a 14 de Julho. Tudo estava preparado para o acto official: o vestido branco, convites, encommendas de comestiveis, carros, etc. Mas na vespera da data tão almejada, Mlle. Yvonne foi chamada ao regimento. Imagine-se o desespero dos noivos! Devido ás complicações que surgiram por causa do enga-

no do registro civil, o casamento não se pôde realisar e para se realisar tinham os nubentes que esperar o tempo inconcebivel exigido pelas *demarches* administrativas.

Cada qual, porém, tem a sua infelicidade, mas de maneira differente. Um joven publicista acaba de encontrar a sua numa série de aventuras escabrosas... Prenderam-no como escroc e como vendedor de opium. Durante muito tempo contrabandista, elle passava a fronteira belgo-franceza, guiando um automovel de seis cylindros, dos quaes só dois funccionavam: os outros estavam cheios de mercadorias.

Um dia, conta Wattmann, um dos seus confrades o tomou como testemunha de um duello a pistola.

—Eis aqui duzentos francos para comprar as armas—disse-lhe o confrade.

O joven contrabandista esqueceu-se de comparecer ao campo de honra, no dia immediato. Por falta de utensilios...o encontro não se realisou...

Mais tarde o publicista declarou:

—Preferi gastar os duzentos francos a ser cumplice de um covarde assassinato.

Esse rapaz era positivamente um humorista bem moderno...

*
* *

A semana parisiense esteve quase exclusivamen-

te tomada pelos concursos do *Conservatoire.* Nunca o grande edificio official conheceu jórnadas mais penosas, mais interminaveis. Nunca tambem houve um numero tão consideravel de concurrentes. Isso faz-me pensar nas palavras de Aurelia, na *Fameuse Comedienne*: «Não ha nenhuma rapariga domiciliada em Montmartre que se não preoccupe com o theatro; preferem recitar versos a se divertirem pelos cafés». Urbano Gohier repetiu depois que não são sómente as raparigas de Montmartre, são tambem as de Montrouge, do fanbourg Antoine, da barreira da Italia ou do Montparnô; todas as de Paris e muitas provincianas. «Perguntae-lhes o que esperam na vida; o colar de perola, o automovel vêm em plano secundario; antes de tudo «um typo que as ponha no palco». Explica-se assim a affluencia consideravel de declamadoras aos conservatorios. As mulheres, que se impressionam pelas exterioridades, invejam futilmente as cabotinas reproduzidas em retratos nos jornaes e nos rotulos de sabonetes. Fascinadas pela apparencia dessa vida flammejante, pensam alcançar o triumpho, sem imaginar o reverso da moeda, que é toda a immensa melancholia da ficção enganadora. Ha mais miseria entre as pessoas de theatro que entre os operarios e os funccionarios. As pequenas coristas parisienses ganham dois francos e cincoenta por noite (ao justo 1$500 rs.). E, no entanto, se todas as operarias sonham ser uma noite ac-

trizes, ha comtudo milhares dessas que invejam a tranquillidade daquellas doidivanas.

*
* *

A girafa do *Jardin des Plantes* acaba de se suicidar. Em torno de tal acontecimento se desenvolveram grandes passadas judiciarias. A policia do Sr. Hennion estremeceu apavorada e os agentes se puzeram a matutar, de guedelha revolta.

Trabalhou-se no commissariado dia e noite, a fazer uma *enquète*. Primeira questão mais grave: que faltava ao formoso animal? Positivamente nada. Davam-lhe succulentas iguarias que muitos mendigos invejariam. Davam-lhe a beber agua com mel. As creanças divertiam-se, acariciando-a, passando as mãosinhas pelas grades da gaiola. E todavia ella esmagára a cabeça de encontro a um muro da prisão. Pobresinha! Tinha apenas dezasete annos.

Nascêra em Paris duma mãe desapparecida. Jamais conhecêra as grandes selvas africanas, as florestas medonhas, onde o seu caracter encontrasse expansão. Nascêra em Paris, ali, no *Jardin des Plantes*, perto da gare de Lyon. Consequentemente a policia afastou do seu trabalho a hypothese da nostalgia. Se a girafa não se suicidara por nostalgia, porque se suicidara então? Mysterio. Após uma semana de grave cogitar, a *enquete* foi suspensa.

Eu creio, apezar de tudo, que o mamifero se suicidou de mera nostalgia. Gerada para ser livre, para ter espaço, a girafa penava naquelle recanto do *Jardin des Plantes*. Que importa nunca ter visto as selvas? *Dingo* jamais vivera na Australia, com semelhantes, e no entanto o seu sangue pedia devastação, impellia-o á morte, ao estrangulamento e elle matava atravéz campos, os pavões, os carneiros, as gallinhas, os coelhos. O mesmo succederia com a girafa suicida. Estava nas suas veias o amor poetico pela liberdade de movimentos e de acção. Quizera correr por entre as arvores, saltar por sobre os fios de aguas murmurejantes, estirar o nobre pescoço a sondar o horizonte. Os homens estupidos aprisionaram-na. Ella suicidou-se, ella fez muito bem. Só os inferiores se sujeitam á escravidão. Pobresinha! Tinha apenas dezasete annos!

* * *

Henrique Peyre de Betouzet, homem de letras, conheceu Maria Luiza Malibran, amou-a e esposou-a. Foram felizes; passaram-se dois annos; nasceu do casal uma criança que teve o nome de Izabel. Mezes depois do parto, a mãe, doente, teve de partir para a Suissa, emquanto o marido ficava nos afazeres de secretario geral duma livraria dos boulevards. O azar quiz que certa noite elle descobrisse toda uma correspondencia amorosa da mulher. Então uma phrase terrivel,

pronunciada por Maria Luiza, ha muito tempo, durante quente discussão domestica, acudiu-lhe á memoria.

—Izabel não é tua filha...Para que insistes?..:

E depois pedira-lhe perdão, negando completamente. Entretanto, apezar da descoberta, duvidando, porque a duvida é uma força, Henrique Peyre esperou que Maria Luiza voltasse da Suissa.

—E' verdade? perguntou-lhe quando ella desembarcou.

—Sim, confessou a adultera.

E divorciaram-se. Henrique de Betouzet adorava a filha. Seria realmente sua filha?—Não pensava mais nisso—declarou ao tribunal. Tinha um fito: fazer della uma mulher honesta...

Por decisão da côrte suprema a guarda da criança foi, porém, confiada á Sra. Peyre. Pela ultima vez Henrique de Betouzet tinha que ver a sua filhinha. Era por um domingo de maio, a primavera fazia uma suave apparição. Elle esperava no seu apartamento da rua Jacob. Ouviu vozes. Correu á porta:

—*Mon enfant! Mon enfant!*

—Papá!

No mesmo momento a Sra. Peyre desatou a rir com uma risadinha de má mulher.

—Ah! Ah! «*Mon enfant! Mon enfant!*» Ella é tua, a criança, pobre Henrique?...Ah! Ah! Ah!

Desesperado, ferido no seu amor proprio, Henrique respondeu:

—Canalha!

A Sra. Peyre cuspiu-lhe no rosto e esbofeteou-o. Elle perdeu a cabeça e matou-a com quatro balas de revolver.

Era criminoso, esse homem infeliz? O tribunal reconheceu que não. Só elle poderia educar a pequena Izabel. Nunca Maria Luiza Malibran faria da filha uma «mulher honesta».

*
* *

Para que se faça uma idéa da magistratura franceza, vou reproduzir sem commentario um episodio occorrido no tribunal correccional.

Um rapaz chamado Lefèvre, accusado de roubo em detrimento de um carregador, defendia-se energicamente. O presidente accumulava contra elle todas as provas, parecendo dizer-lhe:

—Não tente negar. Quando se está tão mal vestido não se póde ser innocente...

Elle comprehendeu a verdade, esse accusado de ouvidos subtis.

—Por vestir pobremente não se segue que tenha commettido o roubo. Juro...

—Cale-se e sente-se. Façam entrar a testemunha...

A testemunha era uma pobre mulher que chorava copiosamente.

—Senhores—annunciou—tenho a dizer-vos que este rapaz está innocente...

Audacia! Uma pobre mulher sem valor algum ousar dizer aos senhores juizes que aquelle rapaz estava innocente!

—Que diz lá?—atirou-lhe o presidente — Como prova esta mentira?...

Após um grande esforço para reter as lagrimas, ella respondeu, com infinita desolação:

—Sei que está innocente, meus senhores, porque o autor do roubo é o meu desgraçado filho.

Houve um instante de emoção passageira.

—Vá embora—ordenou o presidente ao rapaz maltrapilho—o Tribunal absolve-o...

E o intruso foi-se. E este pequeno episodio encerra uma moral complicada e amarissima.

* * *

O padre Ribereau, vigario de Landrais, o delicioso Léon Ribereau, acaba de ser comdemnado a vinte annos de trabalhos forçados.

—Você está damnado, meu filho, exclamava um santo capuchinho, ouvindo-o em confissão; retire-se para um convento!

O padre ficava surdo a todos os conselhos que lhe davam. A sua vida era invejavel: comia bem, bebia melhor, recebia visitas de numerosas devotas bo-

nitinhas e dengosinhas. Uma vasta viuva residente em Royan, perto de Landrais, dava dez annos de existencia por um minuto de intimidade com Léon Ribereau que, aliás, a consolava. E ei-la que se lembra um dia de morrer e lhe deixar em testamento, 3.000 francos, como *recordação das horas cálidas. etc. etc. etc.* ...(textual). O vigario Ribereau pegou dos tres mil francos, pretextou uma molestia, arranjou uma *cocotte*, partiu para a *Côte d'Azur*, visitou Paris, suspirou sentimentalmente, excursionando pelo *Esterel*, divertiu-se como um estroina, deu vestidos, botinas e chapéos á sua *cocotte*, gastou os tres mil francos com a sua *cocotte* e ficou finalmente na miseria. Voltou então para a melancholica Landrais, com um plano na cabeça. Poz os seus moveis no seguro e viajou para Paris, collocando no Monte da Piedade, com o nome sonoro de Noel Beaurire, conde della Capella, toda a roupa, todos os objectos de valor que possuia o seu presbiterio. Tornando a Landrais, poz fogo á sacristia, afim de fazer desapparecer seu crime. Prenderam-no quando ardia a igreja.

—Eu não estava em Landrais, por occasião do incendio, defendeu-se Ribereau no tribunal.

—Ausencia suspeita! observou o presidente.

—Suspeita deveria ser minha presença! respondeu elle.

—O fogo não teria pegado por si mesmo!

—Foram os malfeitores, Sr. presidente.

—Nada roubaram, entretanto!

—Como se sabe? Ninguem pode provar se os objectos desapparecidos foram queimados ou roubados.

De resposta em resposta, trahio-se o cura. Cita-se a proposito, a seguinte passagem que bem o define: Uma tarde, na prisão, Ribereau conversava com o inspector Domerc, amigo seu. Da prisão se avistava a Capella d'Ardillières.

—Vê você aquelle Deus!—disse o abbade ao policia civil—*Eh! bien!* não acredito n'Elle... mas se existe, garanto perante Elle que sou effectivamente culpado. Confesso isto apenas a você, que é meu amigo...Agi de uma maneira toda especial...Não fale a ninguem. Se me vender, vingar-me-ei.

O inspector fez pouco caso da ameaça e *vendeu* Ribereau. Semelhante venda custou ao pobre cura a terrivel condemnação que tem de purgar: vinte annos de trabalhos forçados.

*
* *

Embarquei-me a semana passada para Calais e passei dois dias nessa cidade pittoresca. Um meeting de *canots automobiles* chamava á beira da Mancha todo um publico numerosissimo. Estive dois dias em Calais e Calais...Calais...é simplesmente o Recife...

Da ultima vez que desembarquei no Recife descobri no alto de um hotel o seguinte aviso:

PRATOS A COMER AOS QUE VIAJAM E AOS QUE SÃO DA TERRA

Admirei sinceramente tamanha intelligencia.

Em Calais, na praça Juillot, vi em grossas letras, á porta de um escriptorio de aluguel de vehiculos:

CARROS E CAVALLOS AUTOMOVEIS

Eu conhecia o carro automovel, mas o cavallo automovel deixa-me completamente sonhador...

Observei ainda em Calais que os *garçons* andam em mangas de camisa. Ao chegar um freguez, grita o *fiscal* do café:

—Terceira columna a esquerda! Mesa n. 2. Olha á direita!

Infelizmente este habito alarve não existe somente no Recife e em Calais...existe sobretudo no Rio...

Calais, como Recife, está enterrada em mangues conquistados. Tem uma comedia maravilhosa: a de Pangloss Renard Ainé. Tem uma gloria ferreteada: Jean Bartente com os seus poemas. As duas cidades maritimas vivem das brisas do oceano. O Recife respira o vento longinquo da Africa. Calais, jogralescamente, procura respirar o vento da Mancha. Dover,

fortaleza ciumenta, tira-lhe a primasia. Ha quarenta annos que Calais pede á sua municipalidade dragas para retirar a lama dos seus riachos. A municipalidade de Calais assemelha-se á municipalidade do Recife: gosta do máo cheiro. O Recife possue uma vaidade brasiliense: a vaidade da natureza. O recifense diz: o nosso céo é bello como o céo da Italia. Calais possue uma vaidade franceza, a vaidade do cynismo galante. O calaisiano diz: «Temos umas mulheres! Ah! Ah! que mulheres, que mulheres!...» Nas duas cidades, tamalavez, dentro de mesquinha hostilidade, observa-se a certeza asculenta de que o homem é mais que nunca, um lobo para o homem: *homo homini lupus*...

*
* *

Chonmorn, o alfarrabista da ponte São Miguel, que acaba de fallecer e de quem Anatolio France se occupou longamente, era uma personagem deveras interessante. Anarchista convencido, demagogo e revolucionario, o velho Chonmorn não perdoava aos inimigos das suas idéas. Fazia gosto ve-lo da cadeira de seu sêbo a invectivar os agentes, os soldados, os padres, os juizes, todos os que passavam ao alcance de seus olhos—São uns bandidos! São uns trahidores!

E o velho Chonmorn escorria o seu odio em ondas tempestuosas de fel. Ironicamente dava nomes de ministros ao seu cachorro inseparavel. O cão do

pae Chonmorn chamou-se successivamente Clemenceau, Briand, Caillaux, Delcassé, Barthou, Poincaré. Ultimamente chamava-se Pams. Chonmorn lia alto os jornaes revolucionarios.

—Para que?—perguntavam-lhe os amigos.

—Para ensinar meu cachorro a ser tudo, menos um escravo da republica...

Imagine-se, pois, da popularidade do velho Chonmorn.

Os *sargents de ville* conheciam-n'o sobejamente.

—Não o prendam! Não o prendam!—recommendavam os commissarios do bairro do Odeon.

Livre desta maneira, o pae Chonmorn dava curso ás suas reclamações e estraçalhava com a sua critica audaciosa todos os actos governamentaes. Derradeiramente a sua grande preoccupação era a carestia da vida.

—Onde se poderá comer algo que não seja mal feito ou falsificado? declamava.

E corria todos os restaurantes, jámais comendo duas vezes no mesmo.

Morreu sem descobrir onde comer algo que não fosse falsificado. Era um misanthropo e um bom, no meio de toda a sua loucura. Tinha uma opinião sobre Anatolio France e a mesma sobre Octavio Mirbeau.

—São as duas figuras mais sympathicas da sociedade actual—declarava convencido.

Ao succumbir no seu quarto tristonho da rua Za-

charie, o velho Chonmorn teve como homenagem ás suas idéas revolucionarias a visita dos dois formidaveis escriptores. Deixou a sociedade que tanto odiava, com a idade de 84 annos e falleceu no mesmo dia que Henrique Rochefort, inimigos irreconciliaveis.

*
* *

Eu amanhecêra aborrecido, cansado, sentindo-me velho. Um dia cinzento e feio começára a influir mal nos meus nervos inquietos. A solidão exasperava-me. Sahi. Era cêdo, 8 horas, e a metropole vivia febril. Segui pelo Boulevard dos Italianos e pela praça da Opera, encostando-me ao muro que borda o Metropolitano.

Abriam-se os *ateliers*, os armazens e os escriptorios; e como todos os empregados dos *ateliers*, dos armazens e dos escriptorios pertencem, na maioria, ao sexo feminino, as pobres operarias passavam, tomavam *autobus*, agitavam na carreira as plumas dos seus chapéos, eram substituidas por outras que chegavam, que corriam, que se iam. Aquillo divertia-me. Lembra-me que fiquei de pé, no mesmo logar, mais de uma hora, sem ter nada que fazer e cogitando da alegria de Paris e do imperio magestoso das suas mulheres...

A mulher que trabalha aperfeiçôa a intelligencia e conseguintemente se embelleza, faz-se *coquette* e

multiplica os seus ardis. Ora, a coisa influe fatalmente no ambiente: uma rosa perfuma, a poeira cega, a humidade mata. Vai-se ao Louvre para ver a arte... e a mulher está ali e a arte que nós admiramos a canta cegamente. E' a mulher o primeiro objecto que nos fere a vista—é a mulher quem seduz nas platéas, é ella quem nos toma os bilhetes, quem nos toma a bengala e quem nos indica onde devemos sentar. E assim por diante... A mulher está em toda parte, no cabaret e na enxovia, prompta a nos dar felicidade volupia, morte...

E, para abreviar, desde esse dia em que a admirei aos magotes, na praça da Opera, ás 8 horas da manhã, eu pergunto a mim mesmo, eu torturo a cabeça a perguntar se nós amamos Paris pela sua belleza artistica, pelo seu renome ou pelo... «imperio magestoso da parisiense...»

A NOITE DA CIDADE LUZ

Emquanto os burguezes venerabundos se enterram na calma bemfazeja da noite, os cretinos e os ricaços se espalham sobre Paris para constituir o que o chronista chama habitualmente o Paris nocturno.

E então a cidade acorda para a loucura. Depois de 9 horas vê-se o deus Dinheiro estender a mão ao deus Podridão e dizer-lhe: divirtamo-nos. E os carrancudos se divertem.

Trazendo da illusão creaturas tão subtis que até parecem almas deplorativas da Divina Comedia envoltas em tarlatana (reptindo a ductil comparação de Camillo Castello Branco) os dois infames gosam o vicio das desatremadas. Fazem com ellas o *trottoir*, cantando estribilhos de *cabarets*. Levam-nas ás galerias dos theatros chics para que sejam vistas pelos satyros pançudos. Ensinam-lhes a maneira prodiga de conquistarem a confiança dos desconfiados com a coisa sensivel

que se chama velhacaria. Obrigam-nas a serem anonymas para a sympathia, chloroticas para o ideal e estupidas para o amor. Gritam-lhes exclamações que se resumem nos argots: «feignant... goujat... voyou...»

Trazendo do quietismo homens tranquillos, matam-nos com este horror: o jogo. A's mulheres ensinam maldade; aos homens cynismo. Da maldade ao roubo vão dois passos; do cynismo ao assassinio vão tres passos. De noite, entre os esplendores das luzes e das riquezas multiplas, Paris tem um vago e mysterioso aspecto de emboscada.

Na vida que começa ás 9 horas, o que aggride sobretudo o annotador, são as mulheres. Ninguem imagina que quantidade immensa de raparigas vive nos passeios em busca de aventuras. Não é num ponto fixo, numa cloaca fixa. E' em toda a cloaca luzente. Nos boulevards e nos faubourgs, nos theatros e nos cassinos, nos cabarets e nas enxovias corpos fatigados supplicam pratas em troca de afagos e têm attitudes mutativas. Até onze horas mostram arrogancias negligentes. Das onze a uma da madrugada indicam impaciencia e cansaço. Depois das duas da manhã movem-se difficilmente e parecem clamar: «Nós encerramos o desengano duma miseria secular: damos caricias e recebemos dinheiros: somos a civilisação e a elegancia. Entreguem-nos o que precisamos para sermos bellas e bem postas sobre o corpo nojento».

Os espertos, ao contacto façanhudo do chauffeur e do *garçon*, azedam o ar, empestam-no. Por entre os perfumes, os gritos estridulos, o espoucar dos vinhos excitantes, ha uma segunda atmosphera carregada de nauseas. Sente-se o desgosto em todos os vencidos.

—Paris! Paris!—exclamam os maravilhados. Eis a noite arrogante do crime, a patranha suprema do riso! Viva a champanha!...

E o *champagne* faz largo rio espumante desde o moinho da Gallete até ao Cassino Olympia, visita o *Moulin Rouge*, estaciona nos cabarets de Clichy, desce o boulevard Rochechouart, desce o boulevard Strasbourg, penetra nas grandes arterias centraes, volta pelas immediações da rua Blondel, chocalha risadas em beccos duvidosos e mal cheirosos, dá um pulo á porta Maillot, vence no Luna Park, no Bois, na Magic City...

— E é Paris, a noite sonora de Paris, a noite da Europa... E é o *champagne* augusto e inglezado... Vivam os homens que falam inglez...

Mas a noite de Paris fervilha sobretudo em Montmartre, no bairro latino moderno dos poetas pobres e dos artistas esperançosos. O *Hypodrome* e o *Moulin Rouge* apparecem primeiramente a quem chega ao boulevard Clichy. Depois, quase no mesmo boulevard, os cabarets principaes. O *Cabaret du ciel*, todo azul, tem a porta guardada por um anjo de azas diaphanas

O porteiro introduz o mortal numa igreja onde a gente se prosterna diante de *Porcus*, um animal de oiro de cabeça de suino. O *Cabaret d'enfer*, violentamente vermelho, está ao lado do *Cabaret du ciel*. Na grande sala, dois demonios, numa marmita, tocam guitarra, «ha tres mil annos». No *Cabaret du Neant*, blague macabra e sombria (forrado de negro) bebe-se *bock* em craneos humanos e come-se com garfos feitos de ossos. O *Rat mort*, de celebridade animada, tem um nome que vem dum rato afogado num tubo que levava cerveja ao café. No *Cabaret des Quat'z'arts* se refugia toda a nobreza artistica e talentosa. O *Cabaret Bruant*, creado pelo bardo violento dos humildes e desherdados, attrahe pelas canções realistas e velhas. E assim por diante vém surgindo o *Monico*, a *Abbaye de Theleme*, o *Royal Souper*, a *Cigale*, etc...

—Viva o champanhe da Cidade Luz!... Vivam os homens que têm dinheiro!...

Ensaiando-se a revista geral pelos bordeis duvidosos, encontrar-se-á a sociedade mais pulha e mais criminosa: jornalistas que são chantagistas; chantagistas que são escriptores; escriptores que são policias secretas, policias que são moedeiros falsos, moedeiros que são comicos, comicos que são vigaristas, vigaristas que são funccionarios. Os que perecem no bom caminho escolhem a noite para a acção. E na noite do crime a multidão rubra adextra a dansa da fatalidade.

Quem não se quizer expôr, que não saia. Nos boulevards passeiam phantasmas, nos becos, *apaches*.

O *apache* das barreiras, com o classico lenço vermelho, quando ousa passar os muros da cidade, usa collarinho e punhal de cabo de prata. O *apache* do seculo do cynismo é o typo do francez espadachim dos Luizes e dos Henriques. Bravo, audacioso, tem contra si o direito e a policia. No seculo XVI era livre, esgrimia por dez francos e amava as hospedeiras. Hoje é perseguido, mata por vinte francos e escravisa as rameiras.

O Paris nocturno tem dessas curiosidades. Se formos enumera-las, escreveremos duzentas tiras. Mas mesmo na sua treva, mesmo na sua noite, mesmo na sua atmosphera fetida, Paris vence pela sympathia. E a degradação parisiense, suja, rossagante, homicida, nuvosa, possue um que de destacavel e perdoavel: é uma degradação fina e hedimaniaca— quase diremos uma degradação intellectual.

PARTIR

Em certa tarde de Junho, pelo calor ardente, no convivio de Georges Gafner, perdia-me em divagações dentro duma pequena casa cercada de arvoredos, toda embalada no silencio dos livros e das flôres abertas— a casa onde o coração de Flaubert repousa num cofre de madeira oblongo e negro. Tinhamos ido visitar o que resta do autor da *Tentação de Santo Antão*. Outros visitantes estavam juntamente comnosco. No cofre, cartas amarelleciam com este endereço: «Mme. Colet, 21, rue de Sèvres». Era a correspondencia de Flaubert a Louise Colet, que elle chamava «la Muse» e a quem adorara desde o dia em que a conhecera no *atelier* do esculptor Pradier. Rompendo o silencio que nos pungia, Georges Gafner murmurou:

—Elle era um artista... Amou...viajou... escreveu... era um artista perfeito...

E puxando-me para o canto duma janella, falou vagarosamente:

—Toda a realidade fulgente tira o sentido futil destes tres participios: amou... viajou... escreveu... Parece-me que um delles se torna incompleto sem os outros dois. Flaubert foi um dos raros artistas puros que sentiram as volupias completas...soffrendo, amando e viajando.

E a olhar para a fumaça do seu cigarro a diluir-se na sombra do crepusculo, repisou:

—E'-se sempre feliz quando se parte...*Partir* — eis a suprema felicidade...

*
* *

Agora, com a chegada do verão, uma unica doçura me atormenta com acerbia: a de *partir*...

Acho-me entretanto feliz nesta cidade maravilhosa. Procuro diariamente uma parcella de egoismo para observar com menos ambiguidade a sabedoria universal. Estudo na calma do meu apartamento o Paris luz, o Paris treva, o Paris garoto, o Paris bandido, o Paris miseria. Gozo entre as risadas esquivas de miss Lea Campton e as ironias de Guitry (Sacha) o actor autor que faz e cria typos ladrões ou escrocs. Bemdigo nas minhas estantes a literatura do brasileiro Euclydes da Cunha, do portuguez Eça de Queiroz, do inglez Kipling, do hungaro Mikszath, do suisso Rod, do hindú Ghosh, do norueguez Bjornson, do canadiano Motl, do bohemio Preissova, do finlandez Tavastsjerna, do

grego Epthaliotis, do dinamarquez Drachmann. Em cada lombada de livro saboreio um encanto recachado. Namoro os meus quadros, minhas estatuetas, esmago os tapetes com passeios interminaveis. Chego depois até uma varanda: ha silencio, nevoa, febre de trabalho. Do meu segundo andar abranjo com a vista a vizinhança febril: em baixo, um *atelier*; em cima, outros *ateliers*, ao longo do pateo, desde a fachada do faubourg Poissonnière até ao oitão da igreja de Santa Cecilia. Nos *ateliers* raparigas cosem, confeccionam flores, riem, cantam, aldrabam piadas e trocadilhos. Parecem mulheres mas são antes que tudo, francezas. Deixo-as tranquillas, enterro-me num camapé e faço da imaginação um fio argenteo que atravessa a realidade e vae cair no meu «Eu» tão longinquo...

Partir! Quantas vezes esta palavra me soou aos ouvidos, impulsivamente, dolorosamente! Partir para o desconhecido sem nunca ter cultivado um affecto verdadeiro, sem nunca ter cultivado um amor verdadeiro! Partir e esquecer os amigos e esquecer as amantes e sonhar novas terras e novos mares! Experimentei as diversas traducções daquelle vocabulo que se dilue na quilha de um paquete ligeiro. Parti da cidade que era a cidade da minha familia e deixei num caes barulhento as illusões de criança e as amizades dos meus parentes. Parti do Rio e deixei os ultimos brilhos de minha juventude perdida. Parti de Londres para fugir duma melancolia tenaz e duma ancia me-

galomaniaca anciã. Em Londres eu soffria na actividade da *City*, como em Berlim no escarceu remanescente da *Friedrichstrasse*. Roma bem amada foi esquecida, embora com as palavras de Rutilus que tanto me enterneciam nas visitas ás ruinas que fazem da villa dos cezares o «immondezzaio» do universo de que foi ella a rainha. Procurei observar a viagem dantesca. Estive com Ugolino, em Piza. Na igreja de San Romano, em Lucca, beijei a mais bella Magdalena de Fra Bartholomeu. Em Pistoia, na cathedral, cri reconhecer Madona Selvaggia, junto ao tumulo de Cino. Em Florença visitei o San Giovanni, «il mio San Giovanni», que é o unico monumento que ainda existe do tempo d'Aliguieri. No valle do Arno, em Siena, em Perusa, em Agulio, em Avelana, em Mantua, em Verona, em Padua, em Rimini, em Ravena procurei a illustração natural do poema phantastico. E sempre parti para sempre soffrer...Partir é isolar-se—quem parte morre para o passado que fica no logar esquecido. Quem parte de Paris morre para a alegria. Paris é a cara metade do Bamboche Prazer...

Quando o silvo agudo duma locomotiva me arrancou dos barulhos da gare de Lyon para as campinas accidentadas que me guiariam á Italia, as palavras de Georges Gafner me soaram aos tympanos auditivos como um agoiro. E então, sentimentalmente, debruçando-me á portinhola do vagão, agitando um lenço em

direcção a «mezopolis laóbora» eu sonhei, num segundo, reunir todas as lembranças das mulheres amadas numa unica mulher e desdobrar essa mulher sobre as cinco letras de Paris, e depois, das cinco letras fazer uma phantazia muito feminina, encosta-la aos meus hombros doridos, encosta-la á minha cabeça fatigada e repetir como no *Forse che si, forse che no:* «Ah! meu amor, meu amor, deixa-me aqui, guarda-me ainda um pouco, ainda um pouco. Que eu fique na sombra, no odôr da cera e da morte; que não veja a alvorada nas colinas, que não me separe de ti sob as ultimas estrellas, que não saiba que um outro dia comece sem ti, ó meu amor! Não tenho mais forças e morro de fadiga! Deixa-me aqui, num canto, perto destes destroços. E meterei meu braço sob minha cabeça e meu braço e minha cabeça, e tudo que é meu, apoiarei sobre estas palavras: «chére douce»; e fecharei assim os meus os meus olhos claros que são claros como os teus olhos, e depois adormecerei. E nunca mais despertarei, se me não despertares, meu amor...»

FIM

Nota do editor: As chronicas que compõem este livro foram publicadas de 1911 a 1913, no «Correio da Manhã» e na «Gazeta de Noticias». A revisão das suas provas não foi feita pelo autor.

INDICE